3 1761 05238038 3

JOÃO DO R
(da Academia Brazileira)

DENTRO da NOITE

H. GARNIER
Rio de Janeiro

A. de Almeida-Garrett

Dentro da Noite

OBRAS DO AUTOR

As Religiões do Rio, 8.ª edição.

Alma Encantadora das Ruas, 3.ª edição revista.

O Momento literario.

Cinematographo (chronicas cariocas).

Frivola City.

Era uma vez... (contos para creanças em collaboração com Viriato Correia).

Jornal de Verão (chronica de Petropolis).

TRADUÇÕES

Salomé, poema dramatico de Oscar Wilde.

O Retrato de Dorian Gray, romance de Oscar Wilde.

Intenções, de Oscar Wilde.

O Leque de Lady Windermare de Oscar Wilde.

Oscar Wilde, por Harlgorough Sherard.

THEATRO

Ultima noite, episodio dramatico em 1 acto, representado no Tneatro Recreio Dramatico em a noite de 8 de março de 1907.

A apparecer :

Portugal d'Agora.

JOÃO DO RIO

(DA ACADEMIA BRAZILEIRA)

Dentro da Noite

Preservai-nos, Senhor,
das coisas terrificas que
andam á noite...

Rei DAVID.

1st edition

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1910

PQ
9697
R59D4

A FELIX PACHECO

Cordialmente

JOAO DO RIO

DENTRO DA NOITE

— Então causou sensação?

— Tanto mais quanto era inexplicavel. Tu amavas a Clotilde, não? Ella, coitadita! parecia louca por ti, e os páes estavam radiantes de alegria. De repente, subita transformação. Tu desapareces, a familia fecha os salões como se estivesse de lucto pesado. Clotilde chóra... Evidentemente havia um misterio, uma dessas coisas capazes de fazer os espiritos imaginosos architectarem dramas horrendos. Por felicidade, o juizo geral é contra o teu procedimento.

— Contra mim?

— Podia ser contra a pureza da Clotilde. Graças aos deuses, porém, é contra ti. Eu mesmo concordaria com o Prates que te chama velhaco, se não viesse encontrar o nosso Rodolpho, agora, ás onze da noite, por tamanha intemperie metido num trem de suburbio, com o ar desvairado...

— Eu tenho o ar desvairado?

— Absolutamente desvairado.

— Vê-se?

— E' claro. Pobre amigo! Então, sofreste muito? Conta lá. Estás palido, suando apezar da temperatura fria, e com um olhar tão estranho, tão exquisito. Parece que bebeste e que choraste. Conta lá. Nunca pensei encontrar o Rodolpho Queiroz, o mais elegante artista desta terra, nem trem de surburbio, ás onze de uma noite de temporal. E' curioso. Ocultas os pezares nas matas suburbanas? Estás a fazer passeios de vicio perigoso?

O trem rasgara a tréva num silvo alanhante, e de novo cavalava sobre os trilhos. Um sino enorme ia com elle badalando, e pelas portinholas do vagon viam-se, a marginar a estrada, as luzes das casas ainda abertas, os silvedos empapados d'agua e a chuva lastimavel a tecer o seu infindavel veu de lagrimas. Percebi então que o sujeito gordo da banqueta proxima — o que falava mais — dizia para o outro:

— Mas como tremes, creatura de Deus! Estás doente?

O outro sorriu desanimado.

— Não; estou nervoso, estou com a maldita crise. E como o gordo esperasse:

— Oh! meu caro, o Prates tem razão! E teve razão a familia de Clotilde e tens razão tu cujo olhar é de assustada piedade. Sou um miseravel desvairado, sou um infame desgraçado.

— Mas que é isto, Rodolpho?

— Que é isto! E' o fim, meu bom amigo, é o meu fim. Não ha quem não tenha o seu vicio, a sua

tara, a sua brécha. Eu tenho um vicio que é positivamente a loucura. Luto, resisto, grito, debato-me, não quero, não quero, mas o vicio vem vindo a rir, toma-me a mão, faz-me inconsciente, apodera-se de mim. Estou com a crise. Lembras-te da Jeanne Dambreuil quando se picava com morphina? Lembras-te do João Guedes quando nos convidava para as *fumeries* d'opio? Sabiam ambos que acabavam a vida e não podiam resistir. Eu quero resistir e não posso. Estás a conversar com um homem que se sente doido.

— Tomas morphina, agora? Foi o desgosto de certo...

O rapaz que tinha o olhar desvairado perscrutou o vagon. Não havia ninguem mais — a não ser eu, e eu dormia profundamente... Elle então aproximou-se do sujeito gordo, numa ancia de explicações.

— Foi de repente, Justino. Nunca pensei! Eu era um homem regular, de bons instinctos, com uma familia honesta. Ia casar com a Clotilde, ser de bondade a que amava perdidamente. E uma noite estavamos no baile das Praxedes, quando a Clotilde apareceu decotada, com os braços nús. Que braços! Eram delicadissimos, de uma beleza ingenua e comovedora, meio infantil, meio mulher — a beleza dos braços das Oreadas pintadas por Boticelli, mixto de castidade mistica e de alegria pagã. Tive um estremecimento. Ciumes? Não. Era um estado que nunca se apossara de mim: a vontade de têl-os só para os meus olhos, de beijal-os, de acaricial-os, mas principal-

mente de fazêl-os sofrer. Fui ao encontro da pobre rapariga, fazendo um enorme esforço, porque o meu desejo era agarrar-lhe os braços, sacudil-os, apertal-os com toda a força, fazer-lhes manchas negras, bem negras, feril-os... Porque? Não sei, nem eu mesmo sei — uma nevrose! Essa noite passei-a numa agitação incrivel. Mas contive-me. Contive-me dias, mezes, um longo tempo, com pavor do que poderia acontecer. O desejo, porém ficou, cresceu, brotou, enraigou-se na minha pobre alma. No primeiro instante, a minha vontade era bater-lhe com pezos, brutalmente. Agora a grande vontade era de espetal-os, de enterrar-lhes longos alfinetes, de cozel-os devagarinho, a picadas. E junto de Clotilde, por mais cumpridas que trouxesse as mangas, eu via esses braços nús como na primeira noite, via a sua fórma gracil e suave, sentia a finura da pele e imaginava o subito estremeção quando podesse enterrar o primeiro alfinete, escolhia posições, compunha o prazer deante d'aquelle susto de carne que havia de sentir.

— Que horror!

— Afinal, uma outra vez, encontrei-a na *sauterie* da viscondessa de Lages, com um vestido em que as mangas eram de gaze. Os seus braços — oh! que braços, Justino, que braços! — estavam quasi nús. Quando Clotilde erguia-os, parecia uma nimpha que fosse se metamorphoseando em anjo. No canto da varanda, entre as roseiras, ella disse-me: — « Rodolpho, que olhar o seu. Está zangado? » Não foi possivel reter o desejo que me punha a tremer,

rangendo os dentes. — « Oh ! não ! fiz. Estou apenas com vontade de espetar este alfinete no seu braço. » Sabes como é pura a Clotilde. A pobresita olhou-me assustada, pensou, sorriu com tristeza: — « Se não quer que eu mostre os braços porque não me disse ha mais tempo, Rodolpho? Diga, é isso que o faz zangado? » — « E', é isso, Clotilde. » E rindo — como esse riso devia parecer idiota ! — continuei : « E' preciso pagar ao meu ciume a sua divida de sangue. Deixe espetar o alfinete. » — « Está louco, Rodolpho? » — « Que tem? » — « Vae fazer-me doer. » — « Não doe. » — « E o sangue? » — « Beberei essa gota de sangue como a ambrosia do esquecimento. » E dei por mim, quasi de joelhos, implorando, suplicando, inventando frases, com um gosto de sangue na boca e as fontes a bater, a bater... Clotilde por fim estava atordoada, vencida, não comprehendendo bem se devia ou não resistir. Ah ! meu caro, as mulheres ! Que estranho fundo de bondade, de submissão, de desejo, de dedicação inconsciente tem uma pobre menina ! Ao cabo de um certo tempo, ella curvou a cabeça, murmurou num suspiro : « Bem, Rodolpho, faça... mas de vagar, Rodolpho ! Ha de doer tanto ! » E os seus dois braços tremiam.

Tirei da botoeira da casaca um alfinete, e nervoso, nervoso como se fosse amar pela primeira vez, escolhi o logar, passei a mão, senti a péle macia e enterrei-o. Foi como se fisgasse uma petala de camelia, mas deu-me um gozo complexo de que participavam todos os meus sentidos. Ella teve

um ah! de dôr, levou o lenço ao sitio picado, e disse, magoadamente : — « Mau ! »

Ah! Justino, não dormi. Deitado, a delicia d'aquella carne que sofrera por meu desejo, a sensação do aço afundando de vagar no braço da minha noiva, dava-me espasmos d'horror! Que prazer tremendo! E apertando os varões da cama, mordendo a travesseira, eu tinha a certeza de que dentro de mim rebentara a molestia incuravel. Ao mesmo tempo que forçava o pensamento a dizer : nunca mais farei essa infamia! todos os meus nervos latejavam : voltas amanhã; tens que gozar de novo o supremo prazer! Era o delirio, era a molestia, era o meu horror...

Houve um silencio. O trem corria em plena tréva, acordando os campos com o desesperado badalar da machina. O sujeito gordo tirou a carteira e acendeu uma cigarreta.

— Caso muito interessante, Rodolpho. Não ha duvida que é uma degeneração sexual, mas o altruismo de S. Francisco d'Assis tambem é degeneração e o amor de Santa Thereza não foi outra coisa. Sabes que Rousseau tinha pouco mais ou menos esse mal? E's mais um tipo a enriquecer a serie enorme dos discipulos do marquez de Sade. Um homem de espirito já definiu o sadismo : a depravação intelectual do assassinato. E's um Jack hiper-civilisado, contentas-te com enterrar alfinites nos braços. Não te assustes.

O outro resfolegava, com a cabeça entre as mãos.

— Não rias, Justino. Estás a tecer paradoxos

deante de uma creatura já do outro lado da vida normal. E' lugubre.

— Então continuaste?

— Sim, continuei, voltei, imediatamente. No dia seguinte, á noitinha, estava em casa de Clotilde, e com um desejo louco, desvairado. Nós conversavamos na sala de visitas. Os velhos ficavam por ali a montar guarda. Eu e a Clotilde iamos para o fundo, para o sofá. Logo ao entrar tive o instincto de que podia praticar a minha infamia na penumbra da sala, emquanto o páe conversasse. Estava tão agitado que o velho exclamou : — « Parece, Rodolpho, que vieste a correr para não perder a festa. »

Eu estava louco, apenas. Não poderás nunca imaginar o cáos da minha alma naquelles momentos em que estive a seu lado no sofá, o maelstrom de angustias, de esforços, de desejos, a luta da razão e do mal, o mal que eu senti saltar-me á garganta, tomar-me a mão, ir agir, ir agir... Quando ao cabo de alguns minutos acariciei-lhe na sombra o braço, por cima da manga, numa caricia lenta que subia das mãos para os hombros, entre os dedos senti que já tinha o alfinete, o alfinete pavoroso. Então fechei os olhos, encolhi-me, encolhi-me, e finquei.

Ella estremeceu, suspirou. Eu tive logo um relaxamento de nervos, uma doce acalmia. Passara a crise com a satisfação, mas sobre os meus olhos os olhos de Clotilde se fixaram enormes e eu vi que ella comprehendia vagamente tudo, que ella descobria o seu infortunio e a minha infamia. Como era

nobre, porém! Não disse uma palavra. Era a desgraça. Que se havia de fazer?...

Então depois, Justino, sabes? foi todo o dia. Não lhe via a carne mas sentia-a marcada, ferida. Cosi-lhe os braços! Por ultimo perguntava: — « Fez sangue, hontem? » E ella palida e triste, num suspiro de rôla: Fez... « Pobre Clotilde! A que ponto eu chegara, na necessidade de saber se doera bem, se ferira bem, se estragara bem! E no quarto, á noite, vinham-me grandes pavores subitos ao pensar no casamento porque sabia que se a tivesse toda havia de picar-lhe a carne virginal nos braços, no dorso, nos seios... Justino, que tristeza!...

De novo a voz calou-se. O trem continuava aos solavancos na tempestade, e pareceu-me ouvir o rapaz soluçar. O outro porém estava interessado, e indagou:

— Mas então como te saiste?

— Em um mez ella emagreceu, perdeu as côres. Os seus dois olhos negros ardiam augmentados pelas olheiras roxas. Já não tinha risos. Quando eu chegava, fechava-se no quarto, no desejo de espaçar a hora do tormento. Era a mãe que a ia buscar. « Minha filha, o Rodolpho chegou. Avia-te. » E ella de dentro: « Já vou, mãe ». Que dôr eu tinha quando a via aparecer sem uma palavra! Sentava-se á janela, concertava as flôres da jarra, hesitava, até que sem forças vinha tombar a meu lado, no sofá, como esses pobres passaros que as serpentes fascinam. Afinal, ha dois mezes, uma creada viu-lhe os braços, deu o alarme. Clotilde foi interrogada,

confessou tudo numa onda de soluços. Nessa mesma tarde recebi uma carta sêca do velho páe desfazendo o compromisso e falando em crimes que estão com penas no codigo.

— E fugiste?

— Não fugi; rolei, perdi-me. Nada mais resta do antigo Rodolpho. Sou outro homem, tenho outra alma, outra voz, outras idéas. Assisto-me endoidecer. Perder a Clotilde foi para mim o sossobramento total. Para esquecel-a percorri os lugares de má fama, aluguei por muito dinheiro a dôr das mulheres infames, frequentei alcouces. Até ahi o meu perfil foi dentro em pouco o terror. As mulheres apontavam-me a sorrir, mas um sorriso de medo, de horror.

A pedir, a rogar um instante de calma eu corria ás vezes ruas inteiras da Suburra, numa enxurrada de apodos. Esses entes querem apanhar do amante, sofrem lanhos na furia do amor, mas tremem de nojo assustado deante do ser que pausadamente e sem colera lhes enterra alfinetes. Eu era ridiculo e pavoroso. Dei então para agir livremente, ao acaso, sem dar satisfações, nas desconhecidas. Gozo agora nos tramways, nos music-halls, nos comboios dos caminhos de ferro, nas ruas. E' muito mais simples. Aproximo-me, tomo posição, enterro sem dó o alfinete. Ellas gritam, ás vezes. Eu peço desculpa. Uma já me esbofeteou. Mas ninguem descobre se foi proposital. Gosto mais das magras, as que parecem doentes.

A voz do desvairado tornara-se metalica, outra.

De novo porém a envolveu um tremor assustado.

— Quando te encontrei, Justino, vinha a acompanhar uma rapariga magrinha. Estou com a crise, estou... O teu pobre amigo está perdido, o teu pobre amigo vae ficar louco...

De repente, num entrechocar de todos os vagons, o comboio parou. Estavamos numa estação suja, iluminada vagamente. Dous ou tres empregados appareceram com lanternas rubras e verdes. Apitos trilaram. Nesse momento, uma menina loira com um guarda-chuva a pingar, appareceu, espiou o vagon, caminhou para outro, entrou. O rapaz poz-se de pé logo.

— Adeus.

— Saltas aqui ?

— Salto.

— Mas que vaes fazer ?

— Não posso, deixa-me ! Adeus !

Sahiu, hesitou um instante. De novo os apitos trilaram. O trem teve um arranco. O rapaz apertou a cabeça com as duas mãos como se quizesse reter um irresistivel impulso. Houve um silvo. A enorme massa resfolegando rangeu por sobre os trilhos. O rapaz olhou para os lados, consultou a botoeira, correu para o vagon onde desapparecera a menina loira. Logo o comboio partiu. O homem gordo recolheu a sua curiosidade, mais palido, fazendo subir a vidraça da janela. Depois estendeu-se na banqueta. Eu estava incapaz de erguer-me, imaginando ouvir a cada instante um grito doloroso no outro vagon,

no que estava a menina loira. Mas o comboio rasgara a tréva com outro silvo, cavalgando os trilhos vertiginosamente. Atravéz das vidraças molhadas viam-se numa correria fantastica as luzes das casas ainda abertas, as sebes empapadas d'agua sob a chuva torrencial. E á frente, no alto da locomotiva, como o rebate do desespero, o enorme sino reboava, acordando a noite, enchendo a tréva de um clamor de desgraça e de delirio.

EMOÇOES

A Henrique de Vasconcellos.

EMOÇÕES

Hontem, ás 6 horas da tarde, fui buscar ao club da rua do Passeio o velho barão Belfort, que me promettera mostrar, tres dias antes, a sua cara colecção de esmaltes arabes. O barão jogava e perdia com um moço febril, que á lapela trazia um crysanthemo amarelo, da côr da sua tez. Ao ver-me, disse amavelmente :

— Estamos a jogar. O Oswaldo ganha como um inglez e com a alucinação de um brasileiro. Estou perdendo e apreciando este bom Oswaldo, que ainda tem emoções.

Os seus olhares seguiam, frios e argutos, o jogo do bom Oswaldo, e, a cada cartada, tamborilando os dedos na mesa, Belfort sorria um sorriso mau, entre desconfiado e satisfeito. De repente, porém, as pupilas acenderam-se-lhe. Poz as duas mãos nervosas na mesa, e perguntou, emquanto mais palido o moço estacava :

— E tu não jogas?

— Não.

— Fazes bem. Um escriptor do tempo de Balzac

dizia que o jogo era para a mocidade o veneno da perdição. O veneno ! ora vê tu, o veneno !

Sorriu com delicadeza.

— O Oswaldo permite? Vou embora sem mais um real. Até amanhã. E não deixe de tomar agua de flôr de laranja...

Levantou-se, mirou as unhas brunidas, mirou a gravata, e sahiu, deixando o joven só naquelle salão que o pleno verão tornara deserto. Acompanhei-o, não sem olhar para traz. O moço pendia a cabeça na sombra, e assim palido, com um palido crysanthemo, os seus olhos tinham chispas de susto e de prazer.

Em baixo, no vestiario, o barão deixou que lhe enfiassem o paletot, mandou chamar o *coupé*, e partimos discretamente, sob a tarde luminosa e côr de perola. Belfort aconchegou-se á almofada de setim malva, acendeu uma cigarrilha do Egypto com o seu monograma em ouro, e, emquanto o carro rodava, indagou :

— Que tal achaste o Oswaldo? E' o meu estudo agora. Havia meia hora que me roubava escandalosamente... Não lhe disse nada. Ainda é possivel salval-o...

— Quer perdel-o? indaguei habituado ás excentricidades desse algido ser.

— Oh ! não, quero gosal-o. Tu sabes, o homem é um animal que gosta. O gosto é que varia. Eu gosto de ver as emoções alheias, não chego a ser o bisbilhoteiro das taras do proximo, mas sou o gosador das grandes emoções de em torno. Ver sentir, forçar

as paixões, os delirios, os paroxismos sentimentaes dos outros é a mais delicada das observações e a mais fina emoção.

— Oh! ser horrivel e macabro!

— Seja; horrivel, macabro, mas delicado. E' por isso que eu não quero perder o Oswaldo, quero apenas gosal-o. Preciso não limitar a minha acção humana aos passeios pelo Oriente, ás colecções authenticas e a alguns deboches nos restaurantes de grão tom. Mas dahi a perdel-o, *c'est trop fort*...

— Pois não imagina o mal que fez ao pobre Oswaldo. O rapaz estava horrivelmente palido!

— Tal qual como o outro. Que exemplar, meu caro! que caso admiravel! Esse pequeno ha seis mezes odiava o vispora. Hoje tem a voracidade de ganhar, e tamanha que já rouba. Amanhã arde, queima, rebenta numa banca de jogo. Ah! o jogo! E' o unico instincto de perdição que ainda desencadeia tempestades nos nervos da humanidade. O Oswaldinho é tal qual o outro, o Chinez, a minha ultima observação.

— O Chinez?

Belfort soprou o fumo da cigarrilha, sorrindo.

— Imagina que vai para um anno fui apresentado a ùm rapaz chamado Praxedes, filho de uma Chineza e de um negociante portuguez em Macáu. O homem falava inglez, estava no comercio, e vinha de Shangai, com um carregamento de poterias e bronzes por contrabando, para vender. Simpathizei com elle. Era imberbe, activo, paciente, dizia a cada instante phrases amaveis, e casára

com uma interessante rapariga, a Clotilde — Clô para os intimos. Conversou da China, dos *boxers*, confessou o contrabando e levou-me a vel-o. Que vida feliz a daquelle casal!

O Praxedes sahia pela manhã, trabalhava, voltava para o jantar, e não se largava mais de junto da Clô. Não tinha um vicio, nunca tivera um vicio, era um Chinez espantoso, sem dragões e sem vicios! Estudei-o, analisei-o. Nada. Legislativamente moral.

Uma noite em que o convidára para jantar, jogámos. Adivinharia alguem que cratera esperava o momento de rebentar nessa alma tranquila? A senhora, a Clotilde, cantava no meu piano, com voz triste, a aria do suicidio da detestavel *Gioconda*. Eu estava receioso que depois surgissem variações sobre o bailado das Horas. Disse-lhe despreocupado — « Quer jogar? » — « Não sei ». « E' sempre agradavel ensinar mesmo o vicio ». — « Então ensine ». Pegou das cartas, olhou-as indiferente, mas as minhas palavras ouvia-as desvanecedoramente. Jogámos a primeira partida. Os seus olhos começaram a luzir. Jogámos outra. — « Mas isso assim sem dinheiro? Ponhamos dois tostões ». — « Pois seja ». Perdi. «Redobra-se a parada? » — « Oito tostões? » — « Sim ». — « Pois seja ». A' meia noite jogavamos a dez mil réis, e Clotilde, muito cançada, já sem cantar, fazia inuteis esforços para o arrancar á mesa.

Deitei-me sem conclusões, e só no dia seguinte, quando o chinez enleiado apareceu pedindo outra

partida, é que comprehendi o assombro. A paixão estalara, — a paixão voraz, que corróe, escorcha, rebenta... Invejei-o, e, como homem delicado, joguei e perdi. No outro dia, Praxedes voltou. Levei-o ao club, á roleta, donde sahiu a ganhar pela madrugada.

Ah! meu caro, que scena! que fina emoção! O jogo, quando empolga, domina e envolve o homem, é o mais bello vicio da vida, é o enlouquecedor espectaculo de uma catastrophe sempre iminente, de um abismo em vertigem. O Chinez era pathetico. Com os dedos tremulos, assoando-se de vez em quando, os olhos embaciados, quasi vitreos, o Praxedes rouquejava num estertor silvante que parecia agarrar-se desesperadamente á bola: 27, 15, 2ª duzia! 27, 15, 2.ª duzia! E a bola corria, e a alma do pobre esphacelava-se na corrida, esforçando-se, puxando-a para o numero desejado, num esforço que o tornava roxo...

Jantei no club só para não perder algumas horas o interesse desse espectaculo. Tambem durante tres dias e tres noites, Praxedes não deixou a roleta. Estava palido, fraco. A gente do club, vendo-o ganhar, ganhar mesmo uma fortuna, já o tratava de dom Praxedes. Ao cabo de uma semana, entretanto, a *chance* desandou. Praxedes começou a perder bruscamente com gestos de alucinado, espalhando as fichas como quem arranca pedaços da propria carne.

— « Calma, meu caro, dizia-lhe eu ». — « Impossivel! impossivel! », murmurava elle.

Pediu-me dinheiro, dei-o, pediu a outros, deram-lh'o. Pediu mais — deixou de ser o dom Praxedes, recebeu recusas brutaes. Acabou não voltando mais ao club. Eu, porém, sentia-o em outros antros, definitivamente preso á sua cruz de horror, á cruz que cada homem tem de carregar na vida...

Certa noite, mezes depois, encontrei-o numa batota da rua da Ajuda, com o fato enrugado e a gravata de lado. Correu para mim, « Foi Deus que o trouxe. Estou farto de perúar. Isto de mirone não me serve. Empreste-me cincoenta mil réis para arrumar tudo no oo. Ah ! está dando hoje escandalosamente. Faremos uma vacca? Vai dar pela certa. »

Agarrou a nota como um desesperado, precipitou-se na roda que cercava o *tableau* da direita: Tenho aqui cincoentão; esperem ! » E cahiu por cima dos outros, com o braço esticado.

O duble-zero falhou. Elle voltou cynico : « E' preciso insistir; deixe vêr mais algum. Não dá? Olhe, escute aqui, hipotheco-lhe uma mobilia de quarto, serve? »

Comprehendi então a descabida vertigem daquella quéda. Tive pena. Arrastei-o quasi á força para a rua, fil-o contar-me a vida. Estava desempregado, abandonara o emprego, vendera o mobiliario, as joias da Clô, os vestidos, as roupas, mudara-se para uma casa menor e alugara a sala da frente. A cábula, a má sorte, a *guigne* perseguiam-no, e, pendido ao meu braço o miseravel soluçava : — « Havemos de melhorar, empreste-me algum. Estou sem nickel ! »

Deixei-o sem nickel, mas fui ao outro dia vêr a Clotilde, uma flôr de belleza, com os olhos vermelhos de chorar e as roupas já estragadas. Ia sahir, arranjar dinheiro... — « E seu marido? » — « Meu marido está perdido. Anda por ahi a jogar. Ha dois dias não o vejo; hoje não comi... » — « Abandone-o ! » — « Abandonal-o eu? E a sociedade, e elle? Que seria delle? » — « Ora, elle ! » — « Elle ama-me, ama-me como d'antes. Mas que quer? Veiu-lhe a desgraça. A's vezes brigo, mas elle diz-me : Ai ! Clô, que hei de fazer? E' uma força, uma força que me puxa os musculos. Parece que desenrolaram uma bola de aço dentro de mim, tenho de jogar. E cái em prantos, por ahi, tão triste, tão triste que até lhe vou arranjar dinheiro, que sáio a pedir... »

E' espantoso, pois não? O homem tinha uma bola de aço e a fidelidade da mulher ! Só esses seres especiaes conseguem coisas tão difficeis !

Um instante o barão calou-se. O *coupé* rolava pela praia, e a noite, cahindo, desdobrava por sobre o mar a talagarça fuliginosa das primeiras sombras.

— Respeitei a Clotilde, por systema, já assustado com as proporções emocionaes do marido. Ao outro dia, porém, Praxedes, com sorrisinhos equivocos na face escaveirada : « Esteve com a Clô, ein? Conservada apesar da desgraça, a minha mulherzinha, pois não?... » Recuei assombrado. Aquelle homem bom, digno no fundo, aquelle homem que amava a mulher, para arranjar dinheiro com que satisfa-

zer as cartas e a roleta, mercadejava-a aberta, cynica, despejadamente. — « Que queres tu? indaguei aspero, tem vergonha, vai, some-te! »

— « Eu hypotheco uma mobilia. Só quinhentos, só quinhentos! »

Era a alucinação. Corrio-o, e esperei ancioso, como quem espera o final de uma tragedia, porque tinha a certeza do paroxismo daquelle vicio. Afinal ha de haver seis mezes, antes do meu encontro com o Oswaldo, li, na cama, ás 3 da manhã, este bilhete desesperado : « Venha. Praxedes matou-se. Estou sem ninguem. Acuda-me. — Clô ».

Ai! menino, não sei o que senti. A minha vontade era ver, era saber, era acabar logo. Precipitei-me. Quando cheguei, ás voltas com a policia que queria levar o corpo para o Necroterio, Clotilde, desgrenhada, com os labios em sangue, caiu nos meus braços. — « Então, como foi isso? » — « Sei lá como foi! Tinha que ser! A desgraça! Estava doido. Hypothecou a mobilia, os juros eram semanaes. Não arranjei dinheiro e o judeu levou-a. Dormi no chão. Hontem não appareceu. Hoje estava eu a dormir quando o senti que caminhava. Risquei o phosphoro. Era elle, livido, embrulhando a casaca do casamento. Não sei o que me deu. — « Onde vais? » — « Vou ver si arranjo uns cobres, respondeu. Preciso jogar, sinto » uma ancia, não posso mais. — « Estás doido! » — Nãoestou, Clô, não estou, fez elle arregalando os olhos. Eu fui cruel : olha que si vendes a casaca ficas sem roupa para o enterro. Elle parou. « Para o enterro? para o meu enterro? E'

melhor mesmo, é melhor mesmo, eu não posso mais! » E, de repente, desesperado, começou a bater com a cabeça pelas paredes. Praxedes! Praxedes! Não faças isso! Praxedes! Gritei, solucei. Qual! Cada vez arrumava o craneo com mais força de encontro ás quinas das portas. O som, ah! esse som como me ensandece! Ainda o ouço! E elle todo em sangue, todo em sangue... Agarrei-o. Arrastou-me até á janella, voltou-se, deixou-se cahir em cheio com a nuca na sacada, esticou o pescoço desesperadamente e rodou... Oh! o horror! salve-me! salve-me! »

Abri o grupo dos agentes, fui vêr Praxedes. Estava côr de cera, com a cabeça fendida e os labios coagulados de sangue rôxo. E o olhar vitreo, a mão recurva, assim, sob a luz da madrugada, pareciam seguir ainda e acompanhar o mal a que o impelira a sua bola de aço.

Esse *record* de emoção desesperada prostrou-me. Nunca vi sentir tão vertiginosamente.

O carro parára. O barão saltou, subiu de vagar as escadas de marmore, emquanto no interior de palacete retiniam campainhas electricas.

— Preciso sentir vendo os outros sentir, fez mirando-se no alto espelho do vestiario. Só assim tenho emoções. Garanto-te que o Oswaldo acaba como o Chinez de Macáu, mas por outro meio — com a morphina talvez. Só os Chinezes morrem ás cabeçadas por sentir de mais!

E fomos jantar tranquilamente na sua mesa florida de cravos e anemonas brancas.

HISTORIA DE GENTE ALEGRE

HISTORIA DE GENTE ALEGRE

O terraço era admiravel. A casa toda parecia mesmo ali pouzada á beira dos horisontes sem fim como para admiral-os, e a luz dos pavimentos terreos, a iluminação dos salões de cima contrastava violenta com o macio esmaecer da tarde. Estavamos no Smart-Club, estavamos ambos no terraço do Smart-Club, esse maravilhoso terraço de villa do Estoril, dominando um lindo sitio da praia do Russel — as avenidas largas, o mar, a linha ardente do cáes e o céu que tinha luminosidades polidas de faiança persa. Eram sete horas. Com o ardente verão ninguem tinha vondade de jantar. Tomava-se um aperitivo qualquer, embebendo os olhos na beleza confusa das côres do ocaso e no banho viride de todo aquelle verde em de redor. As salas lá em cima estavam vazias; a grande mesa de baccarat, onde algumas pequenas e alguns pequenos derretiam notas do banco — a descançar. O soalho envernisado brilhava. Os divans modorravam em fila encostados ás paredes — os divans que nesses clubs não têm muito trabalho. Os creados, vindos todos de Buenos-Aires e de S. Paulo, creados

italianos, marca registrada como a melhor em Londres, no Cairo, em New-York, empertigavam-se. E a viração era tão macia, um cheiro de salsugem polvilhava a atmosphera tão levemente, que a vontade era de ficar ali muito tempo, sem fazer nada.

Mas a noite já estendia o seu negro brocado picado de estrellas e no *plein-air* do terraço começavam a chegar os *smart-diners*. Que curioso aspecto! Havia Franceses condecorados, de gestos vulgares, Inglezes de smoking e parasita á lapela, Americanos de casaca e tambem de brim branco com sapatos de jogar o *foot-ball* e o *lawn-tennis*, os elegantes cariocas com risos artificiaes, risos postiços, gestos a contragosto do corpo, todos bonecos victimas da diversão *chantecler*, os *noceurs* habituaes, e os *michés* ricos ou jogadores, cuja primeira refeição deve ser o jantar, e que apareciam d'olheiras, a voz pastosa, pensando no *bac chemin de fer*, no 9 de cara e nos pedidos do ultimo *béguin*. O predio, mais uma « villa » da bacia do Mediterraneo, ardia na noite serena, parecia a miragem dos astros do alto; as toalhas brancas, os christaes, os baldes de christofle tinham reflexos. Por sobre as mezas corria como uma farandola fantasista de pequenas velas com *capuchons* coloridos, e vinha de cima uma valsa languida, uma dessas valsas de lento enebriar, que adejam vôos de mariposas e têm fermatas que parecem spasmos. No meio d'aquella roda de homens, que se cumprimentavam rapidos, dizendo apenas as ultimas syllabas das palavras: — *B'jour*,

Plo... deus! *goo*, iam chegando as *cocottes*, as modernas Aspasias da insignificancia. Algumas vinham a arrastar vestidos de cinco mil francos; outras tinham attitudes simplistas dos primitivos Italianos. Havia na sombra do terraço, um desfilar de figuras que lembravam Rossetti e Helleu, Mirande e Hermann-Paul, Capielo e Sem, Julião e tambem Abel Faivre, porque havia *cocottes* gordas, muito gordas e pintadas, ajaezadas de joias, suando e praguejando. Falavam todas linguas estrangeiras — o hespanhol, o frances, o italiano, até o allemão com o predominio do *parigot*, do *argot*, da *langue verte*. Só se falava mesmo calão de boulevard. Fóra, á entrada, paravam as lanternas carbunculantes dos autos, havia fonfons roucos, arrancos bruscos de machinas H. P. 60. Aquelle ambiente de internacionalismo á parisiense cheio do rumor de risos, de gluglus de garrafas, de piadas, era uma excitação para a gente chic. O barão André de Belfort, elegantissimo na sua casaca impecavel convidara-me para um jantar a dois em que se conversasse de arte antiga — porque elle tinha estudos pessoaes sobre a noção da linha na Grecia de Pericles. Evidentemente, antes de terminar o jantar teriamos a mesa guarnecida por alguma d'aquellas figurinhas escapas de Tanagra ou qualquer dos gordos monstros circulantes...

De subito, porém na alegria do terraço ouvi por traz de mim, uma vóz de mulher dizer:

— Pois então não sabes que a Elsa morreu hoje de madrugada?

Não me voltei. A mulher conversava noutra mesa. Mas senti um pasmo assustado. Elsa! Seria a Esla d'Aragon, uma carnação maravilhosa de desoito annos, lançada havia apenas um mez por um *manager* de *music hall*, cuja especialidade sexual era divirginar meninas puberes? Seria ella com os seus olhos verdes, a pelle velludosa de rosa-chá e aquella esplendida cabeleira negra d'azeviche? E morrer em plena apoteose, cheia de joias e de apaixonados! Indaguei do meu conviva:

— Morreu a Elsa d'Aragon?

O barão Belfort encomendava emfim o cardapio. Acabou tranquilamente a grave operação, descançou o monoculo em cima da mesa.

— Exactamente. Parece que a apreciavas? Pobre rapariga! Foi com efeito ella. Morreu esta madrugada.

— De repente?

— Com certeza. Devia ter sido uma linda morte. Beleza horrivel. Não se fala noutra coisa hoje nas pensões d'artistas, em todos os conventilhos elegantes patronados pelas velhas cocottes ricas, nas rodas dos jogadores. A Elsa era muito *nature*, com a phobia do artificio, mas soube morrer furiosamente.

— Como foi?

Neste momento chegara a « bisque » e o balde com a *Möet, brut imperiale*, que o velho dandy bebe sempre desde o começo do jantar.

O barão atacou a « bisque », deu não sei que ordem ao *maître-d'hôtel*, e murmurou:

— E' uma historia interessante. Você de certo ainda não quiz fazer a psychologia da mulher alegre atirando-se a todos os excessos por enervamento de não ter o que fazer? Quasi todas essas creaturas, altamente cotadas ou apenas da calçada, são, como direi? as excedidas das preocupações. Estão sempre enervadas, paroxismadas. O meio é atrozmente artificial, a gargalhada, o champagne, a pintura encobrem uma lamentavel pobreza de sentimentos e de sensações. Ao demais, a vida tem um regulamento geral de excessos, e ellas fatalmente pela lei, têm que fazer pagar caro e arruinar os idiotas, têm de amar um rapazola miseravel que lhes coma a chelpa e as bata, têm que embriagar-se e discutir os homens, os negocios das outras, tudo mais ou menos exorbitando. Uma paixão de cocotte é sempre caricatural, é sempre para além do natural, do verdadeiro, e a sua pobre vida, tenha ella centenas de contos ou viva sem um real pelas bodegas réles, é sempre uma hypothese falsificada de vida, uma especie de fjord num copo d'agua, á luz electrica. Todas amam de modo excepcional, jogam excessivamente, embriagam-se em vez de beber, poem dinheiro pela janella á fora em vez de gastar, quando choram, não choram, uivam, ganem, cascateiam lagrimas. Se têm filhos, quando os vão ver fazem taes excessos que deixam de ser mães, mesmo porque não o são. Duas horas depois os pequenos estão esquecidos. Se amam, praticam taes loucuras que deixam de ser amantes, mesmo porque não o são. Ellas tem varias paixões na vida. Cinco annos

de profissão acabam com a alma das galantes creaturinhas. Não ha mais nada de verdadeiro. Uma interessante pequena pode se resumir : nome falso, crispação de nervos igual á exploração dos « gigolos » e das proprietarias, mais dinheiro apanhado e beijos dados. São fantoches da loucura movidos por quatro cordelins da miseria humana.

— A Elsa, então?

— A Elsa foi atirada subitamente numa pensão do Cattete. Sabes o que é a vida em casas de tal especie. Ellas acordam para o almoço, em que aparecem varios homens ricos. O almoço é muito em conta, os vinhos são carissimos. A obrigação é fazer vir vinhos. Desde manhã ellas bebem champagne e licores complicados. Nesses almoços discute-se a generosidade, a tolice, ou a voracidade dos machos. A tarde é dada a um ou a dois. A's cinco *toilette* e o passeio obrigatorio. A' noite, o jantar em que é preciso fazer muito barulho, dansar entre cada serviço ou mesmo durante, dizer tolices. Depois o passeio aos *music-halls*, com os quaes tem contrato as proprietarias, e a obrigação de ir a um certo club aquecer o jogo. Cada uma d'ellas têm o seu *cachet* por esse serviço e são multadas quando vão a outro — que, como é de prever, paga a multa. O resto é ainda o homem até dormir. Nesse fantochismo lentejoulado ha varios generos : o doidivana, o serio, o reservado, o *nature*, o romantico, e para encher o vasio, os vicios bizarros surgem. Ellas ou tomam opio, ou cheiram ether, ou se picam com morphina, e ainda assim, nos paraisos

artificiaes são muito mais para rir, coitadas! mais malucas no manicomio obrigatorio da luxuria. A Elsa era do genero *nature*. Ancas largas, pele sensivel, animal sem vicios. Tentou os petimetres, os banqueiros fatigados, os rapazes calvos e, com oito dias estava com os nervos esgarçados, estava excedida. Mesmo porque, desde a primeira hora olhava-a com o seu olhar de morta a Elisa, a interessante Elisa.

— Ah!

— Elisa é um tipo talvez normal nesse ambiente. Tem os cabelos cortados, usa eternamente um gorro de lontra. Nunca a vi com uma joia e sem o seu *tailleur* côr de castanha. E' feia, não deve agradar aos homens, mas presta-se a todos os pequenos serviços dessas damas. Escreve cartas, arranja entrevistas, tem conhecimentos, e dizem-na com todos os vicios, desde o abuso do ether até o unisexualismo. Ora, era Elisa com os seus dois olhos mortos e velados que olhava Elsa, e Elsa sentia uma extraordinaria repugnancia, um nojo em que havia medo ao mais simples contacto. Elisa sorria, a Elisa que está sempre nesses lugares, sem colete com o seu corpo de androgino morto. E era em toda parte aquelle mesmo olhar acompanhando Elsa, pregando-se a todos os seus gestos, lambendo cada atitude da creatura. Uma noite, as duas Lacroix Ducerny, as que vestem sempre iguaes e fazem fortuna em commum, asseguraram-me que Elisa já não servia para nada, perdida, louca de paixão; e, com grande pasmo meu ao entrar num club ultra

infame, eu vi a Elsa com um conhecido banqueiro e, muito naturalmente, Elisa ao lado. Era a aproximação...

— Safa!

— Meu caro, nada de repugnancias. Prove este faisão. Está magnifico. Ora, hontem, no Casino, como a pobre Elsa estava totalmente fóra dos nervos e com um vestido verdadeiramente admiravel, tive prazer em ir apertar-lhe a mão. — « Então, como vae com esta vida? » — « Como vê, muito bem. » — « Mas está nervosa. » — « Ha de ser de falta de habito. Acabo por acostumar. » — « Com um tão bello fisico... » — « Não seja máo, deixe os cumprimentos. » E de subito : — « Diga-me, barão, não ha um meio da gente se ver livre disto? Não posso, não tenho mais liberdade, já não sou eu. Hoje, por exemplo, tinha uma imensa vondade de chorar. » — Chore, é uma questão de nervos. Ficará de certo aliviada. » — « Mas não é isso, não é isso, homem! » — « Se a menina continúa a gritar, participo-lhe que vou embora. » — « Não, meu amigo, perdôe. E' que eu estou tão nervosa! tanto! tanto... Queria que me désse um conselho. » — « Para que? » — « Para aliviar-me. » — « E' difficil. Você soffre de um mal commum, a surmenagem do artificio. Eu podia dizer-lhe : recolha-se a um convento. Mas pareceria brincadeira e talvez viesse a morrer mistica, a conversar com os anjos, como Swdenborg. Conheci algumas que acabaram assim. Podia tambem, se fosse um idiota, aconselhar a vida honesta. Mas isso seria impossivel

porque o pezar de ter sahido desta em que o desperdicio é a norma, a saudade e as lembraças deixal-a-iam amargurada. Depois não tem recursos e teria sempre que pôr em circulação o seu lindo capital. » — « Barão, por quem é, fale-me sinceramente. » — « Então, minha filha, aconselho uma paixão ou um excesso, um bello rapaz ou uma extravagancia. » — « Nesta roda não ha bellos rapazes. » — « De accordo, ha quando muito velhos recemnascidos. Mas é recorrer á multidão, passar uma noite percorrendo os bairros pobres, experimentar. Ou então, minha cara, um grande excesso : champagne, ether ou morphina... » Voltei-me para a sala. Num camarote fronteiro a Elisa olhava com os seus dois olhos de morta. « E se não a repugna muito uma grande mestra dos paraisos artificiaes, a Elisa ». — « Não fale alto, que ella percebe. » — « Então já a sabia lá? ». — « Corri-a hontem do meu quarto. E' um demonio. » — « Mas você precisa de um demonio. » — « O que ella faz... » — « Já sei, toda a gente faz. Mas naturalmente ella é excepcional. » — « Barão, vá embora. » — « Adeus, minha querida. » Quando dei a volta para falar a Elisa, já esta deixara vasio o camarote.

— E então, como morreu a linda creatura?

— Acceitando o meu conselho. A sua morte pertence ao misterio do quarto, mas devia ser horrivel. Elsa partiu do *music-hall* directamente para casa, pretextando ao banqueiro que lhe ia pôr um pequeno palacio, a forte dôr de cabeça — a classica *migraine* das *cocottes* enfaradas ou excedidas E ap-

pareceu na ceia da pensão como uma louca, a mandar abrir champagne por conta propria. Quando por volta de uma hora appareceu a figura de larva da Elisa, deu um pulo da cadeira, agarrou-lhe o pulso : « Vem; tu hoje és minha ! » Houve uma grande gargalhada. Essas damas e mais esses cavalheiros tinham uma grande complacencia com a Elisa, e aquella victoria excitava-os. Elisa molemente sentou-se ao lado da Elsa, que bebia mais champagne, sentia afrontações e torcia os dedos da apaixonada por baixo da mesa. Era o desespero. Mimi Gonzaga assegurou-me que ella recebera uma carta da mãe logo pela manhã. No fim, Elsa, palida e ardente, dizia: « *Viens, mon chéri, que je te baise!* » e mordia raivosamente o pescoço da Elisa. Via-se a repugnancia, a raiva com que ella fazia a scena de Lesbos — pobre rapariga sem inversões e esthetismos á Sapho... A ceia acabou em espectaculo, e acabaria com todos os espectadores, se algumas mulheres com ciumes dos seus senhores — ah ! como ellas são idiotas ! — não os tivessem levado. Elsa ás duas e meia fez erguer-se a Elisa, calada e misteriosamente fria. « Vão tomar morphina ? interrogou um dos assistentes, cuidado, ein ? » Elsa deu de hombros, sorriu, saiu arrastando a outra. E a desaparição foi theatral ainda. Os olhos verdes da Elsa bistrados, a sua cabelleira desnastra, agarrando com um desespero de bacchante a pastosidade oleosa e aloirada da miseravel que a queria.

— Que horror !

— A coitadinha aturdia-se. E' o processo habi-

tual. Para mostrar a sua livre vontade caía na extravagancia, agarrava o tipo que a repugnava, para mergulhar inteiramente no horror. Estive quasi a acreditar que tivesse recebido alguma lembrança dos parentes, e imaginei um instante a scena sinistramente atroz do quarto em que emfim, como uma larva diabolica, o polvo loiro da roda iria arrancar um pouco de vida áquella linda creatura ardente, ainda com uns restos d'alma de mulher... Nunca porém pensei no fim subito.

Pelas cinco horas da manhã, a pensão acordava a uns gemidos roucos, que vinham do quarto de Elsa. Eram bem gritos estertorados de soccorro. As mulheres desceram em fralda, os creados ergueram-se com o sorriso cinico habituado áquellas madrugadas agitadas de ataques e de delirios histericos. A porta do quarto estava fechada. Bateram, bateram muito, emquanto lá dentro o som rouco roquejava. Foi preciso arrombar a porta. E a scena fez recuar no primeiro momento a tropa do alcouce. Como luz havia apenas a lamparina numa redoma rosa. O quarto, cheio de sombra, mostrava, em cima das poltronas, as sedas e os *dessous* de renda da Elsa. Um frasco de ether aberto, empestava o ambiente. A Elisa, o corpo da Elisa estava de joelhos á beira da cama. Os braços pendiam como dois tentaculos cortados. Inteiramente núa, o corpo divino livido, os cabellos negros amarrados ao alto como um casco d'ebano, Elsa d'Aragon, as pernas em compasso, a face contrahida, ainda sentada, agarrava com as duas mãos, numa

crispação atroz, a cabeça da Elisa. Era Elisa que rouquejava. Elsa estava bem morta, o corpo já frio. Devia ter havido luta, resistencia de Elsa, triumpho da mulher loira e por fim sem fim até a morte, emquanto a outra se estorcia, apertava-a, arrancava-lhe os cabellos, machucava-lhe o rosto — aquelle horror. Elsa entrara no nada debatendo-se, victima de um suplicio diabolico, mas no ultimo espasmo as suas mãos agarram a assassina. Quando esta afinal satisfeita quiz erguer-se, sentiu-se presa pelos cabellos, tentou lutar, viu que a pobre era cadaver. E passou-se então para o monstro o momento do indizivel terror, o momento em que se vê para sempre o mundo perdido porque ficou immovel rouquejando, de joelhos, a cabeça no regaço do cadaver, que mantinha nas mãos cerradas a massa dos seus cabellos d'oiro. Os dedos de resto pareciam d'aço. Uma das mulheres recorreu a tesoura para despegar a cabeça de Elisa das mãos do cadaver. Quando o corpo tombou no leito com o punhado da cabelleira nas mãos, o bando estremunhado viu surgir a face de Elisa, tão decomposta, tão velha, que parecia outra, como que aparvalhada.

Houve um silencio. O creado servia fructas geladas, esplendidas peras de Hespanha e uvas das regiões vinhateiras da Burgonha, grandes uvas negras. O barão trincou de uma pera.

— Foi uma complicação para afastar a policia e impedir noticias nos jornaes que desmoralisariam a casa. Elisa seguiu horas depois para o hospicio,

babando e estertorando. A Elsa devia ter sido enterrada hoje á tarde. Estive lá a ver o cadaver. Tinha ainda nas mãos cerradas fios de cabellos loiros, como se quizesse arrancar para o tumulo a prova desesperada da sua morte horrivel.

E mordeu com apetite a pera. No salão de cima uma valsa lenta, chorada pelos violinos, enlanguecia o ar. Das mesas do terraço entre a illuminação bizantina das velas de capuchons coloridos subia o zumbido alegre feito de risos e de gorgeios de todas aquellas mulheres que o jantar alegrava.

O FIM DE ARSENIO GODARD

A Goulart d'Andrade.

O FIM DE ARSENIO GODARD

DO DIARIO INTIMO DE UM REVOLTOSO

Estava tudo combinado. Era impossivel falhar. Quando a lancha partiu, sem rumor, explorando a tréva do oceano encarpellado, ficámos entretanto nervosos. Seriam muitos? Seria um só? Ah! Se os bandidos fossem apanhados! Os nossos nervos, excedidos já por aquelles tres mezes de enjaulamento na bahia, sob o canhoneio das fortalezas e as necessidades mais duras, começavam a dar aos pequenos factos uma importancia capital, uma importancia desproporcional. Assim, ao recebermos a denuncia amiga de que um ou mais homens conseguiam a nado levar instrucções aos legalistas, a explosão da nossa colera foi tal que, vendo-a, ninguem deixaria de julgar as instrucções causa unica do nosso enervante estado.

Quasi todos nós, paisanos levados pelas circumstancias e as perseguições tirannicas dos sequazes do marechal áquella vida do vaso de guerra, estavamos encostados á amurada com os officiaes e o

commandante a ver se viamos o trabalho da lancha no negror da noite.

Oh! era de mais! Havia oito dias mastigaramos a meia ração de feijão preto sem toucinho. O patriotismo, a indignação pelos descalabros do governo cahiam intimamente num relaxamento lamentavel. O desejo unico era deixar a bahia, era acabar com aquillo, era tirar dos hombros aquella mão de ferro das situações insoluveis em que se complicavam as traições dos inglezes, as intimativas americanas e a falencia das nossas victorias. E na tréva da noite sem estrellas todas as coleras se fundiam no ser que os nossos iam apanhar, como se fosse elle a causa do ror de desastres havidos.

— E' verdade, indagou um medico, em terra o exemplo da bondade, que castigo havemos de dar ao canalha?

— E' boa, passamol-o pelas armas!

— Era um exemplo, mas seria pouco para o infame. Só se o fizessemos mira de um tiro ao alvo geral. Todos nós atirariamos.

— E elle só sentiria uma vez! O' commandante, qual será o castigo do patife?

O commandante era um cavalheiro elegante e fino. Voltou-se a sorrir :

— Conforme. Na carta que m'o denunciou dizem-no estrangeiro. Que seja. E' impossivel justiçal-o. Se fôr brasileiro, porém, passamol-o pelas armas.

Ah! iamos ter uma noite interessante e divertida

afinal! O miseravel veria com quem se metera! E no olhar de cada um de nós havia a expectativa e no riso dos outros, como talvez no nosso, um repuxamento de labios queria sorrir e mostrava os dentes como um esgar de féra.

Esperámos assim entretanto até de madrugada. A fadiga prostrara alguns, soprava um vento de chuva, violento e humido; o commandante recolhera; a lancha não voltava. Já a inquietação succedia á furia quando á amurada a lancha acostou. Todos nós corremos numa ancia má, numa ancia de vingança, avidos de ver em primeiro logar o torpe, o infame, que toda noite passava por nós arriscando a vida para complicar e perder a nossa vida. O commandante deixou a cabine apressadamente; a officialidade vinha de todos os pontos do vaso de guerra. E, naquelle surdo rumor de colera, os companheiros de lancha içaram para o tombadilho, amarrado, manietado, como que dobrado em dous, um corpo nú, membrudo e forte.

— Muitos?

— Um só, commandante. Ia com um sacco cheio de cartas.

— E o sacco?

— Aqui está.

— Desamarrem o homem.

Dous marinheiros curvaram-se; outro accendeu uma lanterna de furta-fogo e assim conseguimos ver a cara do typo, uma cara commun, de bigode castanho e olhos turvos. Logo que o soltaram, a voz um tanto inquieta, mas clara, exclamou :

— Mr. le commandant, j'suis français!

— Os legalistas são brasileiros. Ninguem aqui comprehende linguas estrangeiras.

— Eu falo o portuguez. Sou francez, senhores, peço explicar o facto.

— Você ainda quer explicar, ein? Que topete!

— Mas é um direito.

— Direitos para um sujeito pescado de madrugada!

— Eu exijo!...

— Você não exige nada; nós é que fazemos de você o que quizermos. Levem esse homem para a sala d'armas, a aguardar as minhas ordens...

Os marinheiros foram levando o homem aos trancos. Nós ficámos na expectativa. O commandante, entretanto, fazia conduzir o sacco á sua cabine.

— Boa noite, meus senhores.

— E o castigo, commandante?

— Ah! o castigo... já pensei. Apenas só lh'o direi amanhã. E' preciso fazel-o passar a noite fazendo palpites. Vocês não imaginam como é interessante passar a noite imaginando varias desgraças irremediaveis, que todas ellas são perfeitamente possiveis e hão de se dar algumas horas depois... Até logo mais, meus amigos.

Recolhemos. Que castigo imaginaria aquelle homem refinado e distincto? Como estaria o outro, nú, na madrugada algida, lá em cima? Dormiria? Pensaria? Pensaria na morte de certo, porque era impossivel outro genero de castigo...

Um marinheiro descia.

— Como vai o homem? indagámos,

— Parece dormir; sim, senhor.

Nós é que não dormimos. Ficámos no beliche, nervosos, á espera daquella morte, daquella scena atroz, fatal dalli a momentos. Que se daria, céos clementes?

No dia seguinte, ás 8 da manhã, fomos convidados a ir á sala d'armas. O homem nú lá estava, carrancudo, com o olhar turvo, mordendo o bigode. E quando o commandante chegou, houve um arrepio geral, um arrepio de medo. O commandante, porém, estava amavel e sentara-se.

— Como se chama?

— Arsenio Godard.

— Ah! muito bem.

— Eu desejava explicar...

— Oh! inteiramente inutil. Venho dizer-lhe o que resolvi a respeito. Sr. Arsenio Godard, o senhor vai viver comnosco até o fim da nossa acção. Vê-se que o senhor é um homem, corajoso, forte. Excellente companheiro! Vou mandar-lhe uma roupa. Terá um beliche seu. O navio é inteiramente seu. Apenas, como o senhor nada bem e póde não gostar da nossa companhia, será acompanhado sempre. Não desejamos que nos abandone.

O francez olhava, tentando descobrir a insidia, procurando saber que castigo horrendo aquelle vencedor architectava entre phrases de mel.

— Mas, Sr. commandante, devo dizer...

— Eu é que devo dizer que jantará á nossa mesa. Ah! nós não passamos á vela de libra, como os patriotas da cidade. Mas, emfim, come-se. Vai-vêr. Não imagina o prazer que nos dá a sua companhia. Está entendido então? Bem. Até o almoço. Guardião, uma roupa ao Sr. Godard.

Era de tal modo grave a atitude do commandante que nenhum de nós se atreveu a interrogal-o. Tambem a explicação veiu minutos depois, terminante e terrivel.

O tenente João chamou-nos de parte e em voz seca deu a ordem de cima :

— O Sr. commandante prohibe que se converse ou se responda ao preso. O Sr. commandante considera uma deslealdade á causa e á sua pessoa dizer uma palavra ao Sr. Godard, até segunda ordem.

Era o supplicio do silencio! Era o castigo! Alguns acharam fraco — eram os ingenuos.

Outros sorriram, imaginando as resultantes daquelle *sport*, a perseguição do silencio ao pobre sujeito. Como tomaria elle a vingança?

A' hora do almoço, Godard appareceu, seguido de um marinheiro. Pediu licença, sentou-se. Ninguem olhava para elle. Ao primeiro prato atirou-se com uma fome indizivel, verificando se lhe prestavamos atenção. Afinal, não se conteve :

— Sr. commandante, não sei como agradecer...

O commandante continuou a falar com o tenente João. Godard quiz insistir, atrapalhou-se, voltou para o visinho da direita :

— Eu devia dizer ao commandante...

O visinho da direita dirigiu a palavra ao companheiro ao lado. Godard atirou-se para frente :

— Sim, a generosidade dos senhores...

Os convivas do outro lado nem voltaram o rosto. Godard cruzou o talher e esperou até o fim o almoço. Quando o commandante ergueu-se, foi até elle :

— Devo agradecer a sua bondade.

O commandante nem voltou o rosto. Era comico, se não fosse atroz. Teria coragem o homem para resistir a essa humilhação sem palavras? Godard passou o dia passeando no convés. Ao jantar, a scena renovou-se. A' tarde começou o classico bombardeio de terra para os navios, dos navios para terra. Era todo o dia aquella ceifa de vidas inutil e dispendiosa. Godard parava junto de nós.

— Eu sei atirar muito bem.

Nem uma palavra. Não o ouviamos; ninguem o percebia. A' noite, reunidos para tomar o matte, Godard de novo surgiu, acompanhado do marinheiro.

— Não quero, Sr. commandante, deixar passar o dia, sem agradecer a bondade geral. Não me falam. E' justo o resentimento. Mas eu não sou adversario, sou um ganhador, que, como os *condottieri*, mercadeja o seu valor. Com os revoltosos, permittam a palavra, não posso mercadejar, porque pouparam a minha vida, sustentada á custa de muito risco. Estou pois ás ordens...

Mas, a pouco e pouco, os officiaes tinham sahido

e Godard estava só deante do marinheiro mudo e sério.

No dia seguinte, o nosso preso appareceu ao almoço sombrio, cumprimentou sem ser correspondido, abancou noutro logar, mastigou sem dizer palavra, ergueu-se, agradeceu, insistiu :

— Se o Sr. commandante me désse licença para expôr um plano de ataque, conhecendo eu como conheço as posições inimigas... Perdão ! E' trahição Vejo que não sou ouvido... Agradeço, entretanto.

Oh ! era evidente que Arsenio Godard, tipo voluntarioso, fazia um esforço sobrehumano para conter a colera, para não desesperar deante daquella horrivel situação que o fazia viver no navio como se estivesse só, inteira e definitivamente só. Os olhos ardiam de colera, os beiços estavam brancos e as mãos tremiam, tinham um tremor de furia. Talvez ainda se julgasse capaz de vencer o castigo, porque, á noite, bruscamente, foi ao commandante e de novo insistiu sobre os seus planos. Ao cabo de quatro dias, entretanto, durante o almoço, Godard ergueu-se.

— Digam? E' para sempre o silencio? Ninguem me falla? Mas eu sou um idiota, um animal, um leproso? Que sou eu? Não respondem? Matem-me ! E' infame, afinal. Os infames sois vós. Retiro-me Não como mais. Não fujo, é verdade; mas morro de fome. Adeus, senhores.

Sahiu a bater com os pés para a sua cabine. Nós continuámos a conversar das cousas que nos inte-

ressavam. Só o marinheiro acompanhou-o, como a propria sombra muda.

E foi então a luta mais curiosa e mais atroz, o *sport* mais doloroso e mais inquietante que jamais viramos, entre a palavra e o silencio. Cada um de nós, com o instincto animal de vencer, não respondia só para obedecer ao commandante, não respondia porque responder seria a victoria do pobre diabo. Cada figura de bordo era um componente daquella machina de separação, daquella machina que o tenente João chamava o pneumatico da vontade, a rarefacção do homem, porque a palavra é a vida, e falar, trocar palavras é sentir-se viver. Godard sentia bem que nós o muravamos no silencio, que nós cada dia erguiamos mais alto aquelle muro de mudez que as suas palavras não podiam, não conseguiriam quebrar. Resistiu dous dias, no camarote, á fome. Depois veiu á mesa feroz e sombrio como um jaguar e nessa atitude conservou-se dez dias, dizendo apenas : obrigado e bom dia. Ficava á porta do camarim, bufando e fumando. Se alguem passava por acaso, erguia-se tinha um rictus ironico :

— Obrigado !

Ao cabo desse tempo veiu-lhe o relaxamento dos nervos, o acicate da vondade mordeu-o mais forte. Era preciso obter uma resposta, sentir que não estava morto ! Inventou estratagemas. Acompanhava uma pessoa até saber-lhe o nome e de repente dizia-lhe nas costas, disfarçando a voz :

— O' José !

Esperava em logares solitarios alguem, pedia phosphoros, encartava nas palestras acaloradas uma phrase dessas que exigem réplica, discussão; espreitava o abandono dos marinheiros para obter uma palavra, uma apenas. Nós estavamos, porém, numa situação por demais irritante, com os tiroteios, a falta de viveres e a certeza de um fim proximo, para consentir em perder. Ao demais, se elle soffresse resignadamente, talvez algum sentimental abalado respondesse. Mas Godard era um voluntarioso, a resignação nãc a comprehendia. Cada dia passado era para os seus nervos mais um motivo de furia, de raiva contida. De modo que no vaso de guerra em plena revolta, havia apenas o diabolico *sport* de um homem contra tresentos, querendo falar, querendo viver, querendo rebentar o sudario de silencio com que o enterravam moralmente, sem o conseguir.

Dos meios subtis, Godard cahiu nos meios baixos. Ia ao commandante :

— A immoralidade do seu navio é assombrosa. Acautele-se contra o immediato que o venderá na primeira occasião !

E inventava intrigas entre os paizanos e os officiaes, arrastava reticencias, esperava a pergunta... Nós nem sorriamos. Um silencio absoluto, um verdadeiro silencio que ia até aos gestos, como se deante delle estivessemos deante de um objecto indifferente e inanimado, acolhia a infantilidade desesperada.

Da intriga, Arsenio Godard cahiu na humilhação.

Para chegar a este excesso, era preciso soffrer estrafegadamente, e Godard soffria. Tinha as palpebras arroxadas, o semblante livido, o olhar apuado pela preoccupação constante, o gesto vago. Uma noite, de repente, depois de uma bala ter rebentado no convés, lacerando as pernas de tres inferiores e espadanando sangue até na amurada, emquanto febrilmente todos nós tratavamos de remediar o mal, cahiu de joelhos aos pés do commandante.

— Deixe-me prestar auxilios tambem! Fale-me! Fale-me! Pela sua honra, pela sua farda! Diga sim! diga não! Diga qualquer cousa!

O commandante passou-lhe por cima. Arsenio continou de rojo, pedindo, pedindo, sem ver a quem, pedindo a quem passava, indistinctamente. Nenhum de nós, cheios de preoccupações, pensava em ter pena. O bandido era o inimigo, e cada vez que uma bala trazia o desastre, a colera augmentava contra a sua figura livida de trahidor desesperado.

— Pelo amor de Deus; uma palavra só, uma palavrinha! chorava elle, com a face no chão, ridiculo e macabro ao mesmo tempo.

A crise accentuou-se. Arsenio resolveu conquistar os guardas com as lagrimas.

Cada marinheiro que lhe postavam como sombra tinha-o logo de joelhos, procurando beijar-lhe a mão, a fazer promessas, a pedir, a chorar. O commandante repetiu as ordens severas. Arsenio ficou sem resposta, e da humilhação passou á colera.

— Não quero este! não quero! Já disse! bradava quando mudavam os guardas.

São uns indignos! uns covardes! Não me satisfazem? Que sou eu? Eu não estou morto, ouviram? falo, falo, falo. Que importa que não me respondam? Falo, estou falando. Covardes!

Mas a colera, como as lagrimas, batia de encontro ao ilimitado e asphixiante silencio. Não o ouviamos, não o sentiamos. Godard voltou á vida do beliche, a dizer: obrigado! ironicamente quando por acaso alguem passava pela porta. Já haviam passado dous mezes, sessenta dias e sessenta noites. Tudo annunciava o fim da nossa aventura, e cada vez mais o nosso odio se accentuava contra aquelle objecto solto a bordo, o mercenario, o trahidor. Os acontecimentos, os desastres desenrolaram-se com o cortejo de mortes, de humilhações, e deante de nós, com as idéas empaladas num silencio desesperador, o animal soffria a nossa vingança por todos a quem nos era impossivel estraçalhar, matar, vencer.

Uma tarde, o marinheiro que deixara a guarda foi dizer ao commandante que Arsenio Godard parecia febril e falava cousas sem nexo no beliche.

— Deixal-o!

— E' verdade, commandante, se acabassemos com essa boca a mais?

— Oh! é preciso que elle pague a dedicação aos outros. Se fosse um resignado, ha muito estaria morto, mas, por isso mesmo que enfurece, have-

mos de o trancar cada vez mais no castigo. Está desesperado.

Com effeito, Godard desesperava. No camarote, deitado de barriga para o ar, a barba crescida, o cabello pelas orelhas, fallava alto para se ensurdecer, para enganar os ouvidos, para iludir aos proprios sentidos. Era tragico, mudando de voz, imitando vozes de mulheres, vozes de bichos.

— Oh! oh! Madame engana-se! Qual, é impossivel que o Sr. Arsenio aguentasse tamanha crueldade. Setenta dias, minha senhora! Eram uns castrados. Oh! perdão! Um patife! Ah! ah! Cocóricó! Boum! Vamos cantar um duetto? Valeu. *Yess!* Essa *miss* é deliciosa...

Os marinheiros incultos estavam receiosos de que a razão de Godard tivesse afinal sido estrangulada pelo circulo do silencio. Olhavam-n'o receiosos. E Godard então pulava da cama, em ceroulas, desguedelhado :

— Não me falam, não? Decidido! Afinal eu os desprezo, cobardes, vencidos. Mas tambem não preciso. Estou conversando, estou ouvindo outras vozes responderem ás minhas perguntas. Ah! ah! O homem intelligente escapa aos maiores tormentos dos patetas!

Ao cabo do sexagesimo nono dia, porém, Godard foi á mesa silencioso e serio, pediu um cigarro, passeou pelo tombadilho, dormiu direito e logo pela manhã seguinte, deitado, chamou o guarda.

— Dá-me um phosphoro?

O guarda approximou-se, estendendo a caixa.

Então ah! , o preso, deu um salto da cama, arrancando ao marinheiro a arma num subito ataque, bateu a porta rapido e, segurando-o pelo gasnete :

— Vaes responder, agora. Anda, depressa. Responde! Faze signal que sim! Faze signal ou morres!

Uma lucta travou-se. O marinheiro era um cabloco enorme. Prendera a mão que apontara o revólver e com a outra arrumara um socco á cara do preso. Mas Godard sentia decuplicadas as forças. Com a mão livre atirou-se ao sabre do marinheiro. O outro desviou. Cahiram ambos tropeçando num jarro. Godard parecia um florete; o marinheiro era uma torre. O fragor de luta chegou até nós. Corremos á cabine. A voz de Godard bradava :

— Fala, responde, dize qualquer cousa. Cachorro! Cachorro! Responde-me! E moveis cahiam, os corpos rolavam.

— E' o Godard! Precisamos abrir.

— Está fechado!

— Abre-se a machado!

— Eu abro se me falarem, berrava de dentro Godard, eu abro se me falarem! Digam : Godard abre! para mostrar que eu não estou morto, que eu vivo, que eu sou Godard!

Ah! bandido! que pensava elle, o infame? Os machados cahiram na porta violentamente, fazendo saltar a fechadura, e por deante de nós saltou brandindo o sabre, nú, com a cara em sangue, os cabellos empastados, Arsenio Godard.

Nem prestámos attenção ao marinheiro. Corremos ao encalço do bandido.

Não fosse elle atirar-se ao mar! E foi uma caçada infernal a bordo. Era preciso apanhal-o vivo, vivosinho, inteiro, para sujeital-o ao regimem desesperador, de novo, eternamente. Godard, brandindo o sabre, encostara-se a um canto do salão de jantar.

— E' preciso acabar! E' preciso acabar! Canalhas! Vocês vão falar-me!

Só uma vez! Digam: Arsenio, entregue-se, e eu me entrego. Só uma vez, ou então eu escapo, eu escapo, estou salvo... Assassinos! Vamos a ver quem é mais forte! Quem se approximar morre ou mata-me! A victoria é minha! Escapo!

Todos nós, mordendo os labios para não deixar escapar uma praga, uma invectiva, parámos, com o desejo desvairado de maltal-o. E foi um instante apenas. A tromba precipitou-se para o sabre. Godard manejou-o, mas sentiu-se preso pelas pernas e emborcou, emquanto cem braços estendiam-se, arrancavam-lhe a arma, esmurravam-no, surda, silenciosamente.

O desgraçado teve um grito.

— Outra vez! Para toda a vida! Oh! não! não! não!

Com o pasmo de todos nós, como se aquelle muro de silencio fosse peior do que a propria morte, desvairadamente, atirou-se ao sabre de outro marinheiro, arrancou-o, revira-volteou-o no ar e, no cir-

culo aberto por aquella inesperada sortida, bateu-o em cheio no pescoço.

Um jacto de sangue golpeou no ar sombrio. A cabeça curvou d'olhos arregalados. Toda a guarnição parou. O corpo pendeu. Estava morto. E, não sei por que, um odio violento, um odio desesperado fez-nos ainda segurar o cadaver a ver se vivia.

O torpe fugira á sentença, escapara das nossas mãos, deixara-nos impotentes para continuar a apertal-o infinitamente naquelle sudario de silencio que fóra o nosso mais feroz, mais tremendo, mais dilacerante castigo.

DUAS CREATURAS

A Viriato Correia.

DUAS CREATURAS

O grande *hall* do hotel estava repleto. Pelas janellas semi-cerradas, na suave ondulação das cortinas brancas, entrava um vago perfume de violeta e de rosa. Lá fóra, entre os tufos de verdura do jardim e o céo muito azul, devia esplender a palida luz de um sol de inverno. As mesas, todas occupadas e scintilantes de crystaes, prolongavam-se até ao fundo n'uma orchestração de tons brancos, que iam do branco de prata ao branco *gris* nos logares mais em sombra.

Os creados passavam apressados, erguendo numa azafama os pratos de metal. Ao alto, os ventiladores faziam um rumor de colmeias. Senhoras e cavalheiros, perfeitamente felizes, as senhoras quasi todas com largos « boas » de plumas brancas, chalravam e sorriam. Estavamos bem na bizarra sociedade de entalhe que é o escól dos hoteis. Alta, longa, comprida, com uma cintura de esmaltes translucidos e o ar empoado de uma intima do general Lafayette, a escriptora americana, cuja admiração por Gonçalves Dias chegara a

fazel-a estudar e propagar o Brazil, mastigava gravemente. Logo ao lado, um grupo de engenheiros, tambem americanos, bebia, com gargalhadas brutaes e de certo inconvenientes, champagne Munn. Mais adeante a encantadora viuva do millionario Guedes, com o seu perfil de Luigni, de que tanto mal se dizia, sorria n'um vago sonho para asenhora Alda, a formosa divorciada do dia, Alda Paes ante-hontem, Alda Pereira hoje, como ha cinco annos, antes de casar... De vez emquando parava á porta um novo hospede, hesitava, percorria com o olhar a extensa fila de mesas onde o *debinage* se acalorava. A um canto, Mlles. Péres, filhas de um rico argentino, *yatch-recorderman* nas horas vagas e vendedor de gado nas outras, perlavam risadinhas de *flirt* para o solitario e divino Alberto Guerra, seguro dos seus *biceps*, dos seus brilhantes e quiçá dos seus versos.

Bem ao centro, o nosso vasto ministro em Honduras desdobrava a sua sympathica adiposidade n'uma roda de mocitos elegantes, ferozes pretendentes ao secretariado diplomatico, e, de vez em quando, cortando o zumbido elegante do grande *hall*, retinia imperiosamente o som de uma campainha electrica.

Estavamos a almoçar cinco ou seis, convidados pelo barão Belfort, esse velho *dandy* sempre impeccavel, que dizia as coisas mais horrendas com uma perfeita distincção. E fôra de certo uma extravagancia aquelle demorado almoço, a fazer horas para um *match* de *foot-ball*, a que seria imposivels

deixar de assistir. O barão, de veia, com a sua voz de navalha, recortava na pelle dos presentes as caricaturas perversas. Nós já tinhamos rido muito e entravamos com appetite n'um vulgarissimo *salmis* de coelho, quando de repente um dos nossos companheiros exclamou :

— Olha, a Chilena aqui !

A' porta surgiu uma triumphal figura de Céres, com o cabello côr de ouro e o verde olhar coado por umas negras pestanas de azeviche. O seu lindo corpo era como que modelado pelo vestido de Irlanda e rendas verdadeiras. Nos dedos afilados e tenues como as petalas esguias dos chrysanthemos, tres ou quatro perolas rosas; nos lobulos das orelhas, duas negras perolas e por sobre a góla leve de rendas brancas um virginal collar de perolas. Acompanhavam-n'a um cachorrinho branco de neve, de focinho impertinente, e um cavalheiro, baixo, gordo, cheio de joias, enfiado n'uma rendingote azul.

— A Chilena ! A Chilena aqui ! Mas que sociedade é esta? bradou o mais joven dos convivas.

O barão teve um sorriso sceptico.

— Meu caro, o Rio tem, como Paris ou Londres ou mesmo Montevideu, a sua *season*. A *season* começa regularmente com a chegada do primeiro *mambembe* estrangeiro, *mambembe* naturalmente insuportavel, e fecha com os calores da primavera, na abertura do salão de pintura. E' a epoca do luxo, da exhibição, do sacrificio para aparecer, da taga-

relice, em que toda a gente falla mal do proximo e entende de arte, é a epoca escolhida pelos que pretendem tomar logar na sociedade. Nós somos uma sociedade em formação — a mais attrahente, a que mais tenta por consequencia, não só pelas suas taras, que ha vinte annos não eram julgadas mal, como pelo nosso fundo meio ingenuo de aceitar tudo o que brilha, seja diamantino ou seja montana. Annualmente, de envolta com os politicos, os fazendeiros, os estrangeiros exploradores, apparecem essas figuras com um passado estranho, decididas a dominar, a entrar nos logares honestos, a serem respeitadas.

São figuras de inverno. Querem dominar. E olhe que aqui, quasi todos têm a sua historia : as *demoiselles* Péres, talvez enteadas de um rei morto, o wildeano conde Rossi, lá longe, com o seu excepcional secretario cubano; Alberto Guerra, o seductor irmão de D. Juan e tambem de Shylock, porque vive de emprestar a juros; a viscondessa Guilhermina, que chegou de Vichy e só está aqui de passagem; a Alda, a baroneza...

— Barão, cale-se, por favor ! Cale-se ! Figuras de inverno, não duvido. Mas a Chilena é menos que isso.

— Ora, a Chilena já não usa esse pseudonymo tão picante e ao mesmo tempo tão significativo para os guerreiros do Rio Grande. Todos vocês sabem a historia de vicio d'essas tres irmãs que cerca de dez annos amaram e arruinaram varias creaturas. Mas tinham de ter um nome honesto. As

duas primeiras casaram. Esta é hoje a esposa do consul do Haiti no Pará.

— Então o homemzinho?...

— Um explorador riquissimo que se presta a ser consul, auferindo todos os lucros do cargo. Deve ter uma fortuna superior a cinco mil contos. Tivemos relações em Belem e em Paris. E' um caso de embrutecimento passional.

— Mas são realmente casados?

— Não ha duvida. Vocês conhecem a historia das Chilenas, trez lindas creaturas da fronteira que se diziam chilenas por picante e a que os rio-grandenses chamavam Chilenas como lembrança de certos estribos em que os pés ficam á vontade e toda a gente pode usar. Ellas tinham topete, belleza, audacia. Para ser o Vicio arrasador não precisava muito outro'ra no Rio. Chegaram e logo a fama irradiou. De um dia para outro, os fazendeiros ricos sentiram a necessidade de dar-lhes palacios, os banqueiros offereceram-lhes as carteiras, os amorosos sem vintem prometteram vigor e paixão. As gauchas ardentes, ardentes mesmo de mais, faziam grandes loucuras sensuaes, mas prestavam atenção ao futuro. Ha mulheres que podem se entregar com frenesi à vida inteira sem conseguirem ser prostitutas. Ellas tinham o frenesi, não, tinham o signal de profissão, e depois, haviam nascido sob as estrellas complacentes. A Luiza partiu com um fazendeiro, e se o engana é com os cometas, raramente. Nathalia recolheu com um negociante riquissimo. Ficou apenas Maria, que diriam um caso

anormal de luxuria, malbaratando dinheiro, embriagando-se, tripudiando no torvellinho da vida. Ora Azevedo apaixonou-se pela Maria, ha sete annos, vendo-a guiar uma parelha de cavallos zebrados que foram acabar no Jardim Zoologico como raridade. Maria atravessava uma das suas crises, devendo a casa, as mobilias, os cavallos, os creados, e até mesmo o adolescente robusto que fazia de Angias no fundo do palacete e de Automedonte á tarde, no passeio. Azevedo foi seringueiro ou coisa que o valha. Precisamente voltara do Amazonas, esfomeado de mulher e cheio de dinheiro. Teve o deslumbramento deante da belleza que Maria tornava provocante. Tentou o assalto, deixou-se prender, pôr o freio, montar, esvasiar. A opinião geral — e aliás alegre, era que Maria arruinaria o marchante selvagem. A sorte porém de Azevedo era intensa. Quanto mais dava, quanto mais pagava, mais ganhava. Isso devia ter concorrido poderosamente para a paixão do animal, fetiche como todos os simples, e irritar Maria, inimiga dos pagadores como todas as bohemias. Azevedo empolgou-a inteiramente. Ella, até então a Venus vingadora, que arruina, arrasa, domina, de genio voluntarioso, só encontrava uma satisfação : enganal-o, trahil-o, roubar-lhe o corpo para o banquete dos esfomeados. Era uma performance entre a paixão cega e a raiva de fugir dessa paixão. Ao cabo de quatro mezes, Maria prohibiu-lhe a entrada, despediu-o. Estava coberta de joias, com o cofre cheio e enfarada, aborrecida, excedida pela

convivencia do pobre homem apaixonado e pagador. Metteu-se na grande orgia, para se convencer de que estava livre, livre por completo. Mas Azevedo, aguilhoado por aquella despedida, sentira de repente que perdia a sua carne e a sua sorte e recorria a todos os meios imaginaveis para de novo apanhal-a, peitando consciencias, interessando na sua desgraça á custa de bilhetes de banco as amigas da Maria, convencendo os camaradas de que era preciso fazer mudar de opinião Maria, aquella louquinha incapaz de pensar no futuro. Logo a Chilena sentiu em torno, cada vez mais presente, o fantasma do Azevedo. Falavam nas pandegas as amigas, por acaso : ah ! se aqui estivesse o Azevedo ! Falava a cartomante que de oito em oito dias lhe deitava as cartas : vejo aqui um homem serio que muito a ama e agora afastado voltará a fazel-a feliz ! Falavam os creados : Coitado do patrão ; passou hoje por aqui, olhando muito... Falavam até os camaradas de cama e mesa : Afinal o Azevedo é um bom homem. E Maria viu que tendo despedido o Azevedo agora é que o tinha a todo o instante na lembrança, sem poder fazer-lhe mal, sem poder vingar-se, quasi a convencer-se de que o idiota era bom. Certa vez disseram lhe : o Azevedo parece resignado : vae montar casa para a Benevente. Maria teve um grande odio e no outro dia Azevedo estava de dentro outra vez, louco de amor e ainda mais perdulario.

— Maria resignara-se ?

— Para a obra da vingança, tornando-o epicamente ridiculo. Não importava a pessoa, a questão

era do acto. Ah! Eu imagino sempre, quando o meu egoismo quer eternisar o amor, o desespero de um pobre ente sem poder livrar-se de outro que se molda e curva e dá tudo, e é passivo e é humilde... Ha torturas, imperceptiveis á maioria dos mortaes, que são dantescas. E nenhuma como essa em que o ambiente, a fatalidade, o destino forçam a victoria do mais fraco dando-lhe o que deseja, fazendo-o realisar o seu fim, impondo-o a outro corpo, a gozal-o, a sentil-o, a palpal-o. A grande desgraça do amor, a maior desgraça é essa porque laça ao mesmo horror duas almas. Maria devia ter crises de desespero e de lagrimas, e quanto Azevedo devia soffrer na sua muda humildade de cão sedento de caricias! E quando levou-a para o Pará, a Chilena tinha a nevrose de enganal-o. Ora, imaginem vocês, em Belém, terra pequena, onde Azevedo tinha uma posição evidente! As denuncias anonymas choveram exigindo vergonha, mais pudor, mais brio. O grosso Azevedo lia e calava, porque, se revelasse uma palavra das cartas, Maria fechava-lhe a porta semanas e semanas. Uma vez, entretanto, como recebesse uma denuncia violenta, Azevedo teve tenções de ciumes e foi encontral-a como a princeza Falconière da *Dalila*, cantando n'um barco com certo tenor de zarzuela. Não havia duvida! O consul do Haiti berrou de colera, o tenor deu ás gambias, a policia appareceu. O escandalo, porém, permittiu á Maria um d'esses cynismos épicos. Agarrou o Azevedo pelo casaco, metteu-o dentro do carro sem dizer palavra, offe-

gante, e ao chegar á casa mediu-o de alto a baixo e teve esta phrase, celebre ha cinco annos : — o senhor é um indigno ! Desconfia de mim !

E' preciso pensar o alcance, a extensão moral de uma dessas phrases num cerebro, obsedado pela idéa de não perder uma carne cada vez mais desejada. Maria disséra por cynismo profissional. Elle sentiu-se commovido a principio. Afinal se enganava, procurava não o affrontar. Já era uma consideração. E depois enganal-o-ia ella? Ha tantos innocentes condemnados, mesmo com provas viziveis comprometedoras ! E o tenor, sem querer, foi a pedra angular do casamento.

— Oh ! não...

— Quinze dias depois da scena Azevedo sentiu que nem de negocio e de borracha poderia entender mais. Maria, muda, grave, solemne, vivia com o quarto fechado sem responder primeiro aos seus insultos, depois ás suas ironias, depois aos desesperos e já agora aos rogos, porque Azevedo vivia como á espera da noticia de ter um mal irremediavel, sem dormir, sem descançar, só pensando que de novo ella o deixaria. E dessa vez para sempre. Então caiu de joelhos, supplicou, pedindo perdão, jurando que não vira nada, que jamais acreditaria na calumnia... Ha entre os sexos um odio latente. Quando um se humilha a outro, esse outro toma crueldades de tyranno, refocila em perversidades e em excessos. A Chilena percebeu a excellencia do momento, teve um assomo de dignidade, borrifada de lagrimas : Cale-se, Azevedo ! O senhor é um

ingrato! Nunca mais serei sua! Desconfiar de mim. Só se me der uma grande prova de confiança, o seu nome, a sua mão...

Na roda correu um desabalado riso, que fez voltar-se o grupo aspirante ao secretariado diplomatico. O barão limpou o seu monoculo de crystal e continuou tranquillamente :

— Ella n'esse tempo era mais magra e tinha os cabellos castanhos, mas de um castanho que ás vezes era quasi negro e de outras vezes se tornava quasi louro. Esse cabello era a sua alma. Azevedo, coitado! reflectiu vinte dias, torturou-se vinte dias. E nesses vinte dias, a Maria lutou, em arte e manha, mais que um diplomata, graduando sabiamente as concessões que dessem ao velho apaixonado uma vaga idéa do que poderia ser o lar com uma doce creatura meiga, boa, fiel, sem azedumes, sem neurasthenias. Os amigos, sabedores do desastre, reuniram-se para salvar Azevedo. Todos os meios falhavam; ou antes redundavam a favor da Maria. Um rapaz, Theophano de Abreu, se bem me recorda, latagão intelligente e bem collocado da colonia portugueza, com certo desejo na Maria, prestou-se a um sacrificio collossal : fazer-lhe a côrte, conseguir possuil-a e vir contar depois para o Azevedo o facto. A Maria não resistiu, e Theophano, apezar de ter gostado, sacrificou-se : — « Azevedo, disse em presença de varias testemunhas, não pódes casar com a Maria. » — « Porque? » — « Porque te engana. » — « Não admitto que insultem uma mulher que vive commigo. » — « Mas foi

commigo, venho agora de lá. Ella será incapaz de negar na minha cara. E se faço este acto indigno é para te salvar de uma horrivel e irremediavel indignidade. » Azevedo fez-se pallido, correu casa, e no outro dia não cumprimentou mais nenhum dos seus amigos. Era fatal. E afinal, para de novo possuir Maria, casou...

Fui encontral-os em Pariz, elegantemente installados numa das avenidas da Etoile, um palacio discreto. Maria tinha carruagens, coupé electrico, arrastava á noite pelos pequenos theatros maravilhosas capas de pélles de muitos bilhetes de mil, e frequentava varios lugares máos porque vendo-a um dia a pé a rodar um bistro, lembrei-me que bem podia estar de paixão por algum jovem apache, que os apaches são os homens bellos de Pariz. E' mesmo provavel que tivessem deixado Pariz, quando já Maria dava uns chás a alguns vagos titulares internacionaes, por algum chantage de escandalo, que o Azevedo teve de saber e pagar.

Mas isso não era nada! As exigencias e o descaro de Maria cresceram na proporção do embrutecimento do marido. Quando voltaram de Pariz, ella exigiu no seu palacete toda a ala direita mobiliada á indiana, com authenticos bambús de Calcuttá, *potiches* de cobre de Benarés, deuses brahmanicos de porcellana e de metal. O seu quarto tinha guarnições de seda verde pregadas a grampos de coral; os cortinados eram de gaze de Dekan, a mais leve gaze do mundo. Aos pés da cama, um *Vichnou* de marfim, o deus dos ricos, olhava-a a dormir. Fr-e

quentava-os por essa occasião uma turba-multa de homens sem preconceitos e rapazes bem dispostos, que forneciam as traições ao Azevedo. Maria era uma pilha de nervos. Não se resignara ao pobre consul; e a sua neurasthenia explodia em desejos de humilhações e um desenfreado appetite de seducção. A' mesa, fazia o consul levantar-se, ir buscar o seu leque ao segundo andar, para beijar o conviva, principalmente quando o jantar era a tres. De outras vezes, marcava-lhe a hora da entrada : — preciso estar só. Apareça depois da meia noite. E n'esses dias sempre alguem conhecia a pelle de tigre real com forro de brocado rubro, que havia na terceira sala da ala esquerda, onde se amontoava a collecção de armas usadas por todos os soldados dos rajahs imaginaveis.

Vocês riem ! Eu afinal tenho pena. Esse homem ganhava rios de dinheiro, gosava de boas relações... Julguei-o um indigno. Não era. Era e é um ser que ama. Qual de nós não tem o seu segredo inconfessavel e um desejo irreprimivel? O amor é o desejo, mas o desejo da completa satisfação, d'essa illusão dos sentidos. Quando se quér assim, somos arrastados como por uma corrente. Ha casos peores a que apertamos a mão...

— Mas, agora, que fazem elles?

— Não os vejo ha dois annos. Naturalmente ella quer ser familia. E' uma aspiração natural. Vi-a com elle, na abertura da Camara, n'uma *pose* de duqueza pintada pelo la Gandara. De certo já se resignou ao Azevedo e estão ambos aqui, a gosar

o inverno, a dar a impressão de que são felizes. E entretanto a Maria é a alma envenenada, agrilhoada a um corpo que detesta, desejando, no desequilibrio de carne a tropa dos homens, desejando, no desequilibrio de moral, a posição e o respeito; o Azevedo é o pobre bruto sacrificando tudo, a honra, o dinheiro, a vergonha, rastejando o ignobil só para que lh'o consintam um pouco de amor pela creatura que lhe agradou aos sentidos. E ambos desgraçados, desvairados, seguem a vida, com o sorriso no labio e a vaga inquietação no olhar febril.

Nesse momento, a bella Chilena, Maria de Azevedo, ergueu-se. O impertinente fraldiqueiro saltou da cadeira. O homemzinho baixo tambem, de outra. Ella viu o barão, que se levantou, curvou-se. Azevedo abriu os braços.

— Oh! você! Ha dois annos!

— D'onde vem?

E os dois homens abraçaram-se. Elle parecia velho, meio desconfiado. Ella, sob a luz opalisada das cortinas brancas, sorria, um sorriso mixto de inexprimivel ironia e de vaga satisfação, emquanto os seus olhos pousavam, como uma perturbadora caricia, na mesa em que Alberto Guerra continuava a almoçar, seguro dos seus *biceps*, dos seus brilhantes e talvez dos seus versos, no *brouhaha* entontecedor do vasto *hall*.

CORAÇÃO

A Irineu Marinho.

CORAÇÃO

Quando chegou a casa para almoçar, João Duarte soube pela creada que a menina ardia em febre. Nem descançou o chapéu. Precipitou-se no quarto onde a pequena Maria, numa grande cama, estendia o seu corpinho ardente.

— Que tens, minha filha?

Maria não respondeu. Apenas agitou a cabeça como se a encommodasse qualquer coisa no pescoço, e tinha a pélle de braza, a pélle que parecia fogo.

— Como foi? Como foi? perguntava o pae, curvado sobre o leito. Comeste de certo alguma coisa que te fez mal. Uma fructa de certo? Com este calor, louquinha, com este calor! Mas vamos mandar a Jesuina ao medico. Elle vem já, dá-te umas drogas, e ficas outra vez bôa, pois não?

Saíu para a sala de jantar, escreveu á pressa um bilhete.

— Leva já isso ao doutor Guimarães. Depressa.

— E o senhor não almoça? Está pallido.

— Não, perdi a fome. Esta Maria! De certo fez

alguma imprudencia. Anda, vae. Dize-lhe que venha immediatamente. Que te parece a doença da Maria?

— Oh! meu senhor, uma das doenças da menina. Oito dias, e sara.

João Duarte forçou um sorriso de esperança e de novo foi-se ao quarto. A pequena continuava numa ancia, a mover a cabeça, os olhos fixos, uma vermelhidão na face, os braços tambem vermelhos. João aconchegou-lhe as cobertas, apalpou-a, teve vontade de tirar o cobertor ao mesmo tempo que lembrava ir buscar mais outro, abriu as cortinas das janellas, olhou fóra sem ver o movimento da rua, tornou á filha, beijou-a, passeiou nervoso, sentou-se á beira da cama, ergueu-se, apanhou uma cadeira, suspirou, quedou-se com uma dôr indizivel a olhar a pequena. Era sempre assim, era sempre aquelle excesso. A sua filha, a sua querida filha! João Duarte era um pobre professor de mathematicas, com uma larga fronte e um genio arrebatado. Diziam-no de grande talento os discipulos, posto que bastante original. Filho de uma familia rica e de raizes nobres, viu-se aos treze annos, ao cursar o primeiro anno da Escola Central, na miseria, porque o páe morrera de congestão em vespera de certa combinação da Bolsa e os socios, irmanados na infamia, haviam absorvido com descaro toda a fortuna. João entregou a parte que lhe cabia dos restos da herança ás irmãs e continuou só a estudar, ensinando para viver. Os amigos acharam excessivo o gesto do rapaz. Elle

nem sorriu — porque sentia na sua alma um desejo infinito de amar e dedicar-se.

— São minhas irmãs ! dizia.

Naquelle tipo de mathematico, havia um ser excepcional, o estofo de um santo? Quem sabe? Elle resumia a vida no amor que se entrega suave e sem mácula, e emquanto atravez do seu curso brilhante, lentes e condiscipulos vaticinavam-lhe o mais brilhante futuro, pensava em crear uma familia, em ter um lar para ter alguem seu e inteiramente dedicar-se, velando, cuidando, sendo a causa dos prazeres, o principio das alegrias de alguem. Casou com uma pequena de familia humilima antes de terminar o curso. Era um collegio gratuito em que meia duzia de rapazes ensinavam meninas pobres. Ella apparecera aos treze annos pallida, com as mãos bem tratadas, um sorriso de resignação nos labios. Elle indagou da familia, e certa vez em aula :

— Menina, queres casar commigo?

Toda a aula riu, achando graça na pilheria do senhor professor. A pequena ficou mais pallida e duas grossas lagrimas rolaram-lhe pelas faces brancas. Elle foi d'ali á casa da mãe, uma senhora viuva de genio irascivel, que vivia com tres filhas honestas a fornecer comida para fóra.

— Mas, senhor doutor, está louco ! Minha filha tem treze annos apenas. É uma creança.

— Não importa. Espero até aos quinze, mas fica noiva.

A mulher desconfiou a principio e negou-lhe entrada. Elle começou a presentear a creança, e dar-lhe dinheiro entre as folhas dos livros mandados á velha, de quem sabia as necessidades, a enchel-a de cuidados, num exagero que a assustava. Era um amor mais de pae que de noivo, um amor sem desejo de carne, espiritual e enorme. Ella foi a pouco e pouco acostumando-se, vendo nelle o protector, menos que o apaixonado. Certa vez, ao entrar na aula, recebeu a primeira carta d'amor. « Venha já. Mamãe com um ataque. Nós tres sós e afflictissimas. » Partiu. A molestia da velha era grave e elle ficou para fazer-lhe fricções, dar-lhe banhos, emquanto naturalmente as despezas da casa corriam por sua conta. Quanto era preciso trabalhar! Leccionava em tres collegios, tinha aulas particulares, ensinava á noite turmas de caloiros. Morria de trabalho e estava satisfeitissimo, sentia-se feliz quando a Aurelia dizia :

— O pae quando era vivo tambem fazia assim!

Para não chocar a susceptibilidade da velha, imaginou tomar pensão na sua casa, pagando o triplo do que devia pagar, acabou pedindo-lhe um quarto, em cima, no sotão do velho predio, o quarto em que estavam os cacaréos. Quantos sabiam do facto commentavam-no com acrimonia. Estava o João Duarte de dentro, com tres virgens! Que satyro! Sempre que a opinião da rua filtrava atravéz das portas, a velha em cólera, bramia, gesticulava, bradava. E João, sem forças, dizia supplice

— Mas se não é verdade? Se a senhora sabe que não tenho tenções más?

— Era melhor que as tivesse! Ao menos sabia-se logo! engrolava a velha no auge do furor.

— Que se ha de fazer? Cada um como nasceu...

Ao cabo de dois annos, porém, casou. Foi modesto o casamento. Elle appareceu com o mesmo fato preto com que diariamente labutava. Não lhe sobrara dinheiro, tanto era o luxo para a noiva e tantos os objectos comprados para a nova casa, aos poucos, com mil sacrificios e uma porção de trabalho, muito trabalho. Mas Aurelia não o amava. Nunca amou a ninguem. O desequilibrio nervoso da mãe redundara nella numa vaga histeria. Precisaria de certo de um homem brutal. Encontrara perdida no mundo uma rara alma. A influencia da mãe, as suas ordens, os seus conselhos era que a regiam. João marido passou a ser a creatura que tem obrigação de dar. Elle dava como um escravo. Nunca um enlevo, um simples gesto terno lhe acolheu sacrificios de dinheiro, sacrificios de trabalho. A familia, por ver Aurelia feliz, começou a querel-a menos. As duas irmãs solteiras açulavam os máus instinctos da velha, e eram ellas que faziam a chuva e o bom tempo na casa de João. A's vezes, Aurelia entrava em casa a chorar:

— São umas miseraveis! Trataram-me como um cão, depois de lhes ter dado uma porção de coisas!

A colera estalava na alma de João.

— Já não te tenho dito tanta vez? Não lhes fales! Ellas invejam a tua felicidade.

— Se ellas soubessem !...

— Então, não és feliz?

— Eu feliz ?... Ah ! que idéa !

Um grande desejo de insultar aquella creatura vulgar empurpurecia a face de João. Mas para que? A pobre mulher não o comprehendia, elle é que escolhera mal amando-a, amando-a com aquelle estranho amor d'altruismo e incapaz de viver senão para por ella soffrer e a ella dar todo o producto do seu sangue, dos seus nervos, da sua intelligencia. De resto, Aurelia rebentava em choro ou caía em profundos silencios agonientos. Era preciso divertil-a, dar-lhe mimos, leval-a ao theatro. Então João multiplicava-se. Quando não havia creada, era elle de madrugada que ia accender o lume, preparar o primeiro almoço, leval-o á cama. Sahia, corria ás obrigações, com a redingote verde e os sapatos em mau estado, voltava para o almoço carregado de fructas, de gulosinas de que ella dizia gostar.

— Trouxe-te figos e bonbons. Come.

— Não quero, fazia ella instinctivamente cruel, empurrando os embrulhos.

Elle tinha um vinco de tristeza e de raiva logo sopitada. Mas comia á pressa qualquer coisa, ia logo trabalhar. Ao jantar trazia-lhe sempre uma recordação, ria verificando que já não existiam fructas e bonbons, mandava-a vestir para o theatro, e ainda dava explicações a uma turma, entre o jantar e o theatro. Ella saía sempre contrariada porque o marido tinha préssa e voltava em

colera porque havia no theatro mulheres mais bem postas ou porque a peça não lhe agradara. João, humilde, preparava-lhe o chá, preparava-lhe o leito, ia para a sala escrever e estudar até de madrugada, e muita vez Aurelia acordou sobresaltada, com elle ao lado a olhal-a enternecido.

— Ah ! que susto ! até pareces um lobishomem !

Mas, de subito, Aurelia aparecia mais alegre, consentindo mesmo numa caricia. Era a reviravolta. Fizera as pazes com os parentes, ou antes, sem recursos, a velha mãe e as irmãs solteiras tinham vindo alegremente fazer-lhe uma visita. As fructas, os bombons iam embrulhados tal qual para a casa d'ellas, os córtes de vestido, os frascos de perfumes sumiam-se do guarda vestido.

— Como estou aborrecida ! Se me deixasses ir ver a mamã? Ella afinal é mãe. Não ha duas mães...

João sorria.

— Vae, filha. Não te prendo, mas vê se consegues demorar as pazes.

— Se ellas brigaram foi culpa tua. Não insultes a minha familia. Minha mãe é minha mãe.

— Bom, bom, nada de zangas. Vae, anda...

Por que tentar o impossivel? Ella não o comprehenderia nunca. Era um espirito de creança numa alma de mulher sem amor. Como sentir aquella afeição tão fina, tão superior em que a honra, a dedicação, o sonho de um homem cheio de coração irradiavam? Um rapazola qualquer com tres socos talvez abrisse na rocha a fonte do amor. Um tipo cheio de dinheiro espalhando notas

do banco talvez a fizesse esquecer os seus deveres de esposa. E João Duarte recalcava bem no intimo um vago e atroz ciume do que não existia, culpava-se, culpava-se e vinha a amal-a mais, a rodeal-a de maiores carinhos para não perdel-a, para não se ver perdido, porque precisava amar alguem, dar a sua dedicação a alguem. Assim viveu dez annos. Parecia ter vivido vinte. Estava magro, abatido. As roupas de baixo tinha-as rasgadas. Os fatos duravam-lhe dois annos. Não bebia senão agua : comia sempre pensando noutra coisa, e dormia pouco, cada vez menos, com o cerebro cheio de preocupações, as aulas, as vontatades de Aurelia a satisfazer, os negocios a liquidar com os prestamistas. Foi por essa ocasião que a mulher se fez mais creança ainda, começou a ter vomitos, a sentir os pés inchados, a vociferar com ciumes, despedindo as creadas aos gritos. João não acreditava. Seria possivel? Mas o medico não lhe deixou duvidas. Após dois lustros d'união, Aurelia estava gravida. Todo o desejo do pobre emfim realisado ! O seu amor foi tão grande, o sentimento da paternidade fel-o tão loucamente feliz, tão cheio de carinho para com a mulher, que ella, uma vez na vida, cedeu, deixou-se embalar. E eram passeios e eram consultas de medico e eram beijos. Nos ultimos dias era elle quem a vestia.

— Vamos ter um filho ! Um filho ! Sorri, tolinha ! Sorri ! Vae ser tão bom... Se fôr mulher, havemos de chamal-a Maria, ein? Querias que fosse homem? Ah ! egoista ! Os filhos gostam sempre mais das

mães que dos páes. Mas ha excepções. Tu por exemplo és mulher e gostas muito da tua mãe.

— Não fales! Não fales!

O parto foi laborioso. Aurelia gritou duas noites, julgando-se desgraçada e intimamente culpando d'aquelle horror o marido, que não dormia, de um para outro lado, afflicto, pallido. Quando a pequena nasceu, uma noite de temporal no mez de junho, João ao tomal-a ao cólo sentiu uma tontura d'alegria. O mundo se transfigurava. Os moveis tocavam-se de uma luz extranha. O tecto abria uma chuva de delicias. Afinal o destino realisava a sua unica vontade: uma filha! O seu sangue, parte do seu ser, com alguma coisa da sua alma, o desdobramento bello do seu eu. A essa sim, elle podia amar totalmente, com o seu grande amor sempre contido e represo, a essa devia amar e sentia amar, a essa entregaria a sede de pureza e ideal do seu coração dedicado, porque ella havia de comprehendel-o, havia de sentil-o, havia de saber que a sua vida inteira de esforço, de coragem e de soffrimento tinha por fim, por meta do sonho, por ultimo circulo do paraizo — ella.

— Minha filha... murmurou num extase, minha filha...

Mas de certo o Destino dando-lhe uma filha, queria simplesmente augmentar as angustias desse humilde coração sensivel, feito de excessos de ternura e de dedicação. Maria nascera doente. Aurelia, vendo que os carinhos do escravo diminuiam e por uma feição dos seus nervos em desequilibrio,

desinteressou-se dos carinhos maternos ao mesmo tempo que sentia um violento ciume do marido, apontando-o como o inimigo prompto a roubar-lhe o amor da filha. Era o proprio egoismo, o feroz egoismo das histericas. João entrava da rua ancioso.

— E a pequena?

— Não sei, pergunta á ama. Pois se não a largas!

Elle queria sorrir, hesitava, não comprehendia bem aquelle azedume eterno e lá se ia para o berço a olhar, a olhar, muito, muito... Sem nunca ter aprendido, viu-se á perfeição a enfaixar a petiza, a embalal-a, a cantar cantigas, com uma voz muito triste. Elle, que nunca na sua vida cantara por não ter tempo nem alegria, sentia naquella obrigação de carinho paterno que cantar era para a sua alma como desabafar soluços guardados no seu peito d'homem muitos annos antes, toda a sua vida.

Quando se anunciou a dentição, Maria foi presa de uma febre violenta. João desvairado mandou chamar um medico amigo, seguia-lhe as prescripções á risca, com altas dóses de quinino, e a pequenita deu de peorar. Era um erro de diagnostico, o tratamento contrario, a morte. Em casa havia uma balburdia. Aurelia, incapaz de resistir, dormia nas cadeiras. As irmãs e a mãe, inteiramente inuteis, julgavam a creança perdida e apostavam o dia da sua morte. Elle nem mais dormia, nem mais comia, afflicto, louco, com a pequenita nos braços, sem consentir que a tocassem.

— Deixem! Tenho esperanças! Uma grande esperança...

E a velha muito sincera:

— Qual! aqui só o milagre!

Começaram as conferencias. Os remedios enchiam os consolos da sala. Um dia, fóra de si, elle chamou o medico.

— Está perdida?

— Meu pobre amigo...

— Está?

— Infelizmente.

— Pois bem. Peço-lhe um grande obsequio de camarada. Venha apenas passar o atestado. Não lhe demos mais medicamentos. Custa-lhe tanto! Ella faz uma cara tão feinha. Eu fico a acalental-a até a morte. Talvez o meu amor...

— Sim, talvez, fez o medico a sorrir com descrença.

E elle ficou, no escandalo condemnador de toda a casa, a passear a filha, a dar-lhe gotas de leite, a animal-a, a incutir-lhe com toda a força da sua vontade o desejo de vel-a viver, de vel-a renascida. Assim passaram quarenta dias. Quando ao cabo desse seculo de dôr e de tensão nervosa, viu a pequena sorrir-lhe sem febre, sã, de aparencia sã, mirou-se num espelho por acaso, ao passar, e notou então que tinha ainda envelhecido. O medico chamado confirmou:

— Sim, com effeito, a reação... Mas como soffreste, meu amigo! Estás mais branco.

— Que queres? E' a vida, fez elle a rir para os outros que sorriam. E querer bem custa tanto!

A doença da filha viera desorganisar-lhe a vida do lar, se é que tinha isso. Aurelia cada vez mais nervosa, de peor humor, estava realmente doente e não se sentia senão irritada contra a filha. João não podendo conceber esse coração, dividia-se entre as duas, atenuava, mas á proporção que o amor da filha mais se enraigava, a magua da esposa augmentava. Maria, a petiza, tinha uma saude de vidro. O páe fazia-lhe uma atmosphera de suavidades. Foi elle quem lhe ensinou os primeiros passos, foi elle quem a fez repetir as duas primeiras sillabas formando sentido e quem toda noite até Maria ter cinco annos a adormecia numa vasta cadeira de balanço a cantar baixinho velhas canções de embalar creanças. Aurelia, indignada, á hora de ir ao theatro, surgia.

— Mas é espantoso! Adormecer ao cólo uma pequena de cinco annos! Bem diz a mamã que as tuas maluquices estragam a menina! João deitava á filha recommendando á creada mil precauções. No theatro ou onde estivesse a conduzir a esposa, apanhava sempre alguns minutos, tomava um tilbury, ia até a casa ver se Maria dormia bem.

Esses cuidados, o amor incomparavel faziam a petiza grata, com a gratidão das creanças que é de tão grande egoismo. Como a avó levava a fazer-lhe censuras com o pretexto de a educar assim como as tias, Maria odiava os parentes. Como a mãe nos seus accessos neurasthenicos dava razão

á familia e batia-lhe, tinha pela mãe um sentimento muito vizinho do medo. O páe era bem tudo, resumia todos os amores na sua permanente caricia, e fazia-lhe todas as vontades, comprava-lhe brinquedos, brincava com ella, e nada mais agradavel para os seus curtos instantes de descanço do que ir fazer com a filha o « chicote queimado », fingir que não descobria um lenço escondido e vel-a rir, rir como riem as creanças pondo um pouco do céu sobre a terra. Emfim elle realisara a felicidade. Havia um ente por quem se sacrificava mas que só no mundo a elle via com amor! E a cada achaque de molestia, a cada febre violenta da menina, ficava ahi perto do leito, sem pregar olho, olhando-a, exigindo que ella vivesse, com medo dos medicos, da familia, de todos. Dos sete annos porém para deante, Maria só adoecera duas vezes e elle estava já pensando num phenomeno de saude, já descansado, já com o sonho de um futuro risonho ao ver a filha linda, corada, sadia, quando ao entrar em casa encontrava-a assim, a arder em febre. Seria grave? Seria coisa de nada? Maria continuava a agitar a cabecita, os dois olhos injectados.

Então João suspirou de novo. Teria coragem de ir até ao fim, teria energia para vencer nessa nova luta? E foi ao encontro do Guimarães, que entrava acompanhado da Jesuina.

— A Maria, sabes, aquellas coisas... Parece-me serio.

— Vamos a ver. Não te aflijas.

Entrou, começou a examinar a doentinha, de-

morou o exame num profundo silencio, em que João parecia de marmore para não deixar transparecer a sua angustia. Depois, pensou.

— E' dificil um diagnostico. Por emquanto vamos dar-lhe um laxativo e um pouco de quinino para combater a febre.

— Quinino! Ella tem horror ao quinino.

— Ora, João, deixa de tolices. Como queres tu combater a febre? Ella tem trinta e nove e oito decimos.

Foi-se a receitar, e como amigo da casa, ordenou a Jesuina levar a receita.

— Volto á tarde. Até logo. Não te aflijas, homem.

João ficou no quarto, tal qual tinha entrado, com o chapéu na cabeça, a sobrecasaca aberta. Era como se tivesse recebido a noticia de que o mundo ia a desaparecer. Então a sua filha doente? E grave, grave! Sim. Estava grave! A pequena no leito crescia da agitação, erguendo os braços, sacudindo a cabeça nas travesseiras. De repente, ergueu-se atirando longe as cobertas, sentou-se.

— Minha filha, que é isso?

— Já é tarde, vou vestir-me.

— Não podes; estás doente.

— Ah! quanto fogo! E' um fogo de artificio. Espera. Onde estão as botinas?

— Maria! Maria! olha teu páe.

— Ah! as baratas, as aranhas. Que porção de baratas! Vamos matal-as, vamos. As botinas...

Era o delirio. Sem forças para retel-a, temendo

magual-a, João acompanhou-a. A pequena corria a casa, elle precipitava-se para fechar uma ou outra janella, para amparar-lhe os passos titubeantes. Era o delirio. Era a morte. Oh! sim, era a morte! Maria entretanto não caminhou muito. Subito esmoreceram-lhe as pernas, e elle levou-a ao cólo para o leito, aconchegou-a bem, ajoelhou na borda da cama.

— Maria, descança; não morras, minha filha, não morras porque eu não resisto!

E sentiu que chorava, que pela primeira vez na vida chorava na presciencia da fatalidade inexoravel. Mas era preciso lutar, arrancar o seu entesinho ao irremediavel. Enxugou as lagrimas, as idéas um tanto confusas. Aquella calma de amor com que reagia sempre outrora se transformara numa agitação febril em que a sua vontade se perdia. Quando os medicamentos chegaram, foi elle mesmo a administral-os. A febre continuava.

Para o jantar Aurelia entrou, e ainda toda enfeitada no quarto:

— Então que é isso?

— A Aurelia mal, desde que saiste, parece.

— Não ha de ser nada.

— E' grave. Já delirou, está delirando. Maria, minha filha...

— Se mandassemos prevenir a mamã?

— Faze o que quizeres, deixa-me, deixa-me!

Ao escurecer, o doutor Guimarães reapareceu. A febre não cedera, antes augmentara. O medico balançou a cabeça. Era impossivel fazer ainda um

diagnostico, mas o estado da menina inspirava cuidados. Se não tinham confiança nelle, poderiam chamar outro para uma conferencia, e mesmo não o preferir... De resto a casa já tinha esse aspecto que precede as tragedias, como se o inanimado, os moveis, os muros, os quadros, os objectos sentissem antes dos homens o arripio da morte, a passagem da ceifadora. A familia de Aurelia apparecera. A velha dogmatica arrasava Guimarães e queria outro medico. As irmãs já asseguravam o caso perdido, como de costume. A vontade de João sossobrava. Elle queria estar apenas perto de Maria, não se tirar d'alli, ser o unico a cuidal-a. Então foi pela casa, dirigida pelas mulheres, como um vento de se ensandecimento. A primeira conferencia relegara Guimarães. Um outro medico moderno e celebre apparecera, imaginando banhos quentes e injecções hypodermicas de quinino, enchendo os aparadores de frascos e de caixetas. Batiam á porta sinistramente os fornecedores. Uma grande banheira foi installada no quarto. Para enchel-a, cada um trazia o seu jarro d'agua a ferver. João calafetava as portas, despia com uma delicadeza infinita a pobre Maria, tomava-a ao cólo, depositava-a na banheira com um arripio, como se estivesse a matar a filha, emquanto o medico contava os minutos. Tornava a pegar da creança, enxugava-a, envolvia-a nos cobertores, quedava-se, com os olhos muito abertos, um vinco d'angustia entenebrecendo-lhe a boca. E o medico tomava da agulha, enterrava-a no ventre da filha, indiferente, conver-

sando. Como apezar dos laxativos, o ventre continuava atono, recorreram aos chlisteres. Elle os dava só, sabia de todos os remedios e passava a noite, aos pés da cama, olhando a filha. Quando ella dormia, chorava, e murmurava tão baixo que só a sua dôr o ouvia.

— Não me deixes, Maria, não me deixes... Ah! não que eu morro, que eu morro! Por que vieste, ein? Por que? Para me fazer soffrer? E de uma vez em que estava assim, com a face molhada de lagrimas, ouviu a voz da filha:

— Ah! paisinho! Quanto trabalho está tendo commigo!

— Maria!

— E não vale a pena...

— Meu amor, não fales, ouviste? dorme. Estás muito melhor.

Tocou-lhe nas mãos, e, com effeito, sentiu-as menos quentes. A febre declinara. Uma chamma de esperança brotou-lhe no coração. Esperou ancioso a manhã, e quando o medico chegou, disse-lhe quasi a sorrir:

— Está melhor. A febre diminuiu:

— Acontece. E' do curso da molestia. Tem trinta e oito grãos de febre.

— Então?

— O perigo ainda não desapareceu, meu caro. Sua filha tem uma grave molestia com periodos fataes. Ha quanto tempo caíu? Ha oito dias. Desde esse momento os dias tem se conservado firmes, de sol. Esperemos que assim continue o tempo

mais uma semana e eu garanto a vida da pobre creança. Mas, se por acaso tivermos uma brusca mudança meteorologica, uma tempestade, o abaixamento da temperatura — é difficil dizer qualquer coisa.

— Então, se o tempo conservar-se firme?...

— E se houver a tempestade...

Certo João Duarte nunca na sua vida se sentira tão a braços com o destino triste. Ouvira falar de molestias em que a variação atmospherica influe perniciosamente, sabia mesmo o nome de algumas, mas a hiperesthesia da sua angustia, a tensão neurica em que o mantinha a imminencia do desastre, aquelle ror de noites passadas em claro, o esforço phisico de andar com a petiza ao cólo já tão crescida, e esse martirio de soffrer n'alma todos os cruciantes soffrimentos fisicos da filhinha faziam-no perder a noção nitida das coisas, esbatiam a vida em torno do grande problema : salvar Maria. A idéa da tempestade entrou-lhe no cerebro de mathematico, d'homem de sciencia sem abusões, sem crendices, como o anuncio da catastrophe que era preciso evitar a todo transe. Um tremor convulsivo tomou-o, e a sua atenção bipartiu-se entre o céu e a filha com o pavor de um primitivo deante dos elementos. Se chovesse, se no céu lindo rolasse o fragor do trovão e nuvens negras toldassem o azul do firmamento, toda a razão de ser da sua existencia naufragaria porque a filha não poderia escapar. Não se tirou mais do quarto. Passava a velar Maria e a ir de vez em quando levantar a cortina

para olhar o céu, com um medo supersticioso. Era em novembro, no começo do verão, nessa época de bruscas tempestades em que amainavam os grandes calores. A temperatura subia : o sól era um disco de fogo no azul de cobalto, do céu sem nuvens; e as noites se diluiam num escandaloso luar côr d'oiro e côr d'opala. Estavam a findar os dias do plenilunio, iam entrar na minguante. Talvez mudasse o tempo. A febre não cessara, queimando a fogo lento os membros emagrecidos de Maria. A nevrose da casa tivera um hiato de cansaço, á espera do acontecimento. A familia dormia pelas salas, sem pouso. Aurelia tivera dois ataques com gritos despedaçadores que faziam no seu leito a doentinha contrair o semblante numa inédita angustia de cadaver horrorisado subitamente voltado á agonia. Elle quedava-se, ouvindo o crepitar da lamparina e o tic-tac do relogio na sala de jantar a coser o tempo no pesponto certo dos segundos. Qualquer outro rumor, o arrastar de uma cadeira na casa visinha, as vassouradas dos varredores pela madrugada, faziam-no pensar em trovões ao longe, em quédas d'agua. Corria então á janella, levantava a cortina, perscrutava o céu calmo. Ah ! se não chovesse ! Se o milagre se désse ! Se Deus quizesse ! Até mesmo em Deus elle acreditava, pondo a reger aquelles phenomenos que a sua sciencia conhecia, um ser sobrenatural e todopoderoso. E assim os dias passaram. Um, dois, tres, quatro dias que eram para elle a corrida do seu coração, o galope dos sentidos por um tunel de treva á pro-

cura da luz anuncio da vida, dias de que contava as horas e os minutos e os segundos como se os sorvesse sedentamente num contador de fél, dias que lhe chupavam das arterias annos de existencia.

— Façam uma promessa, segredava ás mulheres, vocês que acreditam. Façam uma grande promessa. Eu cumprirei...

As creaturas, incapazes de sentir assim, estavam afinal tocadas de respeito, lamentando tanto a creança como aquella energia humilde que a seu lado se finava por amal-a de mais. Os santos surgiam. Havia oratorios na sala de visitas, no quarto d'Aurelia, com velas a crepitar. E a febre continuava a resecar a pélle branca de Maria, sempre, sempre, sem descontinuar. No quarto dia, — era de madrugada a já João fora varias vezes olhar o céu — estava sentado a olhar o somno tenebroso da filha, quando pelos seus olhos passou um relampago. Não, era de certo allucinação da fraqueza. Correu á cortina e quedou-se com um arripio de horror. Grossas nuvens vinham vindo do ocidente. A luz da lua era de uma intensidade cegadora, envolvendo de tal sorte o casario que parecia libral-o numa atmosphera de sól azul, coroando-o de icebergs de frócos. Na linha do horizonte, porém succediam-se clarões como os que fazem os canhões ao longe a detonar. Era mesmo um canhoneio de chammas, de que ainda não se ouvia o barulho mas que barravam a barra do céu de putrefações luminosas.

João Duarte correu á filha, apalpou-lhe o braço descarnado, que ardia. Nesse momento ouviu-se um grande fragor pelo céu todo. Era o trovão. João passou varias vezes a mão pelo rosto. Era impossivel! Era impossivel! Talvez elle estivesse tentando os elementos, com a idéa permanente da chuva. Procurou alheiar-se, pensar noutra coisa, architectou frases vagas, com os ouvidos á escuta, os olhos dilatados.

Esteve assim um instante que lhe pareceu um seculo. Não resistiu, voltou á janella. Já o céu de um azul de vidro se achamalotava e se rendava de nuvens côr de cinamono. Qual! Era verdade! A chuva vinha, era fatal! Nunca na sua vida o destino sorrira senão para lhe lançar mais veneno nalma. Assistiria de pé á hecatombe. E depois estalaria; estalaria como estalara o trovão.

Que fazer? O céu em pouco foi todo um licor que baixava, empedrado de nuvens, empurradas pelo vento. A rua, minutos antes banhada de luz, escurecia em treva. Grossos pingos d'agua começaram de bater na vidraça onde João tinha a face colada. Em pouco os pingos redobraram saraivando nos vidros, e os trovões tonitroavam, trovoavam, fragoravam no arquejo despedaçante do vento alanhando o negror do espaço de coriscos subitos que rachavam a treva. E, áquella violencia, João, como um naufrago, ainda tinha esperança, ainda pensava, que após o temporal voltasse o tempo firme definitivamente, e ainda houvesse um meio. Qual! Aquillo ia acabar, tinha de acabar. Era chuva de

durar pouco! Mas a chuva caía, jorrava do espaço violenta e brutal, inundando a rua.

João olhou então a filha. A pobrinha mostrava apenas a face de cera entre os caracóes dos cabellos. As olheiras eram roxas e o nariz afilava na sombra do para-luz. Pobresita! Estava a descançar. Elle ficaria ali, contra o elemento, prohibindo-o de entrar, impedindo-o de passar. As idéas fugiam do seu pobre cerebro sempre resignado. Abriu os braços, nos portaes, ficou assim longo tempo, pensando, pensando na tempestade, na filha, na tempestade que ia acabar, na filha que não podia morrer. Quanto tempo levou assim? Era impossivel saber. Um zumbido tomara-lhe os ouvidos na recordação dos trovões, as fontes latejavam-lhe, e tinha as mãos frias como se as tivesse passado em gelo. Só deu acordo quando viu uma luz baça vir surgindo no espaço e viu que a chuva continuava lentamente, sem fim. Era das que não acabam! Deixou cair a cortina, veiu na ponta dos pés até o leito, apalpou o corpo da filha. Estava sem febre, sim! sem febre alguma. Dera-se o prodigio? Seria possivel? Então a chuva, a tempestade?... Apalpou bem a testa, o peito, os braços, os pés. Os pés estavam até frios. Ora esta! Um sorriso de satisfação abriu-lhe a boca, onde só a dôr deixára vincos. Foi buscar um outro cobertor para os pés da queridinha, envolveu-os bem, e de novo apalpou as mãos. Estavam tambem a esfriar. Hein? Que era isso? Talvez o corpo, desacostumado da temperatura normal... Qual! era

idiota o que dizia! Chamou a filha, baixinho:

— Maria, ó Maria, melhorsinha?

A pobre não respondeu. Tambem tão fraca! Nem de certo escutara... Chamou mais alto:

— Maria, então? queres deixar o pae do seu coração sem uma resposta? Não vês? Estou só, eu só aqui, eu que soffro comtigo. Maria...

Estava atormentando-a com certeza. Ah! que bruto era, que máu! As mãos, porém, esfriavam. Oh! Uma nova complicação na noite, mais dôres, mais males, mais horrores. Que seria? Foi até a commoda, acendeu uma vela, veiu ver de perto a sua adoração.

Maria tinha os olhos abertos, bem abertos, grandes, largos, abertos. Qualquer coisa de vidro christalisava-lhe o brilho. E os labios descerrados mostravam entre os dentes uns filamentos brancos, secos, uns filamentos que nunca vira. A' luz da vela as palpebras não bateram. Uma grossa lagrima rolava-lhe pela face. Já se lhe não sentia o respirar.

João Duarte deixou a vela ao lado, na cadeira, virou-se para um lado, virou-se para outro, passou as duas mãos pela cara, esmagando os dedos de encontro aos olhos, quiz falar, quiz chamar. Parou, pousou de nòvo o olhar no olhar que se embaciava, olhou, olhou a filha. Um tremor tomou-o, sacudiu-o, abriu-lhe a boca, como que lhe esgarçou os musculos. As mãos crisparam-se-lhe. E, de chofre, caíu para frente, sem apoio, no chão, com a face de encontro ao pé da cama, estalado de muito amar desgraçadamente.

A NOIVA DO SOM...

A NOIVA DO SOM...

Estavamos na sala malva, a sala das recepções intimas, das conversas leves em torno da mesa do chá. Mme de Souza, linda no seu « teagown » côr de pecego, posava entre a trefega Mme Werneck e a sisuda viscondessa de Santa Maria, e nós, eu e o barão Belfort, já tinhamos esgotado o ataque á musica italiana, quando Mme Werneck deu conta da sua ultima descoberta :

— O barão está triste.

— Pois se venho de acompanhar um enterro.

— Triste por isso? O barão, o homem sem emoções, triste porque acaba de fazer a cousa mais banal desta vida, entre pessoas de sociedade!

— Não é propriamente por isso. Estou triste porque vi enterrar a ultima mocinha romantica deste agudo começo de seculo. Se lhes contasse a historia da pobre Carlota Paes, ficavam para ahi todos a chorar, e antes de tudo, nesta hora agradavel, nunca me perdoariam ter envermelhecido os lindos olhos de Mme Werneck.

— Mas, pelo que vejo, a sua historia tem a pro-

priedade do diluvio! fez asperamente a viscondessa.

— Conte-nos isso, barão, disse Mme Werneck; com a sua historia contemporanea do diluvio faremos decididamente collecção de antiguidades sisudas.

Houve um approximar de cadeiras. O barão bebeu um gole de chá.

— Não conheceram a Carlota Paes? Pois a pobre Carlota Paes, coitada! já com um começo de tisica e um perfil romantico, dava mesmo pena, á noite, no parapeito da janella, muito branca, como desmaiada. Ninguem lhe sabia da vida, e vendo-a assim, á janella daquella velha casa, todos a deploravam. Quando a Carlota atravessava a brutalidade do bairro pobre, com a apagada dôr dos humildes aristocratas, trazia no rosto um tal desgosto que era por quantos a conheciam um só lastimar. Tambem sahia apenas para acompanhar a mãe, uma senhora escalavrada e roida como um vaso antigo, para acompanhar com o seu passo de visão a pobre velha carregada de pesadas costuras. Fôra assim desde nascida! Olhava os pobres e os parentes como se guardasse n'alma a recordação de um mundo melhor, alheiava-se delles, e quando a viam recolher ao sobrado em ruina, já todos tinham a certeza de vel-a aparecer á janella, muito loira, e muito branca.

Que fazia ella, assim, por longas horas, alheia á rua, olhando o céu, como um personagem de romance? Coitada! Era o unico meio de esquecer a

miseria da casa, a miseria que embota a alma e engrossa as delicadezas. Carlota ficava alli, numas atitudes serenas de passaro triste, com o olhar cravado no infinito, e toda a suavidade sensitiva, quebrada pela incomprehensão dos outros, mucilaginava uma dolorosa expectativa.

Parecia um tipo de lenda á espera da fada que o fosse salvar do bairro escuro e daquella pobre senhora sempre a trabalhar e sempre de preto.

Como estão a ver, era uma menina romantica, e que romantismo, minhas senhoras! Até eu cheguei a admiral-a. Tossia mais, estava diaphana, parecia uma nimpha virada em anjo da saudade — porque, de certo, quem lhe visse o olhar e os irresolutos gestos, julgal-a-ia perdida de um paraiso artificial. Não lhe pude saber a origem desse exqusito feitio, e certa vez que lhe levava « bonbons » e lhe fallei em paixão, ella teve um gesto tal, que me esfriou a alma. Tambem, como sumida da realidade, nunca ninguem a tinha visto á janella baixar o seu severo perfil ás vulgaridades do namoro.

Esperava, nada via, e com a sua anciedade, assim ficava até tarde, muito branca e muito loira, olhando o céu.

Uma vez, no mez de Junho, a Carlota estava a chorar, nem sabia bem porque, diante da algida luz do luar, quando na casa junto, o harpejo brusco e sonoro de um piano sobresaltou-a. Do outro lado lentas espiraes melodicas espraiavam-se, envolviam-na. Era, num turbilhão continuo de notas,

de expressões subitaneas e diversas, a expressão persistente, torturante do desejo que não se termina e se preludia, do amor cuja volupia jamais alcança o paroxismo. Ella ficou presa, estarrecida. Quem seria? Nunca ouvira aquillo, nunca sentira os nervos tocados daquelle brusco quebranto, daquelle epidermico encanto do som, exprimindo o inexprimivel. Os sons, como caricias de rosas, iam a pouco e pouco desfibrando-a, envolvendo-lhe a alma, machucando-a. Toda ella palpitava agora com uma tremura de folha ao vento. Teria chegado a felicidade, o impalpavel prazer até então vedado? Aconchegou-se mais ao chale, com um arrepio de goso que lhe subia pelos braços e lentamente se irradiava pela nuca.

Do outro lado a musica, velada, num resumo de mil emoções, esboçava paisagens subtis e esfumadas, desfiava risos perlados, cavava-se em soturnas maguas, e como se a vida extra-humana fosse um só gemido d'amor, toda ella espiralava tormentosos queixumes, endeixas dolorosas, perdidos soluços de paixão. Para os grandes sensuaes só ha um goso integral que exprima a ancia de acabar e a fraqueza humana — o som, a vibração de uma corda na lamentavel evocação de vidas que se não realisam.

Para que o sentir da pobre creança fosse mais intenso, no espaço, as estrellas palpitavam e a luz do luar lustrando as casas com o seu misericordioso brilho, entrava pela janella num rectangulo de oiro que parecia milagre. Oh! nunca a doce Carlota se

sentira tão emocionada, ella que sempre vivera na expectativa do bem!

Essa noite passou-a á janella até muito depois do piano calar, ouvindo-lhe o ultimo som perdido na cinza avelhada do luar, e desde então andava o dia á escuta e toda a noite passava, em que o occulto pianista tocava, presa ao parapeito, entre a luz dos astros e os sons misteriosos. Nós já riamos da paixão.

— Então a Carlota?

— Ai! meu senhor, continúa a viver dos sons, está de todo virada!

E quando eu lhe levava alguma cousa:

— Então a Sra. D. Carlota sempre com os sons?

Ella pendia na cadeira sussurrando:

— E' tão bom!

Aquelles sons, como um rosario sem fim, que se desfiasse, iniciavam-na numa religião de amor desencarnado, e quando qualquer difficuldade emperrava do outro lado a mão do tocador, a Carlota sentia uma agonia como se hesitasse em comprehender todo o alcance peccaminoso da phrase.

Vinha-lhe ás vezes a curiosidade de saber quem era esse tocador. Passava os dias á espreita; a casa ao lado, uma pensão, não lhe deixava adivinhar entre as muitas pessoas que entravam o artista estranho da noite. Perguntou á mãe se a informavam e a velha senhora respondeu que não sabia, que não era possivel saber.

Bruscamente, então, perdeu esse desejo. Conhecel-o para que? Bastava a delicia de ouvil-o, bas-

tava a inconsutil paixão que a rojava a seus pés! E perdia totalmente as noites, essas noites de Agosto, trahidoramente frias, em que a luz brilha mais, ha mais perfume no ar e as brumas, ao longe, parecem sudarios consoladores. Era um inebriamento até ao romper d'alva. No fim, quasi se arrastando, ia para o peitoril, como para uma tortura e do outro lado, a musica inquisidora amortalhava-a desabridamente no delirante tropel do amor!

Ah! o goso do som! Os seus nervos sensiveis chegavam ao pranto, ao soluço, ao sorriso, como hipnotisados. Cada nota já lhe exprimia um sentimento; os trechos repetidos pelo artista ella os seguia, adivinhando accordes, advinhando sons, como se fizesse o exame da sua alma de amorosa, e de cada vez, mais maravilhada ficava, bebendo a pleno trago o delirio, a morte, o extase da musica encantada. De certo, ninguem, ninguem no mundo amava, sentia-se ainda com esse sagrado e impalpavel amor. Encostava-se ao parapeito, esperava e era sempre com um susto que, de repente, ouvia abrir-se uma escala, como acordando o piano, e as duas vibrações de bordão, dous acordes de contra baixo, pesados e sonoros. Depois, um som subia, outro respondia, o aviario se encadeava num trinado. Muita vez, o pianista que fundia a alma com as notas, tocava varias arias simples, com um ar velho, como se os seculos todos chorassem a vida; d'outras, eram trechos modernos, trançando no ar uma flora bizarra de nervosos acordes e era então

uma revoada de dôres, ais sem fim, queixas em harpejos arquejados, rugidos rubros de ciume, em que o piano parecia abalado e a musica estrebuchava...

Nos ultimos dias, a coitada ardia em febre, plenamente fóra do mundo, gosando com um goso feroz de agonisante, o amor incorporeo, emquanto ao lado, noites em fóra, as mãos invisiveis soluçavam a magua e a tristeza.

Ora, hontem, quando eu subia a escada ingreme da sua velha casa, D. Anna apareceu-me desgrenhada.

— Venha, acuda, a Carlota morre...

— Como foi isso?

— Sei lá! Passou toda a noite á janella; o musico não tocou, a chuva, hemoptises, sangue...

Na sala de visitas, a pobre Carlota, coitada! estava cahida numa cadeira de braços, entre as bacias, as botijas, os pannos, a lugubre confusão que precede o eterno descanso. Fez um esforço, estendeu a mão.

— Estou á espera da musica...

Deixei-a, despreguei-me pelas escadas. Era preciso que a musica lhe levasse o supremo consolo. Entrei pela casa ao lado.

— O pianista? perguntei ao encarregado.

— O maluco? No primeiro andar, á direita, quarto n. 5.

Subi, bati com força no quarto, empurrei a porta, desesperado. Encontrei um velho homem, magro e adunco.

— E' o senhor o pianista?

— Sou.

— Ha aqui ao lado uma criança que agonisa. Vinha pedir...

— Para não tocar hoje. Vá com Deus.

— Não. Venho pedir que toque. Não é possivel explicações. Essa menina vive ha um mez de ouvil-o. Está morrendo. Pede-lhe que toque.

O homem passou a mão pelos cabellos.

— Escute, é uma loira, muito loira? Meu Deus! Pobre pequenina! Então ella me ouvia? Vá, eu toco, vou tocar, vá.

Depois, agarrou-me o braço.

— Mas escute, não lhe diga como eu sou. Eu sou feio, perdia o encanto!

Quando outra vez entrei na sala, a Carlota morria. Como a querer beijal-a, o luar entrava pelas janellas, num golphão de ouro, e ella, com as mãos de magnolia cruzadas sobre a peito, tinha na face a tortura da agonia.

Mas, subitamente, teve um estremeção. Ao lado, como uma ronda de astros que se despregassem do infinito, o piano explodia uma indisivel revolta. Um tropel de sons reboou, entrechocou-se, deslisou, rasgando o ar, da terra ás estrellas, com uma dôr infinita. Depois, pareceu parar, tremulou brevemente, abrindo um paraiso, onde os archanjos cantassem e, emquanto Carlota sorria, os accordes, como um coro de rosas, envolveram-n'a, beijaram-n'a. E ella morreu, docemente, sem uma contracção, ouvindo a musica do amor...

Houve um longo silencio na sala malva, onde ha conversas tão alegres, á hora suave do chá. O barão limpou o monoculo :

— Ora, aqui está porque eu estou triste !

— Cousas da sua fantasia macabra, fez a severa viscondessa de Santa Maria.

— Para entristecer a gente, accrescentou Mme de Souza, linda e sentimental.

E, de novo, emquanto Mme Werneck fazia um grande esforço para não chorar, todos nós, com afinco e erudição, atacámos a musica italiana.

A SENSAÇÃO DO PASSADO

A SENSAÇÃO DO PASSADO

Estavamos a conversar no gabinete de Jorge Praxedes. Era um fim de tarde prolongado por um lindo e maravilhoso ocaso. Jorge offerecia chá em chicaras de porcelana da Persia; havia largos divans sonhadores entre as mesas atulhadas de bugigangas de arte, e naturalmente, a atmosphera, o tabaco turco, o chá, tudo isso nos dava a lombeira das recordações e o desejo de fazer frases. Já tinhamos falado do amor, da vertigem do tempo, do galope da existencia e de outras coisas novas.

— E' curioso, disse um da roda, nós os homens modernos não temos a sensação do passado, do não sentido, do total alheiamento que o passado devia dar. As dôres, as alegrias, as modas ficam na memoria como coisas presentes que se afastaram. Para um homem que vive a vida intensa não ha propriamente passado, ha um acumulador que não dá a impressão especial do antigo, do acabado, do que não volta mais e ha muito tempo terminou.

— Paradoxo!

— E' facto. Como homem as minhas amantes

mesmo mortas vivem todas na minha memoria como se estivessem alli, por traz do paravento; como artista nunca me foi possivel ter a impressão do extincto deante de uma estatua grega, a ouvir um trecho de musica classica, a ver uma linda tela antiga.

Houve um prudente silencio, e todos olhavam prudentemente as janellas, quando o barão Belfort, que tocava um pouco distante um vago Schumann num piano meio desafinado por falta d'uso, exclamou :

— Como tem você razão ! Os grandes sentimentos e as grandes emoções são sempre os mesmos. Por isso, os homens guardam na historia o mesmo phenomeno de memoria da sua vida interna : lembram-se mais de factos do tempo de infancia do que do tempo de hontem. Como artistas, neste torvelinho moderno em que a Belleza desappareceu, só o que é mediocre, muito mediocre, dá a sensação do passado, mesmo que seja de hontem. Deante da Victoria de Samothracia no Louvre é impossivel deixar de ter o enebriamento do triumpho deante d'aquelle bloco de pedra ardente que parece arrastar as embaterias da conquista, e anima os nossos nervos d'hoje como animaria os dos helenos. A vista da delicadeza preangelical de uma cabeça de Murilo, o nosso amor pela Belleza vibra como vibrava o dos contemporaneos do grande artista. Que digo ! Deante dos simples pedaços de pedra apanhados nas escavações do Egipto nós sentimos a vida porque elles sabiam reproduzir

a feição eterna da Vida. Um homem moderno não se admira do progresso porque o presente não sente o passado porque o guarda no proprio plasma.

— Grande fantasista.

— Repito, só a mediocridade, a « camelote » póde dar a sensação do bem velho, do velho quasi incomprehensivel para nós, do velho antipathico, do velho repugnante, do passado integral. E para isso bastam dois annos. Eu apalpo as opiniões, o afinamento nervoso dos homens, nas pequenas coisas, nas emoções dos sentidos. Qual dos senhores que amam perfumes sente a velhice da essencia de rosas? E' dos mais velhos perfumes do mundo e é divino e sempre da nossa alma. Qual dos senhores será capaz de usar, sem se sentir fóra da moda, fóra do tempo, um perfume lançado por qualquer fabricante francez com grande espalhafato e grande exito ha vinte annos, o « Jockey Club » por exemplo? Ao ouvir uma simphonia de Mozart, sentindo a cada passagem uma sugestão aos sentimentos eternos, ninguem achará essa musica velha. Ao ouvir uma valsa de 1870, cada um de vocês tratará de fugir...

A roda riu desabaladamente. O barão, levantou-se do piano, um pouco animado.

— Mas é um facto. Só as coisas absolutamente insignificantes dão a sensação do passado. Eu já tive essa sensação, não solitariamente, como me aconteceria cheirando um frasco de perfume da ex-moda, mas num salão de baile, num dia de baile.

E até jamais esquecerei a sensação porque vi, olhei, encarei e soffri o miseravel passado com toda a sua immensa insignificancia.

Como André de Belfort contava sempre coisas interessantes, os cavalheiros presentes aguçaram a attenção.

— Nunca pensei, meus amigos, que fosse tão simples e tão doloroso. Eu que sahia dos museus de endumentaria da idade media com ensinamento d'arte e a alma renascida, eu que vibrara deante dos frescos de Boticelli como deante da revelação para o futuro, fiquei aniquilado.

Ha cerca de tres annos, fui convidado para um baile nas Laranjeiras. Não era um saráu super-elegante, absolutamente *fashion*... Aquelles senhores dançavam ao som de um piano. Havia, entretanto, casacas, algumas notabilidades literarias e scientificas arrumadas na saleta de fumar, um farto serviço de *buffet*, a elegancia das mulheres, das moças vestidas de tecidos leves, a adejar a gracilidade suave dos gestos. O dono da casa recebeu-me com as reverencias com que receberia um bonzo. As moças olharam-me curiosamente, os valsistas ergueram os olhos, as matronas indagaram o meu nome e eu fui conduzido ao *fumoir*, onde murchavam cinco ou seis glorias urbanas. Nesta sala estava o piano, o piano torturador. Um mulato de pastinhas, com os collarinhos altissimos e o geito pernostico de levantar o dedo minimo onde fusilava um solitario, dirigia a caravana das notas, radiante como um deus e suado como uma caldeira. De vez

em quando, chegavam rapazes com vozes supplices :

— Firmino, agora, aquella tua polka.

— Qual dellas? interrogava o pianista com a fronte de orango camarinhada de suor.

— Aquella muito bonita, aquella molle...

E, alli mesmo, baixinho, trauteavam compassos.

— Tocas?

— Pois não.

Por esta apprehensibilidade de motivos musicaes, percebi estar deante de um desses pianistas da moda, peculiares á nossa sociedade, homemzinhos que vivem de escrever, com alguns erros e muitas acclamações, polkas, valsas e outros sons dançantes. Os jornaes annunciavam mensalmente, havia dois annos, novas composições suas, e, como um decreto, o seu nome triumphava nos salões modestos.

A vaidade enlouquecera-o quasi. O Firmino tinha a certeza de estar no galarim e, tocando, acompanhava com os hombros e a cabeça o balanço languoroso dos compassos, de olho aberto, beiço revirado, tal qual um genio inebriado com a propria revelação.

Talvez o fosse. Ha genios para tudo.

Eu ficára depositado numa *rocking*, ouvindo o Firmino e um velho chimico, professor de Faculdade, o Dr. Hortencio Guedes. O Dr. Hortencio falava mal do proximo, de modo que o Firmino não me escapava, dada a minha natural reserva

de responder com monosyllabos quando se ataca a vida alheia.

O pianista era, de resto, curiosissimo. A' roda do piano havia tres ou quatro individuos hipnotisados pela sua virtuosidade. De vez em quando, um rancho de moças, escoltadas por cavalheiros, invadia a saleta para lhe fazer o pedido de uma composição comovente, e o Firmino logo esticava mais os dedos, erguia a cabeça ao tecto, fingindo-se em pleno sonho, para ter um sobresalto, curvar-se, dizer :

— Minhas senhoras...

Então, todas falavam a um tempo :

— Firmino, toca a *Estrella d'Alva.*

— Não ! Antes a *Irresistivel...*

— Silencio ! Firmino, mlle. Abigail deseja aquella tua valsa... aquella muito dançante.Como se chama, mlle.?

— *Lolita.*

— E' isso, a *Lolita.*

O pianista lambia os beiços :

— Ah ! v. exa. gosta da *Lolita ?* Um poucochinho velha, tem seis mezes.

— Mas é tão bonita !

— Muito obrigado.

E, mais suado, com o lenço entre o pescoço e o collarinho a desabar, o pianista sacudia no piano os saracoteios da valsa. Não sei, meus senhores, qual a vossa impressão ouvindo esse genero musical. Eu, francamente, sentia-me moço, com vontade de dar á perna, tamborilando nos braços da

cadeira, gostando. Aquelles sons eram do meu tempo.

De repente, porém, quando o relogio batia uma hora, o Firmino parou bruscamente, poz a mão no queixo :

— Não posso mais !

Logo acudiram rapazes, o dono da casa, senhoras. Era a desgraça. A nevralgia, a terrivel nevralgia do Firmino rebentára. A notabilidade passava o lenço da fronte ao queixo numa ancia raivosa. Havia dôr de dentes e, principalmente, a dôr de não poder continuar a ser o idolo do grupo. As meninas, cheias de carinho, já tinham ido buscar cocaina, um palito, algodão; um dançarino trouxera o espelhinho do toucador :

— Põe isso, Firmino, a ver si passa.

— Qual ! não passa... chorava o artista. E, subitamente, desappareceu da sala, arrastando os dançarinos.

Durante dez minutos o Dr. Hortencio tomou sorvete e absorveu as attenções. Eu já estava enfastiado, quando o amphitrião surgiu :

— Ora esta ! E que tal, hein? Uma festa que ia correndo tão bem ! Logo hoje o Sr. Firmino dá para ter dôres de dentes. Estraga-me a noite !

Atraz do amphitrião vinham a pouco e pouco surgindo os convidados e o interesse de gosar a noite augmentava o odio contra o pianista, como si elle tivesse a nevralgia só para os desgostar. Aquillo não passa ! E' um mulato de maus dentes ! E agora? Sim, e agora? Que se ha de fazer? D. Ju-

lieta toca? D. Julieta era timida e ainda estava estudando. Ninguem tocava, ninguem sabia o que fazer? E tudo por causa desse Firmino...

Um dos rapazes, que usava lunetas e parecia muito brincalhão, propoz o suicidio geral, um holocausto a Terpsychore e, para dar o exemplo, atirou-se á janella. Mas voltou de lá, em pontas de pé, a face feliz, pedindo silencio :

— Meus senhores, está tudo resolvido. Descobri um pianista ! Agarrei o impossivel !

Todos, num impeto, indagaram onde o guardava

— Alli, em baixo, na rua, vendo o baile. E' o Prates. O Prates, ha vinte e cinco annos, era o Firmino de hoje. Morreu-lhe a mulher, foi para uma fazenda, não sei. O facto é que, quando voltou, já outros lhe tinham tomado o logar. O Prates anda por ahi furioso contra os rivaes, e passa as noites assistindo aos bailes como convidado do sereno. Não perdeu o habito, coitado ! Era a sua atmosphera... De manhã lê os cumprimentos dos jornaes e á noite espia os saráus. Original. Lá está elle. E' aquelle gorducho, de *cavaignac* branco, com um ar de agente de policia aposentado.

— Que romantico ! fez o Dr. Hortencio, e todos nós fomos á janella, subtilmente, espiar a rua negra, onde, com um *cavaignac* branco estava o caso exquisito.

O mocinho indagou do amphitrião :

— V. ex. permitte que o vá chamar?

— Sei lá ! si os senhores quizerem.

— E' velho, clamou alguem.

— Que tem isso? indagou facundamente o Dr. Hortencio. Então, si alli em baixo estivessem Beethoven, Schumann, Mozart ou outros luminares da musica, nós não os deixariamos entrar!

— Aquelle argumento pareceu decízivo, apezar de estarmos convencidos de que si Beethoven e os outros luminares aparecessem, teriam que ficar na calçada e sem abrigo.

O joven partira, entretanto, e minutos depois entrava na sala conduzindo um homem ventrudo que tinha um cavaignac de bóde branco e rolava o chapéu nas mãos.

— Meus senhores, o pianista Prates, que teve a bondade de aceitar o nosso convite.

— Eu passava na occasião, murmurava o homem, achei linda a festa...

Um bando de dançarinos já o envolvia, offerecendo-lhe licores, tirando-lhe o chapéu, sentando-o ao piano.

— Vai tocar alguma coisa?

— Quem estava aqui?

— Nós todos.

— Pareceu-me ouvir as composições do Sr. Firmino... Abancou, correu uma escala do piano. Hein? Que era aquillo? Era uma outra escala, uma escala extranha.

— Bem, vou tocar uma valsa.

— Bem moderna, Sr. Prates; uma valsa dançante.

— Sim, sim...

Os pares voltaram todos ao salão. Prates pareceu recordar; atacou um accórde, depois outro, e os primeiros compassos écoaram. Um vago mal estar pareceu, de repente, estreitar a sala. Que coisas comicas, que coisas grotescas, que coisas estupidas, essas notas de piano suggestionavam á gente!... A sensação do passado enraivece sempre. Os convidados estavam irritados como si fossem recebendo uma longa humilhação. Eu tinha vontade de rir e ao mesmo tempo de destruir, de quebrar o piano. Na sala, as meninas largaram os pares desanimadas; moças nervosas sentavam-se aos cantos e era uma crescente exclamação de desprazer.

— Qual! Não é possivel! Ninguem comprehende isso! Pára! Afinal, um, mais ousado, aproximou-se do piano:

— O' Prates, toca qualquer coisa de mais novo.

Uma voz rouca respondeu:

— Hein? não estão gostando?

— Muito, não. Vê si nos dá a *Valse bleu.*

— A *Bleu*? Ah! Essa não conheço. Parou, fitou um instante a parede fronteira, correu a mão pelo teclado:

— Vou tocar um dos meus successos.

Eu olhava-o como se olha um monstro, um trambolho que é preciso destruir e elle estatelava nas sete oitavas uma especie de belchior melodico, tendo tudo, desde o *seu soldado não me prenda* até os compassos do tempo em que o Furtado Coelho intitulava as valsas de homenagens e as meninas

dançavam a *Flôr de neve*, a *Flôr de baile*, a *Feiticeirinha* e a *Varsoviana*.

Eu nunca vira coisa tão assustadoramente horrenda. Era como si, de subito, saltasse ao salão uma velha horrivel, remexendo mollemente as pernas bambas. A mixordia espoucava como um rebate devastador. Os taes sons dançantes eram impossiveis de dançar. Por mais desejos, por mais esforços que fizessem os dançarinos habeis no « boston » e nas « americanas », eram incapazes de fazer duas voltas sem errar, sem se encontrarem, sem desanimar. Dançar com aquella musica tornava-se um tormento superior para os mais alegres. E elle, feliz, com o cavaignac pendente, num goso infinito, corria os dedos, evocando recordações, o Prates de outr'ora, que dirigia os salões, o Prates querido, o Prates animado no turbilhão das valsas, emquanto cada um de nós sentia o acostar de um espectro, o esmagamento com o dia de hontem, uma impressão de bolor, de humidade, de ridiculo...

No salão o gaz silvava só, e as janellas abriam num largo bocejo para a escuridão da noite. O pianista chegava ao fim em difficuldades, de mãos cruzadas no teclado, empinando o cavaignac, glorioso, ébrio de satisfação. De repente, parou, olhou para todos os lados, sem vêr, limpou o suor das fontes, abriu a bocca num sorriso alvar.

Não havia ninguem.

Já muita vez, com certeza, lhe acontecera aquillo, na sua peregrinação melancolica.

Prates ergueu-se pallido, tão pallido que eu

pensei vel-o cahir com uma vertigem; pegou do chapéu, apertou o lenço na bocca barbuda, como afogando um soluço e sahiu vagarosamente. Dentro batiam os cristaes da ceia...

Foi esta a unica vez que eu tive a sensação do passado.

AVENTURA DE HOTEL

AVENTURA DE HOTEL

Naquelle hotel da rua do Cattete havia uma sociedade heteroclita mas toda bem collocada. O proprietario orgulhava-se de ter o senador Gomes com as suas sobrecasacas immundas, o ex-vice-presidente da ex-missão do Mexico, a primeira ex-grande actriz de revista, com o seu cachorro, Mme de Santarém, divorciada pela quarta vez em diversas religiões, o barão de Somerino do Instituto Historico, um negociante tuberculoso chegado das altitudes suissas com o fardo enorme da esposa, o engenheiro Pereira mais a mulher, mais sete filhos, mais a criada, a notavel tragica Zulmira Simões em conclusão da sua ultima peregrinação provincial em companhia do elegante Raymundo de Souza, duas senhoras entre viuvas, solteiras ou estrictamente casadas, emfim, todo um mundo variado, mas que pagava bem. De resto, o proprietario, como assegurava a ex-estrella de revista, correspondia, isto é, servia com cuidado. Havia electricidade em todos os quartos, um aparelho de duchas no terraço de cima e um cozinheiro chinez.

Ao almoço era curioso ver toda aquella gente na sala de baixo, ornada de palmeiras e de flôres communs, entre os metaes polidos das guarnições das mesas. A sala era baixa, com uma luz baça de recanto submarino. Parecia um aquarium. A mim pelo menos. As actrizes tomavam ares graves de peixes evoluindo cerimoniosamente no fundo d'agua para cumprimentar as damas sem palco; os homens eram reservadissimos. Tudo aquillo mastigava calado, cada um na sua mesa, batendo o talher. Só quando havia hospede novo é que surgiam frases breves.

— Quem é?

— O deputado Gomensoro.

— Ah!

Sempre grandes nomes, gente importante, um complexo armorial de celebridades funccionarias e de titulares empastilhados. E á noite, no saguão de entrada, saguão de marmore que o gerente forrara de velha tapeçaria e guarnecera de um indizivel mobiliario hesitante entre o estilo ottomano, os belchiors e o confortavel inglez, podia-se ver os representantes de todas as classes sociaes desde a diplomacia até o trololó.

Precisamente tinhamos mais dous hospedes, o velho ministro do Supremo, Melchior, e seu sobrinho Raul Pontes, rapaz elegante, vivaz, espirituoso, com vinte annos irresistiveis. Todos no hotel respeitavam Melchior e gostavam do Raul, e ainda ninguem esquecera a sua verve quando o deputado Gomensoro, depois de apertar-lhe a mão, dera

por falta do relogio. Onde se fôra o relogio? No bond? Roubado? Sahira Gomensoro com elle? O Dr. Raul Pontes ria a bom rir. O relogio evaporara-se de certo. Era o calor. E ficou muito bem aquelle estouvamento, tanto mais quanto o velho Melchior, representante da justiça, mostrava-se incomodado.

No dia seguinte, ao vestir-me para o almoço, lembrei que na minha gravata creme ficava bem um alfinete de turmalina azul com brilhantes do Cabo, linda joia e lindo presente. Abri a gaveta onde o deixara á noite. Não estava lá. Abri outras gavetas, procurei, remexi malas a bolsas. O alfinete desapparecera. Quiz descer, prevenir o gerente. Mas contive-me. Podia tel-o atirado para qualquer canto. Quando se quer achar um objecto, a gente está vendo-o e é como se não o visse. Depois uma queixa sem provas contra o criado acirra a má vontade. Menos talvez que as queixas com provas, mas sempre o bastante para sermos mal servidos. Eu sou prudente. Tres ou quatro dias depois, no saguão, o senador Gomes, que só tinha livros e roupas velhas no seu aposento, perguntou-me de repente :

— Você tem um alfinete de turmalina azul, não?

Além de prudente, sou intelligente. Porque diabo naquelle distincto hotel, o senador indagava de um alfinete desaparecido? Tel-o-ia apanhado por farça? Era pouco proprio para o alto cargo legislativo, mas para mim uma confiança simpa-

thica. Fez-me o effeito de um piparote no ventre. Respondi :

— Tenho sim. Porque pergunta? Ainda hoje sahi com elle...

Gomes travara com a genial Zulmira Simões, oraculo theatral de aquem e de além mar, uma discussão superior sobre Calderon de la Barca, a quem, aliás, ambos imputavam varias peças de Lope de Vega. Em tão elevada esphera da dramaturgia hespanhola, Gomes não respondeu á minha pergunta, e eu que nessa noite não sahi de casa, ao subir antes do chá, encontrei no corredor apenas o velho Melchior meio abatido, fechei a porta por dentro, dormi e no dia seguinte dei por falta do meu *porte-monnaie* de prata. Cousa estupida afinal!

O gatuno — porque era o gatuno, não havia duvida, — o gatuno ou farcista sem graça deixara a minha carteira e deixara até os nickeis, certo para mostrar que aquillo era seu, que aquillo estava alli porque elle voltaria. Que fazer? Prevenir o proprietario? Mas eu estava num hotel tão distincto! Era pouco correcto e estabeleceria o desequilibrio na confiança geral. Não! seria melhor esperar.

No dia seguinte, como voltasse de ouvir o *D. Cesar de Bazan* com Zulmira Simões e o brummeliano de Sousa, emquanto de Sousa subia á frente, a actriz murmurou :

— Ah! meu amigo, este hotel tem casos curiosos... Sabe que fui roubada?

— Serio?

— Sim. O objecto tinha um valor todo estimativo, era um berloque que me dera o Raymundo logo no começo da nossa ligação. Não lhe diga nada que o incomodaria. De resto, não sou eu a unica. O Dr. Pontes foi tambem roubado no seu « porte-monnaie ».

— Como eu!

— O Sr. tambem? Mas estamos na caverna de Ali-Babá.

Horas depois felizmente rebentava o escandalo. Pela manhã, Mme de Santarém dera queixa por lhe terem roubado um *face à main* de madreperola com incrustações de ouro sob desenhos, dizia ella, de um pintor hungaro. E o gerente pôz fóra o criado Antonio, porque a elle faltavam tambem passadores de guardanapos — dous, tres por dia. Antonio sahiu protestando, furioso. Fallou até de processo por perdas e damnos. Era um ladrão cynico. E durante o almoço a conversa generalisou-se. Ninguem escapara. O que acontecera commigo acontecera com de Sousa, com o barão de Somerino, com o negociante tuberculoso, com o ex-vice-presidente da ex-missão do Mexico, com a estrella revisteira, com o Dr. Melchior. Todos tinham sido roubados e confessavam por desabafar. Havia até mesmo recordações. O Dr. Pontes, o nosso caro Raul, indagava da genial Simões :

— V. Ex. andava á cata do ladrão naquelle dia em que a encontrei no corredor?

— Não; ainda não sabia. Tive apenas um presentimento. Acho que deviam prender o homem.

— Mas não ha provas! esclamava Mme de Santarém. Não encontraram nada! Era experto. No dia em que desapareceu o meu *face à main*, não sahi do quarto.

— Roubos excepcionaes...

— Estamos no dominio dos ladrões geniaes. Precisamos de um grande agente deductivo para resolver o crime...

— E prender o Antonio copeiro? Ora para ladrões desse genero basta a nossa policia!

Aliás o tal Antonio gatuno parecia mais um doente. O homem afinal não tirara nunca dinheiro, e as argollas de guardanapos do hotel eram lastimaveis como valores. Mas, fosse gatuno genial ou doente, Antonio partira e a confiança renascia. Passámos assim uma semana e, com grande pasmo nosso, Mme de Santarém e a actriz Zulmira Simões, no mesmo dia, á mesma hora, encontraram em cima do lavatorio, uma o seu *face à main*, outra o seu berloque.

E' uma aventura! E' um caso de diabolismo! sentenciava o negociante tuberculoso.

O hotel convulsionava-se. Só o senador Gomes resmungou:

— Que besta!

E aquella phrase dita tristemente preoccupou-me. No fundo, porém, o sujo e illustre homem tinha razão. O gatuno, ou o *sportman* da ladroeira não era Antonio, era outro, existia, annunciava a sua presença, estava alli, ao nosso lado. Audacia? Loucura? Estupidez? No dia seguinte

deu-se por falta do collar de ouro com pedras finas da actriz Simões, os brincos da mulher do tuberculoso sumiram-se. Foi o terror. Os hospedes trancavam o quarto e sahiam levando os valores no bolso, mesmo para almoçar. A limpeza era feita na presença dos respectivos locatarios. Já ninguem se fallava direito, já ninguem conversava. Havia entre nós um ladrão. Um ladrão! O medo prendia as senhoras aos quartos. Ninguem sahia sem necessidade urgente, com receio de ser apontado pelo menos um segundo, como o fôra o Antonio. Eramos os forçados daquelles crimes; tinhamos que chegar á tragedia. O gerente, livido, armava uma policia interna ferocissima; os criados serviam, coitados! com uma humildade dolorosa, temendo a suspeita, o ex-vice-presidente da ex-missão do Mexico teimava em escrever ao chefe de policia, em varejar os quartos.

— Pelo amor de Deus! gemia o proprietario.

— E' outra tolice, accrescentava Gomes. Nós temos aqui gente respeitavel.

— Pois está claro! dizia logo Mme de Santarém, divorciada pela quarta vez.

E apesar da vigilancia, continuaram a desaparecer objectos. Não era possivel! Ou sahir, ou dar queixa á policia.

Uma vez encontrei na cidade Melchior e Pontes, acompanhando Mme de Santarém a uma confeitaria. Eram duas horas da tarde. Voltei á pensão. Por uma coincidencia, morava no mesmo corredor que essas tres pessoas, mesmo pegado ao senador

Gomes. Estava a despir-me, quando senti passos abafados. Abri a porta de vagar. Era o alegre e sempre espirituoso Pontes. Vinha para o seu quarto. Mas não. Parou no quarto de Mme de Santarém, experimentou uma chave, torceu, entrou. Oh! a immoralidade dos hoteis honestos! O felizardo ia gozar as delicias de um *après-midi* amoroso com a honestissima senhora! Pouco depois, porém, ouvi um leve rumor, espiei de novo. Era Pontes, com o ar mais natural, que fechava o quarto e andava aligero. Quiz fazer-lhe uma pilheria, gritar; — ahi maganão! ou outra parvoice qualquer — porque eu sou de natural pandego. Mas deixei para o jantar, recolhi. E no jantar, Mme de Santarém, que chegara momentos antes, appareceu transmudada: tinham-lhe roubado o broche de rubis.

Estavamos todos no salão e sustiveram-se todos num pasmo raivoso, quando a gentil senhora bradou:

— Acabam de roubar o meu broche de rubis! Mais um!

Os meus olhos cravaram-se no Dr. Pontes. Tinha o mesmo pasmo dos outros, o mesmo ar, o mesmo olhar.

Uma idéa atravessou-me o espirito. Era elle o gatuno! Não havia duvida. Era agarral-o alli, logo... Mas si fosse apenas o amante? Afinal era um homem que devia respeitar a familia e o tio!

As provas eram contra elle, absolutamente contra. No hotel ninguem poderia lembrar-se de sahir

depois daquelles roubos. A situação precisava ficar clara. Eu commetteria um escandalo, diria alli que o vira entrar no quarto de Mme de Santarem e as explicações viriam depois.

Ia falar, ia contar tudo, quando senti que pesavam em mim os dous olhos do senador Gomes, emquanto este, balançando a cabeça, balançando a faca entre os dedos, parecia por todos os modos pedir-me para não dizer nada. Gomes sabia ! Desde o dia em que fallára do meu alfinete ! Contive-me. Mesmo porque entravam a Pepita, mais o seu cachorro, ambos desesperados com o desapparecimento de um annel marquise, admiravel, segundo a opinião da estrella.

O engenheiro Pereira ergueu-se.

— Gerente ! Não fico mais um dia no seu hotel. A situação é delicada para o primeiro que sahir do ergastulo, mas eu arrosto-a. Tenho familia, tenho uma esposa nervosa e tenho valores. Sou o engenheiro Salustio Pereira. As minhas malas passam pelo seu balcão, para o exame. Tire-me a conta...

O diplomata, que, entretanto, devia cinco semanas, teve um esforço :

— Eu tambem saio.

Os outros ficaram quietos, incapazes, mas com grande admiração minha, o Dr. Pontes fallou :

— Vivemos nesta afflicção ha já algum tempo. Ha um gatuno aqui, ou um gatuno de fóra que possue a chave.

— E' isso, a chave... atalhei eu.

— Mas apesar do mutuo respeito que nos deve-

mos, a desconfiança existe. Ora, eu já pensei mal de meu tio. Proponho, pois, que ao sahir daqui, façámos uma passeiata pelo hotel, entrando e varejando todos os quartos. Serve?

Eu tinha acabado de sorver o café e admirei Pontes : ou um gatuno esplendido ou um innocente. Em compensação, o senador Gomes olhava a porta absolutamente pallido. Que se iria passar?

— Serve? tornou a dizer Pontes.

— Mas está claro, fez o Gomes. Partimos todos para a passeiata lá da entrada. E' o meio alegre de acabar com uma pressão séria.

— Apoiado ! Este Pontes sempre o mesmo !

Mas Gomes erguia-se no rumor das exclamações. Ergui-me, alcancei-o no corredor. Estavamos sós. Sussurrei-lhe :

— O gatuno é elle. Vi-o entrar no quarto da Santarem...

— Não é.

— Então quem é?

— Não sei.

— E' impossivel negar mais tempo. Ou o senhor diz-me ou eu explico tudo em publico. Só o muito respeito...

Gomes teve um gesto allucinado, junto á escada que dava para os aposentos superiores.

— Nada de palavras inuteis. Jura segredo?

— E' um crime.

— Jura?

— Juro.

— Pois salvemos uma pobre mulher, salvemos

uma desvairada, meu amigo, salvemol-a! Não, pergunte porque. Amo-a como pae, como amante, como quizer.

E' ella que rouba, é ella. Não ha meio de impedir. Vou mandal-a embora e ao mesmo tempo tremo de vel-a no carcere. E' louca. Neste momento mesmo estamos á mercê da sorte e do disparate do Pontes, a quem eu devia odiar. Mas vamos salval-a. E' preciso salval-a. Tudo será restituido. Já tenho feito isso. Psio! Esconda-se, esconda-se. Ahi, debaixo da escada. Não a veja, não a veja...

Alguem descia a escada subtilmente. Escondi-me com o coração batendo, emquanto Gomes amparava-se ao corrimão. O silencio parecia augmentar a vastidão da escada. A voz do Gomes indagou:

— Tudo?

— Sim, meu medroso, sim, eu tinha tudo junto. Toma. E agora, até...

O vulto passou para o saguão de entrada. Da sala de jantar vinham vindo os hospedes, excitados com aquella investigação policial aos quartos. Tremulo, livido, Gomes metteu-me na mão um embrulho, emquanto empurrava nas vastas algibeiras da sobrecasaca e da calça outros pequenos rolos, a dizer:

— Amanhã, restituiremos pelo correio, amanhã saem muitos. Sê bom, salva-a!

Era atroz, era tragico, era ridiculo ver aquelle homem illustre e honesto a guardar os roubos de

uma kleptomana satanica e era estupido o que eu fazia! Mas irresistivel.

Fosse quem fosse essa gatuna intelligente, era de uma ousadia, de um plano, de uma afiteza, de um egoismo diabolicamente esplendidos. Estiquei o pescoço na ancia da curiosidade, a saber quem era, a ver quem podia ser no hotel tão cheio de hospedes, aquella de que me fazia cumplice, aquella que mysteriosamente, impalpavelmente, durante um mez, trouxera ao hotel atmosphera de duvida, de crime, de infamia. E, contendo um grito de pasmo, vi Mme de Santarém entrar no saguão sorridente e calma.

O MONSTRO

O MONSTRO

— Ah! Eu sou um monstro!

— Palavra?

— É um monstro, meus amigos, que póde confessar os seus apetites sem correr o risco de poder contemplar o mundo através das grades de um carcere. Eu sou um infame.

Ditas estas palavras, Luciano de Barros estendeu-se, desalentado, no divan e soprou para o ar o fumo do charuto. Era depois de jantar e nós estavamos em casa de Lauriana de Araujo, uma das mais elegantes raparigas, de uma vaga semi-sociedade em falha, sustentada por um velho banqueiro de tavolagens e com grandes pretenções a mulher de espirito e á literatura. Os jantares eram sempre excellentes; o « maître d'hôtel » irreprehensivel, os serviços lindos, e bem se podia notar naquelle ambiente, onde o velho banqueiro tinha o bom gosto de não aparecer, que Lauriana de Araujo sabia escolher com arte uma roda de homens citavel. Havia nomes da Academia, nomes da alta elegancia, o crême das duas casas do Parlamento, e

sempre as altas figuras em transito propagador. Naquella casa de jantar côr de morango com frizos de faiança representando a gloria de Pomona já tinham estado um embaixador severo e um quasi presidente de grande republica européa. Ao acabar os jantares, Lauriana, sempre de rendas brancas, como envolta em espumas, accendia um cigarro e palestrava. Os homens recostavam-se nos divans e posavam. De vez em quando tocava-se piano. Quasi sempre, entretanto, na varanda guarnecida de jasmins, ouvia-se um septuor de instrumentos de cordas. Era perfeitamente agradavel. Ninguem ignorava que a amphitriã amavel realisára já uma grande fortuna e que sabia, como ninguem, liquidar em seu proveito o dinheiro alheio sem estrepitos escandalosos. Só como amante de um ministro, obtendo concessões entre beijos, no espaço de tres mezes arranjára quinhentos contos.

— Farcista! Tu, infame? Tu não passas de um ingenuo... Era o conselheiro Andrade, conhecido por quarenta annos de ceias consecutivas, desde o remoto Rocher de Cancale até os desvairamentos dos « cercles » actuaes.

— Eu, ingenuo?

— Pois então? Um infame, nunca diz que o é.

— Conforme.

— Afinal, intervinha Lauriana, o Luciano disse que era um monstro quando eu perguntava como comprehendia o amor. O Luciano é sempre bizarro. Vai dizer para ahi alguma barbaridade e liquida a infamia.

— E' impossivel, minha amiga. Por que sou eu o dedicado servidor, e servidor sem interesse, de todas as mulheres? Nunca ninguem m'o perguntou. E, entretanto, é apenas por um permanente e cruciante remorso. Tenho trinta e dous annos, um phisico menos máo, visto discretamente, sou mais intelligente do que o vulgar e tenho algum dinheiro. Para vocês, nada mais banal. Com esses elementos congregados, porém, e com uma alma incapaz de amar e de se dedicar senão á variedade, consigo numa sociedade moderna ser simplesmente o monstro. Como? Ora, como! Fazendo-me amar...

Um prolongado riso correu pelo salão de fumar. O deputado Almerindo quasi engasga, o conselheiro Andrade ergueu as mãos ao tecto e o celebre poeta academico Clodomir rebolou positivamente no divan. Luciano continuou tranquillo :

— E' preciso partir do principio que toda a mulher ama. Apenas, porém, ama ingenuamente e deixa-se seduzir, deixa-se amar amando absolutamente uma vez na vida : a primeira. As outras paixões são o resultado do calculo, do egoismo, da satisfação dos desejos. E' ella a seductora e seja para o bem ou para o mal, para elevar o homem ou para perdel-o, para soffrer-lhe as pancadas ou fazer-lhe da vida um rosario de beijos, o seu papel moral é sempre o activo.

— Estás a lançar paradoxos.

— Estou a dizer cousas velhas. Mas o ambiente, o meio, conseguem tambem matar o primeiro sentimento. O amor é um perfume subtil... Uma

pequena de sociedade elevada, mais ou menos culta, sabendo que ha de casar com alguem da sua roda, talvez não ame nunca. Uma rapariga atirada desde cedo ao torvelinho dos bailes, das festas e dos flirts é uma lutadora prestes a devorar o seu marido proximo. E mesmo as moças de familia modesta, desde cedo obrigadas a uma profissão e ao exercicio de encontrar um esposo, entregando-se aos maiores excessos de permissão aos namorados, quasi sempre fataes, não sentem o amor...

— O amor morreu.

— O amor é eterno, mas nem todos o podem ver, através da perversão do flirt ou das luxurias perdidas. E a minha immensa monstruosidade está exactamente em procurar o amor, gozar esse perfume e perdel-o. E', talvez, muito vago o que estou a dizer, mas é horrivel. Ando por todos esses clubs e aborreço as mulheres que arrastam vestidos de contos de réis; percorro os bailes e os « rahuts » com medo das « flirteuses »; frequento as caixas de theatro e em cada mulher que se pende para mim, sinto a falsificação. Que fazer? Percorrer os meios humildes, e descobrir, probresitas e sem nada, as crianças que ainda não amaram. Imaginem vocês um homem com todos os instinctos de perversão da nossa roda como facilmente póde empolgar uma alma ingenua, seduzida apenas pelo exterior.

Dizem que nas grandes cidades não ha o typo ingenuo, a innocencia... A innocencia é uma propriedade, uma qualidade que passa, mas existe em toda a parte. Nas classes mais pobres, nos meios

mais miseraveis é que se encontra mais a flor da innocencia, exposta ao vendaval e guardando o perfume, por um prodigio. Desfolhar essa flor, violentamente, como um satyro, não é crime — é instincto. Gozal-a naturalmente sem a intenção senão de a gozar — é a natureza. Cercal-a, prendel-a, ir aos poucos aspirando-a, desfolhando petala por petala, com refinamento, intenção dupla, consciente e ferozmente — é que é monstruoso. E vocês não sabem, não podem imaginar a furia de caçador que eu desenvolvo para as encontrar, vocês não concebem o gozo meu ao prelibar a volupia de um beijo de virgem, um beijo sugado na bocca ainda não beijada...

Eu vou, eu passo, eu cumprimento. No dia seguinte torno a passar. Tres dias depois, mando-lhe uma recordação. Tudo é tão simples com os pobres! Dentro em pouco a creaturinha sente-se envolvida numa atmosphera de cuidados e de delicadezas. A principio é apenas a vaidade. Um homem tão bem vestido, tão distincto, tão fino, que podia ser amado por lindas mulheres da sua ordem... Depois o orgulho, a sensação de que é melhor do que as outras por ter sido a preferida, — orgulho que se perfuma de gratidão, uma vaga, muito vaga sensibilidade. Em seguida, a alegria da intimidade de um ente que não a ralha, que lhe reflecte em admirações como um espelho sympathico todas as pequenas bellezas da sua belleza. Mas, ainda assim, não é amor, é brincadeira, uma brincadeira agradavel, o namoro — o namoro que está para o flirt

como a pureza de uma agua pura para a falsificação de um vinho máo. Eu persisto, então, continuo, prolongo a grande scena. E de repente a criança sente o ciume, um doce e ingenuo ciume que tem zelos até do inanimado, anceia, treme, e ri e chora sem saber porque, toda ella possuida do perpetuo mal da vida. Então, eu sinto no intimo uma alegria infernal. E' o meu sport, o meu exercicio, o meu prazer de homem da cidade. As regras são infalliveis como para todos os jogos, e a victoria sorri-me. Tenho satisfeito o meu desejo?

Não! Ao contrario. E' o grande momento, o momento do iniciador. As caricias na mão, puxando essa mão que resiste instinctivamente e treme, as caricias nos braços, os contactos fugaces que indicam tudo, um beijo nos cabellos, outro longo, guloso, mordido, na nuca... Gozar as gradações do reconhecimento do gozo, a face que enrubece, o calor da pelle, os olhos que enlanguecem e de repente se dilatam como ao reflexo de um clarão, as phrases curtas de negativas... E' a fascinação inebriante. Toda a minha tactica, entretanto, se faz em torno do que a innocencia mais custa a dar: a bocca. Eu tenho a nevrose das boccas. Ha algumas muito vermelhas. Ha outras de um roseo pallido. O movimento da lingua passando pelos labios dá-me crises desesperadas, e certas creaturas quando riem suggerem-me auroras em que eu desejo estancar toda a sêde de uma noite em claro, que é a minha vida. A's vezes, o beijo rogado vem de subito. De outras, a principio é um leve

roçar de labios, depois uma pressão mais longa, emfim, a absorpção, a loucura num ambiente em que mesmo de olhos abertos vejo, sinto, cheiro, ouço toda uma symphonia rosea dos sentidos...

Na roda, os cavalheiros pareciam um pouco nervosos, e Lauriana batia o leque de sandalo. O conselheiro Andrade, o menos excitado, exclamou, de olhos em alvo :

— Caramba ! E' uma doença cerebral...

Luciano, de olhos cerrados, parecia em extase. Então, o poeta indagou :

— E que fazes depois?

— Que faço? Ahi tens tu o meu horror. Fico com um grande dó da criança, acaricio-a ainda mais, envolvo-a na jura de um amor infinito, chorando a frieza do meu coração incapaz de amar uma só creatura mais de seis mezes. E é o mez dos soffrimentos, em que a vida se me faz dilemma : — ou casas com essa rapariga para abandonal-a ou, se a levas comtigo sem o casamento, commettes o crime ainda maior de perder-lhe a honra. Então, no silencio do quarto, pensando nella, vendo-a a todo o instante, soluço, choro, deploro-me, escorcho a alma com a violenta idéa de achar um pretexto para não perdel-a. O amor, porém, o amor verdadeiro é um breve perfume da virgindade. E' sentil-o e é partir. Eu me debato, mas para que serve? Algumas desvairadas têm vindo até ao desenlace e estão por ahi. Outras eu perco de vista, aos poucos, porque mais adiante outras parecem-me ainda em botão.

— Não é muito bonito, mas nada tem de offensivo.

— Achas?

— Ha quarenta annos, sem psichologias malsãs, serias apenas um bandoleiro. Agora, com essa mania de analyse das proprias sensações, é que te julgas um monstro.

Luciano de Barros deitou fóra o charuto que se lhe apagára entre os dedos.

— Infelizmente, nós somos levianos, nós os homens, em torno desse grave e doloroso sentimento. Que sou eu? Um homem que borboleteia a sua perversão pelos botões entreabertos da vida. Até é bonito! E quem uma vez sentiu a delicia deliciosa de uma bocca virgem que se entrega pela primeira vez, deve ter de mim inveja. Mas, se eu me sinto infame? Ainda agora venho de um caso assim. Era uma pequena de quinze annos, alegre como um passaro. O seu riso lembrava um chilreio e a sua bocca cheirava a rosa. Tres mezes depois, sincera, nobre, pura, ella amava, amava sem interesse, apezar de pauperrima, sem nunca ter recebido uma dadiva que não fosse inteiramente inutil. Dera-lhe o meu nome, mas ignorava o que eu era, onde morava, qual o meu modo de vida. Amava como se ama aos quinze annos, cegamente, e eu tinha essa sensação meio triste, meio ridicula de me saber amado com um encanto de sonho. Que era ella? Um personagem de conto. Que era eu? O principe... A crise do amor na estufa preparada por mim floriu. Talvez eu mesmo estivesse mais

apaixonado do que parecia. Propuz-lhe a fuga, o rapto. Resistiu com o seu fundo honesto, tanto que lhe propuz casamento. Ella sorriu entre lagrimas, erguendo os dous grandes olhos negros. — « Não sabes o que dizes! Somos de condições tão differentes! Isso é impossivel. » — « Mas, então, que queres? » — « Nada, não quero nada, cousa nenhuma. » Eu voltei, continuei a vel-a, mas insensivelmente, a minha lamentavel alma sentia a necessidade do afastamento, querendo conserval-a. Ella continuava tal qual, iluminando o semblante quando me via. Certa vez disse-me : — « A's vezes quasi não tenho coragem de voltar á casa, com medo de me matar. » — « Vem commigo, então. » — « Não. Já hoje chorei tanto... » Eu gosava aquelle martirio por minha causa, aquella innocencia perturbada pela minha figura... Ha quinze dias não a vi á janella. Passei no outro dia, e interroguei á vizinhança. Tinham-n'a levado os padrinhos por causa de umas crises de choro que a definhavam. E eu estou na agonia, a pensar nessa creatura pura e doce.

— D. João, socega! Has de ver a pequena casada, como as outras.

— Ou perdida, sentenciou, grave, Lauriana.

Luciano ergueu-se, concertando a gravata branca.

— Ou talvez morta, porque já tem acontecido...

Então, a linda Lauriana sorriu com infinita tristeza.

— Mas não te julgues, com esse exagero de ana-

lyse e de pretenção, o unico monstro, meu caro amigo. A cidade está cheia desses defloradores do amor. A vida é uma luta de sexos. Ha creaturinhas que morrem ceifadas em botão, depois de levemente aspiradas pelos intellectuaes gastos como tu. Ha outras, porém, que resistem e ficam como eu.

Houve um prolongado silencio. Ninguem rira. E, só, Luciano de Barros, muito pallido, diante de um grande espelho, parecia pasmo da propria phisionomia. Fóra, o septuor tocava uma valsa lenta, entre os jasmins.

O BÊBÊ DE TARLATANA ROSA

O BÊBÊ DE TARLATANA ROSA

— Oh! uma historia de mascaras! quem não a tem na sua vida? O carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de angustioso imprevisto... Francamente. Toda a gente tem a sua historia de carnaval, deliciosa ou macabra, algida ou cheia de luxurias atrozes. Um carnaval sem aventuras não é carnaval. Eu mesmo este anno tive uma aventura...

E Heitor de Alencar esticava-se preguiçosamente no divan, gozando a nossa curiosidade.

Havia no gabinete o barão Belfort, Anatolio de Azambuja de que as mulheres tinham tanta implicancia, Maria de Flor, a extravagante bohemia, e todos ardiam por saber a aventura de Heitor. O silencio tombou expectante. Heitor, fumando um gianaclis authentico, parecia absorto.

— E' uma aventura alegre? indagou Maria.

— Conforme os temperamentos.

— Suja?

— Pavorosa ao menos.

— De dia?

— Não. Pela madrugada.

— Mas, homem de Deus, conta! supplicava Anatolio. Olha que está adoecendo a Maria.

Heitor puxou um largo trago á cigarreta.

— Não ha quem não saia no Carnaval disposto ao excesso, disposto aos transportes da carne e ás maiores extravagancias. O desejo, quasi doentio é como incutido, infiltrado pelo ambiente. Tudo respira luxuria, tudo tem da ancia e do espasmo, e nesses quatro dias paranoicos, de pulos, de guinchos, de confianças illimitadas, tudo é possivel. Não ha quem se contente com uma...

— Nem com um, atalhou Anatolio.

— Os sorrisos são offertas, os olhos supplicam, as gargalhadas passam como arrepios de urtiga pelo ar. E' possivel que muita gente consiga ser indifferente. Eu sinto tudo isso. E sahindo, á noite, para a porneia da cidade, saio como na Phenicia sahiam os navegadores para a procissão da Primavera, ou os alexandrinos para a noite de Aphrodita.

— Muito bonito! ciciou Maria de Flor.

— Está claro que este anno organisei uma partida com quatro ou cinco actrizes e quatro ou cinco companheiros. Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagalhão de volupia e de prazer da cidade. O grupo era o meu salva-vidas. No primeiro dia, no sabbado, andámos de automovel a percorrer os bailes. Iamos indistinctamente beber champagne aos clubs de jogo que annunciavam bailes e aos maxixes mais ordinarios. Era divertidissimo e ao quinto club estavamos de todo

excitados. Foi quando lembrei uma visita ao baile publico do Recreio. — « Nossa Senhora! disse a primeira estrella de revistas, que ia comnosco. Mas é horrivel! Gente ordinaria, marinheiros á paisana, fufias dos pedaços mais esconsos da rua de S. Jorge, um cheiro atroz, rolos constantes... » — Que tem isso? Não vamos juntos?

Com effeito. Iamos juntos e fantasiadas as mulheres. Não havia o que temer e a gente conseguia realizar o maior desejo : acanalhar-se, enlamear-se bem. Naturalmente fomos e era uma desolação com pretas beiçudas e desdentadas esparrimando belbutinas fedorentas pelo estrado da banda militar, todo o pessoal de azeiteiros das ruélas lobregas e essas estranhas figuras de larvas diabolicas, de incubos em frascos d'alcool, que teem as perdidas de certas ruas, moças, mas com os traços como amassados e todas pallidas, pallidas feitas de pasta de matta-borrão e de papel d'arroz. Não havia nada de novo. Apenas, como o grupo parara diante dos dançarinos, eu senti que se roçava em mim, gordinho e appetecivel, um bebé de tarlatana rosa. Olhei-lhe as pernas de meia curta. Bonitas. Verifiquei os braços, o cahido das espaduas, a curva do seio. Bem agradavel. Quanto ao rosto era um rostinho atrevido, com dous olhos perversos e uma bocca polpuda como se offertando. Só postiço trazia o nariz, um nariz tão bem feito, tão acertado, que foi preciso observar para verifical-o falso. Não tive duvida. Passei a mão e preguei-lhe um beliscão. O bebé cahiu mais e disse

num suspiro : — ai que dóe ! Estão vocês a ver que eu fiquei immediatamente disposto a fugir do grupo. Mas commigo iam cinco ou seis damas elegantes capazes de se debochar mas de não perdoar os excessos alheios, e era sem linha correr assim, abandonando-as, atraz de uma frequentadora dos bailes do Recreio. Voltámos para os automoveis e fomos ceiar no club mais *chic* e mais seccante da cidade.

— E o bebé?

— O bebé ficou. Mas no domingo, em plena Avenida, indo eu ao lado do *chauffeur*, no borborinho colossal, senti um beliscão na perna e uma voz rouca dizer : : « para pagar o de hontem ». Olhei. Era o bebé rosa, sorrindo, com o nariz postiço, aquelle nariz tão perfeito. Ainda tive tempo de indagar : onde vais hoje?

— A toda parte ! respondeu, perdendo-se num grupo tumultuoso.

— Estava perseguindo-te ! commentou Maria de Flor.

— Talvez fosse um homem... soprou desconfiado o amavel Anatolio.

— Não interrompam o Heitor ! fez o barão, estendendo a mão.

Heitor accendeu outro gianaclis, ponta de ouro, sorriu, continuou :

— Não o vi mais nessa noite, e segunda-feira não o vi tambem. Na terça desliguei-me do grupo e cahi no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pelle e todos os máos in-

stinctos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim. E' o momento em que por trás das mascaras as meninas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dubia e todos nós a achamos inutil, a honra uma caceteação, o bom senso uma fadiga. Nesse momento tudo é possivel, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento ha um riso que galvanisa os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ancia de acanalhar-me, quasi morbida. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contacto familiar, mas o deboche anonymo, o deboche ritual de chegar, pegar, acabar, continuar. Era ignobil. Felizmente muita gente soffre do mesmo mal no carnaval.

— A quem o dizes!... suspirou Maria de Flor.

— Mas eu estava sem sorte, com a *guigne*, com o *caiporismo* dos defuntos indios. Era aproximar-me, era ver fugir a presa projectada. Depois de uma dessas caçadas pelas avenidas e pelas praças, embarafustei pelo S. Pedro, meti-me nas dansas, rocei-me áquella gente em geral pouco limpa, insisti aqui, alli. Nada!

— É quando se fica mais nervoso!

— Exactamente. Fiquei nervoso até o fim do baile, vi sahir toda a gente, e sahi mais desesperado. Eram tres horas da manhã. O movimento das ruas abrandara. Os outros bailes já tinham aca-

bado. As praças, horas antes incendiadas pelos projectores electricos e as cambiantes enfumadas dos fogos de bengala, cahiam em sombras — sombras cumplices da madrugada urbana. E só, indicando a folia, a excitação da cidade, um ou outro carro arriado levando mascaras aos beijos ou alguma fantasia tilintando guizos pelas calçadas fofas de « confetti ». Oh! a impressão enervante dessas figuras irreaes na semi-sombra das horas mortas, roçando as calçadas, tilintando aqui, alli um som perdido de guizo! Parece qualquer cousa de impalpavel, de vago, de enorme, emergindo da treva aos pedaços... E os dominós embuçados, as dançarinas amarfanhadas, a collecção indecisa dos mascaras de ultimo instante arrastando-se extenuados! Dei para andar pelo largo do Rocio e ia caminhando para os lados da secretaria do interior, quando vi, parado, o bebé de tarlatana rosa.

Era elle! Senti palpitar-me o coração. Parei. — « Os bons amigos sempre se encontram » disse. O bebé sorriu sem dizer palavra. Estás esperando alguem? Fez um gesto com a cabeça que não. Enlacei-o. — Vens commigo? — Onde? indagou a sua voz aspera e rouca. — Onde quizeres! Peguei-lhe nas mãos. Estavam humidas mas eram bem tratadas. Procurei dar-lhe um beijo. Ella recuou. Os meus labios tocaram apenas a ponta fria do seu nariz. Fiquei louco.

— Por pouco...

— Não era preciso mais no Carnaval, tanto mais

quanto ella dizia com a sua voz arfante e lubrica : — « Aqui não ! » Passei-lhe o braço pela cintura e fomos andando sem dar palavra. Ella apoiava-se em mim, mas era quem dirigia o passeio e os seus olhos molhados pareciam fruir todo o bestial desejo que os meus diziam. Nessas phases do amor não se conversa. Não trocámos uma phrase. Eu sentia a rythmia desordenada do meu coração e o sangue em desespero. Que mulher ! Que vibração ! Tinhamos voltado o jardim. Diante da entrada que fica fronteira á rua Leopoldina, ella parou, hesitou. Depois arrastou-me, atravessou a praça, mettemo-nos pela rua, escura e sem luz. Ao fundo, o edificio das Bellas Artes era desolador e lugubre. Apertei-a mais. Ella aconchegou-se mais. Como os seus olhos brilhavam ! Atravessámos a rua Luiz de Camões, ficámos bem em baixo das sombras espessas do Conservatorio de Musica. Era enorme o silencio e o ambiente tinha uma côr vagamente russa com a treva espancada um pouco pela luz dos combustores distantes. O meu bebé gordinho e rosa parecia um esquecimento do vicio naquella austeridade da noite. — Então, vamos? indaguei. — Para onde? — Para a tua casa. — Ah ! não, em casa não podes... — Então por ahi. — Entrar, sahir, despir-me. Não sou disso ! — Que queres tu, filha? E' impossivel ficar aqui na rua. Daqui a minutos passa a guarda. — Que tem? — Não é possivel que nos julguem aqui para bom fim, na madrugada de cinzas. Depois, ás quatro tens que tirar a masara. — Que mascara? — O nariz. —

Ah! sim! E sem mais dizer puxou-me. Abracei-a. Beijei-lhe os braços, beijei-lhe o collo, beijei-lhe o pescoço. Gulosamente a sua bocca se offerecia. Em torno de nós o mundo era qualquer cousa de opaco e de indeciso. Sorvi-lhe o labio.

Mas o meu nariz sentiu o contacto do nariz postiço della, um nariz com cheiro a resina, um nariz que fazia mal. — Tira o nariz! — Ella segredou: Não! não! custa tanto a collocar! Procurei não tocar no nariz tão frio naquella carne de chamma.

O pedaço de papelão, porém, avultava, parecia crescer, e eu sentia um mal estar curioso, um estado de inhibição exquisito. — Que diabo! Não vás agora para casa com isso! Depois não te disfarça nada. — Disfarça sim! — Não! Procurei-lhe nos cabellos o cordão. Não tinha. Mas abraçando-me, beijando-me, o bebé de tarlatana rosa parecia uma possessa tendo pressa. De novo os seus labios approximaram-se da minha bocca. Entreguei-me. O nariz roçava o meu, o nariz que não era della, o nariz de fantasia. Então, sem poder resistir, fui aproximando a mão, aproximando, emquanto com a esquerda a enlaçava mais, e de chofre agarrei o papelão, arranquei-o. Presa dos meus labios, com dous olhos que a colera e o pavor pareciam fundir, eu tinha uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dous buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era allucinadamente — uma caveira com carne...

Despeguei-a, recuei num immenso vomito de

mim mesmo. Todo eu tremia de horror, de nojo. O bebé de tarlatana rosa emborcara no chão com a caveira voltada para mim, num choro que lhe arregaçava o beiço mostrando singularmente abaixo do buraco do nariz os dentes alvos. — Perdoa! Perdoa! Não me batas. A culpa não é minha! Só no Carnaval é que eu posso gosar. Então, aproveito, ouviste? aproveito. Foste tu que quizeste...

Sacudi-a com furia, pul-a de pé num safanão que a devia ter desarticulado. Uma vontade de cuspir, de lançar apertava-me a glotte, e vinha-me o imperioso desejo de esmurrar aquelle nariz, de quebrar aquelles dentes, de matar aquelle atroz reverso da Luxuria... Mas um apito trilou. O guarda estava na esquina e olhava-nos, reparando naquella scena da semi-treva. Que fazer? Levar a caveira ao posto policial? Dizer a todo o mundo que a beijara? Não resisti. Afastei-me, apressei o passo e ao chegar ao largo inconscientemente deitei a correr como um louco para a casa, os queixos batendo, ardendo em febre.

Quando parei á porta de casa para tirar a chave, é que reparei que a minha mão direita apertava uma pasta oleosa e sangrenta. Era o nariz do bebé de tarlatana rosa...

Heitor de Alencar parou, com o cigarro entre os dedos, apagado. Maria de Flor mostrava uma contracção de horror na face e o doce Anatolio parecia mal. O proprio narrador tinha a camarinhar-lhe a fronte gotas de suor. Houve um silencio agoniento. Afinal o barão Belfort ergueu-se, tocou a campai-

nha para que o criado trouxesse refrigerantes, e resumiu :

— Uma aventura, meus amigos, uma bella aventura. Quem não tem do Carnaval a sua aventura? Esta é pelo menos empolgante.

E foi sentar-se ao piano.

A PARADA DA ILLUSÃO

A João de Barros.

A PARADA DA ILLUSÃO

Como tinha sido aquillo! Deante do espelho, a dar um laço frouxo no lenço de seda, Geraldo sorria o sorriso satisfeito e vagamente mau que têm todos os homens quando recordam uma aventura em que foram os mais expertos. Como tinha sido!... O acaso, apenas o acaso. Pobre, sem pretenções, alugara por uma ninharia aquelle casinhoto do morro, bem na rua de Santa-Luzia, defronte do mar. O mar é um fornecedor de energia. Contemplar as ondas, aspirar o ar infiltrado de salsugem fazia-lhe bem. Depois, accordava cedo, quasi de madrugada, e como a vizinhança era quasi toda de pescadores, de banhistas, de jovens dos centros de regatas, ia mesmo de camisa de meia, com os pés nús mettidos nuns enormes tamancos, ao estabelecimento balneario. Quem o visse grosso, forte, o bigode espesso, a negra cabelleira ondeante, o braço cabelludo, não o diria jámais um estudante de medicina. Havia no seu olhar qualquer cousa dos barqueiros de Napoles, do languor das serenatas, e na alegria do semblante, na gesticulação, o ar da raça, o ar que

não falha. Basta olhar um homem para se sentir donde elle veiu. Geraldo começara humilde, de origem italiana. De trabalho em trabalho fizera-se afinal academico, graças á pertinacia da sua intelligencia. Mas por mais querido que fosse entre os collegas, era uma delicia para a sua alma ir arrastar as pernas pela madrugada nos corredores da casa de banhos, quasi nú, a conversar em napolitano com os banhistas, os tradicionaes banhistas ha vinte annos os mesmos.

Era tão bom, tão bizarro! A principio, postava-se no pateo, junto da barraca do gerente, escura de roupas em trouxas com um quadro das chaves e o bico de gaz acceso. Era a chegada dos frequentadores. Havia mulheres pallidas, mães de familia, acompanhadas de crianças e de criadas, verdadeiros regimentos de chloroticos; havia sujeitos de passo tropego, rheumaticos, beribericos, talvez tisicos; havia os habituaes, senhores respeitaveis, burguezes de ar solemne, que tomavam banho de mar desde crianças, aconselhando para todas as molestias um mergulho no salso elemento; e sujeitos que vinham especialmente para a pandega, as lições de natação, os namoros com apertões debaixo da agua, as meninas assanhadas, as cocottes, as cocottes de uma pallidez mortal áquella hora... E havia tambem muita mulher chic, muita mulher de estalo, que os mirones da praia até olhavam de binoculo.

Mas Geraldo não tinha pretenções a conquistas, e aquelle espreguiçamento na casa de banhos era

apenas uma tonificação para o estudo, que recomeçava horas mais tarde, com o curso dos hospitaes, as aulas, os livros. Depois de descançar na gerencia ia a trocar palavras com os banhistas, rindo, brincando. Afinal atirava-se á agua, no meio da algazarra dos conquistadores e das pequenas, e sempre timido, só metido com a gente do serviço. Ninguem o tomaria por um estudante e o proprio pessoal da casa tratava-o familiarmente por tu.

Uma vez, estava no corredor estreito e escuro a conversar com o Nicolau, quando mesmo ao pé abriu-se a porta de um dos quartinhos e uma linda criatura loira chamou :

— O senhor banhista, venha cá.

Nicolau adeantou-se.

— Não, o outro. Sim, você mesmo.

Geraldo sorriu enleado. Tomavam-no por banhista ! Elle, um estudante, um academico ! Mas, ao mesmo tempo que o facto o humilhava um pouco, sentia um desejo imprevisto e romantico de se deixar passar por banhista e ter assim a sua primeira façanha de estudante. Os estudantes são todos levados da bréca ! Apertou o braço do Nicolau, disse-lhe em calão de Napoles que o deixasse, e aproximou-se. A dama loira estava já vestida para o banho.

— Não quero mais aquelle banhista velho. Ha cinco dias que tomo banho e logo no primeiro pedi-lhe conservar-me o quarto secco. Não ha meio. Veja só. Fica você. Quer?

Geraldo curvava-se, sem uma palavra. A dama loira abriu a bolsa de prata, tirou uma nota.

— Tome. Não quer receber? Ora esta! Receba. Para esquentar. Ande lá.

— Grazzie, signorina...

— Diga: é italiano?

— Io sono venuto da Napoli fa tre anni...

— Ah! bem. E quantos tem de edade?

— Vinte e due.

A dama loura olhou-o profundamente, teve um leve suspiro, e ainda indagou:

— Como se chama?

— Tulio.

— Venha dar-me banho.

Infinitamente alegre com a aventura, Geraldo seguiu para o oceano a dar banho na dama loura, e quando voltou estava a arrebentar de riso. Não é que a mulherzinha o tomava mesmo por banhista? Entretanto, o imprevisto do caso accendia-lhe o desejo de continuar. Sim, continuaria. E falou ao dono da casa de banhos. O homem, um italiano velho, não gostava de patifarias no estabelecimento. Mas, como era para elle, Geraldo, consentia. Os outros riam a perder, um pouco envaidecidos porque, afinal, um estudante era tal qual elles. E Geraldo, que não dissera a cousa na escola por um certo pudor, não faltou mais. Logo cedo lá estava no estabelecimento, de pés nús, calção de meia, camisa aberta. A dama loura chegava sempre ás seis e meia.

— Então, Tulio, o meu quarto?

— Prompto, patrôa, promptinho.

No fim do quinto dia, elle fazia tão bem o papel de banhista de opereta, que ella lhe disse o nome. Era Alda Pereira, brasileira, do sul, tinha vinte e sete annos, e um protector sério, o senador Eleuterio, que a tomára depois da separação do marido. Dizia essas cousas naturalmente, aprendendo a nadar.

— Ai! não me afogues, rapaz. Morrer aos vinte e sete annos...

Ou então:

— Palavra de rio-grandense e de Alda Pereira que aprender a nadar custa!

Elle sorria, queria leval-a para longe.

— Não, que o senador Eleuterio póde saber; e eu, meu filho, depois que me separei do meu marido, tenho muito medo do ciume...

Uma suave intimidade brotava aos poucos daquella hora de banho.

Elle procurava termos vulgares, copiava o rir dos outros, dizia cousa grossas com um ar ingenuo, o seu tom de analphabeto, e ella parecia ter cada dia mais confiança. Já se encostava ao seu hombro, já lhe agarrava o pulso potente de certo modo. Uma vez perguntou-lhe:

— Você, um rapaz intelligente, porque não muda de vida?

— Para que, signorina? Aqui vivo, aqui hei de morrer...

— Criança! E não tem aspirações?

— Não, signorina!

— Aposto que nem sabe lêr?

Elle parou um instante attonito. Estaria ella a brincar, já sabedora de tudo? Seria o caso de avançar e não gosar mais o prazer de ser conquistado. Mas Alda tinha uma expressão de tão vellutinea piedade, que não hesitou na farça.

— E' verdade. Nem sei lêr.

— Meu Deus! Um rapaz de vinte e dois annos que não sabe lêr!

Os seus olhos nesse dia tornaram-se mais humidos, e ao rebentar de uma onda na ponte ella se deixou positivamente cahir no seu largo peito. Não tinha duvida! A mulher amava-o como certas damas amam os impetuosos adolescentes das classes baixas; a criatura era uma nevrosada romantica. Decididamente estava de sorte.

No dia seguinte, á sahida, Alda Pereira indagou:

— O' Tulio, quereria você aprender a lêr?

— A signorina paga o professor?

— Ensino eu mesmo.

— Então quero. Onde?

— Vá á minha casa. Logo, á noite, ás sete; é a melhor hora.

Elle arranjára um dolman de brim, um capote comprido; comprára o lenço de seda e um chapéo desabado para aparecer com a côr local. E fôra. A dama loura habitava, numa rua transversal á Lapa, uma casa elegante e discreta, com duas criadas apenas. Fizeram-no entrar para uma saleta de estilo moderno, em que os moveis eram incom-

modos e as paredes tinham mulheres de tunica soprando trombetas. Alda lá estava.

— Entre, Tulio. Nada de acanhamentos. Francine, deixa a porta aberta... Sabe que já lhe comprei o seu livro? Sente-se, menino, sente-se...

Evidentemente, ella estava commovida, com um riso nervoso, as faces coradas. Elle achava aquillo deliciosamente ridiculo. Outro qualquer teria avançado; a sua natural timidez, a pretenção de levar a cabo uma phantasia romantica inhibiam-no de um movimento de ataque. E parecia-lhe o cumulo aprender o alphabeto ensinado por aquella interessante mulher, tal qual nos vaudevilles francezes, numa scena de burla. Sentou-se. Ella mostrou-lhe o livro na mesa, aproximando a cadeira do outro lado. E começou a ensinar, com a voz molhada de misterio.

— Que letra é esta?

Geraldo fazia-se inteiramente bronco, curvava-se muito para sentir os loiros cabellos della roçando-lhe ao de leve a fronte. A's vezes as mãos se encontravam. As della estavam geladas. As delle eram de brasa. Ao fim de uma hora, ella disse num suspiro :

— Bom, vai embora.

Elle quasi não podia falar. Curvou-se mais, respirando forte, e ia tocal-a, quando ella chamou :

— Francine, acompanha o Tulio até á porta...

Como sahiu elle furioso! A sua vontade foi declarar a verdadeira posição, tomar uma attitude. Mas, para que? Não teria realizado nada! Não a

gosaria! Era uma aventura falha. Nunca! Tivesse que estudar o alphabeto a vida inteira — aquella, ao menos, não lhe escaparia. E, desde a madrugada, foi esperal-a na casa de banhos, apaixonado. Sim, de facto, apaixonado. Elle não estava sinão apaixonado. A paixão é quasi sempre o desejo de um triumpho, que se imagina de um certo e determinado modo. Ha sempre um vencedor na alma de um amante. Elle queria pregar uma peça. Que peça? Emfim, queria confundir a linda mulher de extranha vontade. E Alda Pereira parecia tambem amal-o, porque appareceu de olheiras, com um ar fatigado.

— Sabe que estudei? fez elle, olhando-a fixo.

— Palavra?

— Quer tomar a lição hoje?

— Não, amanhã...

Elle se preparou, e foi. Já sabia o alphabeto. Alda Pereira sorria, enlevada.

— Mas como é intelligente! Vamos a soletrar. Olhe que você póde dar orgulho a um professor.

A aula ia continuar. Ella tinha a cabeça curvada, mostrando a nuca núa. Elle estava encostado á mesa, com aquelle tom vulgar e potente, que o seu phisico ajudava. A luz era tenue. Geraldo moveu apenas a cabeça e roçou o bigode no pescoço venusto. Ella estremeceu, extendeu as mãos e suspirou como uma rola.

— Ah! Tulio...

Elle firmou os labios polpudos e apertou-lhe as mãos. Ella se debateu, voltou a cabeça e a sua

bocca purpurina, anciosa e avida, sugou o labio de Geraldo. Nem uma palavra. Estavam num outro mundo. Elle cahiu de joelhos, ella pendeu, rolaram os dois. Era frenetica e deliciosa. Deliciosamente deliciosa. A propria paixão a vibrar. E Geraldo voltou ao casinhoto, outro homem, aturdido, sem comprehender o que via, a lembrar-se dos seus abraços e das palavras suas :

— Tulio ! Tulio ! não digas a ninguem ! E' a minha vida ! Lembra-te do que fiz por ti. Só o amor, muito amor...

A vida de delirio começou então. Ella entregava-se e sentia-o como um immenso accorde do seu proprio ser. Cada beijo era uma revelação, cada abraço a dissolução de um mundo. E a necessidade de occultar de olhares profanos aquelle sentimento ainda mais os incendiava. No banho, ella estudava o momento de apertal-o, de mordel-o, esperava com a porta do quarto entreaberta para um beijo; em casa, as lições de leitura eram a leitura de Paulo e Francesca, no verso de Dante. Jámais, porém, ella mostrava desconfiar da sua verdadeira situação, e Geraldo, sentindo-se indigno de si mesmo, continuava a ser o banhista Tulio, sem forças para dizer a verdade.

Afinal, o senador Eleuterio soubera do caso, e, mais pae do que amante, resolvera mandar Alda á Europa, a ver si o escandalo terminava. Alda chorava, queria viver sem roupas, em Santa Luzia, com o seu Tulio, e fôra um verdadeiro trabalho o convencel-a de uma breve separação.

— Tu queres, Tulio?

— E' para teu bem.

— Queres mesmo? E' o nosso amor que matas...

Eleuterio comprára as passagens, combinára tudo. Era no dia seguinte que Alda partiria. Geraldo, preparando-se para a ultima visita, relembrava aquelles dois mezes loucos de romantismo. Como aquillo fôra! Era lá possivel prever? Antes, porém, da partida era preciso dizer-lhe a verdade. Elle ia para o ultimo acto.

Então penteou o cabello como os banhistas, com muita brilhantina, poz o chapéo e o capote, concertou ainda uma vez o lenço de seda, e partiu. Alda estava na mesma sala da primeira vez, muito abatida. Extendeu-lhe as mãos e a boca.

— Meu amor... A ultima vez!

E deixou-se cair.

— Alda, que é isso? animo...

— Lembras-te? Ha dois mezes!... Quanto amor! Quando te vi, desde que te vi, meu amor, amei-te. Que me importava que tu fosses banhista? Si era a tua carne, o teu corpo, os teus olhos que eu desejava, meu adivinhado querido... Nunca, nunca mais sentirei o que senti por ti, no mar, quando te tinha a meu lado, forte, meu, fiel... Dize!... Nenhuma outra será como eu. Pois não?

— Mas, Alda...

— A'quella casa vão tantas mulheres! E tu tens que servir a todas, tens que as segurar, tens que as salvar...

Geraldo, viu que era o momento.

— Alda, tenho que te dizer...

— Não digas! não digas nada!

— Não, ha um engano, um engano que não póde continuar.

— Não ha, Tulio, não ha!...

— Ha.

— Pois deixa-o!

— Não. Tu pensas que eu sou o banhista Tulio, nascido em Napoles.

— E não és? E's sim, és o meu Tulio.

— Criança! Eu sou estudante de medicina, chamo-me Geraldo Pietri.

Mas, como Alda recuava, com a phisionomia demudada, Geraldo teve um resto de piedade.

— Sim, Geraldo, estudante, que se fez passar por banhista para te amar...

Um silencio tombou. Alda sentára-se. Depois, como Geraldo se aproximasse, sorriu, afastando-o.

— Não, senta-te. Ou vai-te. E' melhor ires. Vai-te.

— Mas a nossa ultima noite?

— Vai-te.

— Zangaste-te?

— Não, pensei que tinhas mais espirito. Não tens. Eu sabia, ouviste? eu sabia desde o primeiro dia, quem eras tu. Si não soubesse, teria perguntado por ti e dar-me-iam informações. Eu sabia. O meu amor nasceu de uma brincadeira. Tudo na vida é illusão e só a illusão é verdadeira. A verdade é a mentira porque é o commum e o vulgar. Amei-te, querendo fazer desse sentimento uma

parada de goso superfino em que ambos nos esforçassemos por dar a cada um a illusão. Nunca se desengana uma mulher porque não se mata a illusão. Eu amava um ser idealizado, que seria chocante si fosse verdadeiro, um banhista imprevisto, um selvagem, filho do mar e das canções, em ti que o fingias bem. Tu mataste Tulio. Que me importa a mim o estudante Geraldo? Já nem parto. Não é preciso. Adeus! E nunca, ingenuo rapaz, queiras ser verdadeiro nas cousas do sentimento que ama a illusão.

Geraldo, nervoso, sem saber o que fazer do seu chapéo calabrez, sentia a lamentavel, uma curiosa e lamentavel sensação de que retomava o seu eu; um eu vulgar e commum. Alda fez-lhe ainda um vago gesto. Na rua, outra vez, envergonhado, furioso, triste, o pobre rapaz deitou quasi a correr, com o receio de que o conhecessem ainda mal vindo da parada romantica. E só no quarto humilde é que poude chorar, chorar longamente não ter sabido guardar integralmente o principio da vida — a illusão...

LAURINDA BELFORT

A Joaquim Eulalio.

LAURINDA BELFORT

Laurinda Belfort teve um sobresalto. O relogio de marfim, engastado discretamente no canto esquerdo do carro, marcava duas e cinco, e esse relogio, certo, incapaz de adiantamentos ou de atrazos, marcava sempre a hora precisa para que Laurinda Belfort pudesse regularisar com calma e tempo os multiplos afazeres dos seus perfumados dias. Havia, pois, trinta e cinco minutos que o pobre Guilherme Guimarães a esperava, apaixonado e commum, numa casa solitaria.

Laurinda recostou-se, hesitando entre a idéa de apressar o cocheiro e o desejo de lá não ir, de falhar mais uma vez. Vinha-lhe o guloso apetite de deixar sem o seu corpo a absorvente entrevista. Mas, certamente, á noite teria a acompanhal-a numa queixa muda e feroz, o olhar de Guilherme, ou no theatro ou no *raout* da condessa de Souto; e, á proporção que se aproximava o carro, Laurinda sentia as mãos frias, uma vaga contrariedade, a exquesita negação de todo o corpo como a tem a gente antes de fazer um enorme sacrificio.

Ah! Francamente já enfarava. No primeiro dia, na manhã em que correra á primeira entrevista, teria chicoteado o cocheiro para andar de pressa, para voar; nesta maldita quinta-feira vestira-se de vagar, conversara durante o almoço com toda a sua vida fora um resultado de imitações, fora um acompanhamento de figurinos. Em creança, imitava os gestos pretenciosos d'altas linhagens de algumas das collegas de Sion; em menina e moça a sua linha fora sempre copiada de alguns tipos de romance, e quando a mamã lhe fez notar a necessidade de casar para satisfazer todos os apetites de luxo, immediatamente casou, inaugurando aquella grande vida artificial e custosa, com as salas compostas segundo desenhos de decoristas inglezes, os vestidos vindos de Paris e um ar de boneca social, que para sempre lhe tirara a idéa de amar alguem, além da sua presadissima pessoa. A grande vida um tempo fel-a mesmo esquecer quasi o marido, porque era preciso passar o carnaval em Nice, estar no outono em Paris, passear os hoteis depravados do Cairo no inverno, dar opiniões sobre artistas e pintores, falar de viagens e manter o seu salão no Rio, o seu salão invejado, criticado, incomparavel como Edmond Rostand, o campanillo de S. Marcos, a erosão ingleza do sport e a graça parisiense. Fora nessa occasião que tomara como dama de companhia uma velha ingleza estheta, grande conhecedora de arte, que sabia versos de Morris de cór e se apaixonara pelos fados portuguezes a ponto de acabar a vida *cais-*

sière de hotel no Estoril. Laurinda tomou-a como quem consulta um pequeno Larousse, e as suas extraordinarias toilletes, os seus adereços, feitos no Vevert da rua da Paz, em que as pedras brasileiras tinham rebrilhos ineditos cravadas em brilhantes, eram desenhos da velha ingleza. Grande epoca aquella! Epoca de excessos, de conquista, de triumpho. O grave Belfort de vez emquanto pasmava.

— Pois que! Tu agora fumas?

— Com effeito, *grelho* uma cigarreta.

— Mas é grosseiro.

— E' ultra fashion. Não sabes nada d'isso. E's old style.

E montou um salão de banho, em que a agua da piscina parecia descer de um enorme vitral representando avalanches de neve em montes tudo quanto ha de mais preraphaelita. Todos os objectos e utensilios obedeciam ao motivo algas do fundo do mar.

Mas em breve, a victoria mundana fatigou-a. Era preciso mais alguma cosia. Uma Alice Verride, senhora entendida em adulterios mas da melhor sociedade, disse-lhe um dia:

— Minha cara Laurinda, precisas de um homem.

— E' bôa. E meu marido?

— O marido não conta nunca, principalmente quando nos faz todas as vontades. Precisas de um homem que te preocupe, cuja paixão seja um *piment* para a tua vida, um ser violento. Nunca amaste?

— Oh! não!

— Pois é chic, menina. Admira até que tu, tão conhecedora de Paris...

No dia seguinte, Laurinda accordou convencidissima de que precisava de um amante. Sim! Ella, uma parisiense, que tinha como nenhuma outra a arte subtil da *maquillage*, essa admiravel esthesia atheniense herdada por Paris, ella ainda não tinha um amante. Que atrazo, que *femme vieux jeu*! Decididamente retardava, retardava uns trinta annos pelo menos. E, quando appareceu ao almoço, com os olhos *cernés*, o gesto lasso, o labio rubro, Laurinda olhou o paciente Belfort com um vago desprezo, tal qual as damas dos romances a que uma grande paixão sacóde.

Ainda não tinha nenhuma. Mas viria a ter. Seria a ultima etapa de mundanismo e de puro sangue da sua já gloriosa carreira na alta sociedade, teria tambem o seu romance. E para realisar esse romance, entre muitos adoradores profissionaes, o que já insistia de ha muito era precisamente Guilherme. Que fazer? Torturada pela suplica de Guilherme o marido, anciando pelo facto que lhe fosse pretexto para não ir — porque Laurinda, sem indagar de razões, sentia-se presa a esse dever, ao dever do amor. Afinal, sempre se decidira. Mais uma vez, Deus do céo! E lá ia sem comprehender porque, para a casa á beira mar ouvir o marulhar do oceano e a voz do Guilherme!

Pobre Guilherme! Estava de certo á espera, torturando as pontas farpadas do bigode, chegára tal-

vez cedo de mais. Tambem não fazia outra cousa agora, passava a vida amando-a; e, ella, decididamente, enfastiava-se. Tudo quanto é de mais, aborrece.

Fôra levada áquillo por mundanice, por cabriolice d'alma, como diria a Sra. de Souza Castro, titular em decadencia, hoje dama de companhia. De ver as outras damas amadas por homens discretos e bem vestidos, achara aquillo *smart* e comprometedor, com um leve tom de crime consentido. Ir assim, no seu carro, no carro do seu marido, entregar-se á paixão do outro, do cavalheiro elegante, parecia-lhe uma nota essencial da moda, lembrava-lhe logo os romances de Paris, a psichologia passional das duquezas de alta linhagem, que ás vezes teem dous, sem contar o esposo.

Era-lhe grata como se a sua existencia fosse a ultima elegancia esperada para fazel-a ultra superior.

De resto, custara, e muito até. Acostumada ao louvor das costureiras e dos intimos, intimamente convencida de que onde fosse a admirariam, muito risonha e muito audaz, quem a visse naquella vertigem de diversões inventando o prazer e o « flirt », não a julgaria no fundo tão profundamente temerosa das cousas positivas...

O pobre Guilherme vivera de platonismos longo tempo. Onde ella estivesse, elle lá se achava. Na rua dava-lhe cercos para lhe tirar o chapéo, curvar-se; em casa, valsando (depois de conversar com o marido, muito seu amigo), escorria-lhe no

pescoço declarações de amor respeitoso. Era a suggestão, a tentação, a perdição... Ella ouvia-o, marcava-lhe o logar da sua frisa para que elle comprasse uma poltrona fronteira, dizia-lhe com antecedencia os bailes e os *five-o-clocks* que teriam a sua presença. Quando Guilherme falou do grande accorde, sentiu um desejo surdo de se negar. Então era fatalmente preciso? O desejo fora, entretanto, muito forte, entontecera-a. Ella, que tinha o nome nos jornaes mundanos, no livro das costureiras e no labio de toda a gente, quiz ouvil-o pronunciado ternamente por um homem elegante. A curiosidade aguçou-se. Como seria emocionante desmaiar, tal qual o pintam nas gravuras e nos romances! Seria antes de tudo *high-life*. Guilherme era *chic*.

Guilherme! que nome horrivel! Mas, coitado, amava-a, estava sempre em toda a parte, tinha uma porção de roupas, andava á ingleza, trotando, com os braços meio abertos, repartia o cabello ao meio como nos figurinos, e possuia um encanto inedito; limava as unhas, dava-lhe um brilho metalico, incrivel, um lustro, que, quando movia os dedos, parecia ter nas pontas palhetas de nacar. Ah! as unhas desse Guilherme!

Quando o joven afortunado lhe premia a mão, o contacto envernisado daquellas unhas dava-lhe num arrepio a delicia de mais um offertorio á sua belleza tão aguda, tão clara, tão moderna e tão perturbadora. Fora talvez essa a unica razão por que se entregara á sensualidade meio *snob*, meio

cerebral, de se sentir despir por aquelles pedaços de um vermelho especial e lustroso, o contacto daquellas unhas artificiaes e extra-humanas. E nos passeios, nos banquetes, as luminosas unhas de Guilherme preoccupavam-n'a como o olhar invejoso de uma amiga, o luxo de mais uma renda, a volupia de uma joia, que se não póde possuir senão á custa de um enorme sacrificio...

Fez concessões a principio, foi só a trechos pouco frequentados conversar apenas, discutir os tenores da companhia lyrica e as infamias da sua roda. Mas, como de uma feita, elle, de mãos postas e joelhos em terra, sem se incommodar com a calça, rogasse a sua ida ao infallivel ninho d'amor, ella cedeu afinal, incapaz de resistir por mais tempo...

Nesse dia foi meia hora antes, e agora, alli no carro, indo outra vez, ainda tinha na memoria a exasperação sensual da tarde intensa. Guilherme, outro, rouco, e aquellas unhas brilhantes, coralisadas, que envermelheciam mais, que se machucavam desfazendo tecidos, que tocavam frias á sua epiderme, luziam nas batistes como carapaças de pequenos monstros estranhos, para acabar empallidecendo, fenecendo de perpassar pela sua carne como fica sem côr um rosto sempre votado á oração... Naquelle momento, toda a sua alma vibrara de um prazer como nunca tivera, o prazer subtil de gozar e desfazer o artificio maximo do outro. Mas, desde então, ficára de gelo, esfriára, deante da pertinacia alvar daquella paixão.

Pobre homem! não se contentara! Antes pelo

contrario, parecia furioso depois do primeiro dia. Pedia-lhe entrevistas a todas as horas, em todos os logares, tinha sempre nos olhos uma queixa, e obrigara-a a dias certos! Ella, uma senhora afinal, achava aquillo brutal, uma violencia de quem paga e que a reduzia, que a humilhava.

Não havia duvida: amava-a. Mas isso não era razão e plausivel para tamanhos excessos. Certamente era gentil: esperava-a sempre com o quarto florido. Mas, em a vendo, era sempre aquelle beijo, o beijo infallivel e a phrase:

— Sempre vieste! como te amo, Laurinda, como eu te amo!

Uf! que banalidade! Era baboso, era de entorpecer. E, positivamente, estragar um dia por semana, roubar-se á admiração do proximo para ouvir aquelle senhor soluçar queixas de amor, parecia até pouco sério. Depois, Guilherme nem sabia, nem tinha prestimo para vestir uma senhora. Os seus vestidos, complicados, com ligaduras difficeis e ousadias de côrte, eram amarfanhados por elle, rasgados, e mesmo, num dia de frio, cahindo do céu a humidade, diante do espelho, Laurinda suava de impaciencia, tanto o idiota custava para lhe atacar o collete — já com as unhas quebradas, sem brilho de se roçarem e de a apertarem.

Antes de ir para essas sessões, Laurinda vestia-se lentamente com a dor de saber que se ia despir, demorava, imaginava afazeres, olhando o relogio. De repente, porém, quando já os ponteiros passavam da hora, não se continha. Mandava tocar a

toda, corria ao *rendez-vous* com a louca vontade de que elle não a esperasse mais. Porque ia então? Ora! porque ia! Por condescendencia, por fraqueza, por não achar o meio sério de se livrar de vez... E só então Laurinda lembrou que ia, naquelle momento, para o supplicio! Pegou do tubo acustico, soprou desesperada :

— Mais de vagar, José!

Se aquelle pobre Guilherme tivesse mais alguma novidade além das unhas! Mas — coitada della! — era certo vel-o ajoelhar, vel-o dizer : —sempre vieste! mostrando as unhas polidas e brilhantes prestes ao sacrificio! Era infallivel que teria um fato novo, que a beijaria como a beijava sempre nos olhos para lhe tirar a *veloutine* do rosto, era fatal que arrebentaria o cordão do seu espartilho diante do « psyché » — que é como a alma do nosso phisico... Ao menos, se o joven feliz não a obrigasse a despir, conversasse apenas, tivesse, emfim, um aspecto novo — vá! Mas não. Havia de ser tal qual, inexoravelmente tal qual. Oh! era estupido!

Um espasmo de raiva fel-a esticar os dedos coriscantes de anneis. Seria eterno aquillo? Não acabaria mais nunca? O monstro abusaria até o fim da sua posição de mulher honesta e fraca?

De repente o carro parou.

Deus! ia começar a tortura, o desespero! As janellas estariam abertas, era certo. O imbecil ainda acabava morando lá! Lentamente, como se levantasse o mundo, suspendeu o *store* de seda

branca, e mais lentamente ainda ergueu os olhos tristes.

A casa estava totalmente fechada.

Hein? Seria possivel? Elle, então — e de subito o desespero suffocou-a — não a esperava mais? Acabara a paixão? Então, elle tambem estava farto, estava cançado? Oh! ella já enjoava, já aborrecia áquelle cidadão que a perseguira dous annos! Mas então essas cousas acabavam assim com a porta fechada, na cara, na sua face! O grosseirão insultava-a a ella, a ella, Laurinda Belfort, esposa de Soares Belfort!

Abriu a portinhola. Saltou. No seu cerebro baralhavam as idéas como se a affronta a ensandecesse. Em de redor, a rua deserta modorrava. No céu muito azul, de um azul muito claro, o sol vibrava, e do mar, que abria pelo espaço um outro céu, vinha a humida aragem de um dia primaveril. Deu dous ou tres passos, certificou-se rangendo os dentes de desespero.

Oh! era ella — para seu castigo, por ter querido ser boa, por ter pena do infeliz, era ella quem não se fazia receber! Oh! a vida! Quantas surpresas amargas!

Meteu-se outra vez no carro, bateu a portinhola. Ah! não! nunca mais! estava acabado! O Sr. Guilherme queria o insulso, o idiota? Tanto melhor! Só assim não perderia mais o tempo, ella que tinha tanto que fazer, que ainda não fora ao costureiro e tinha theatro á noite, jantar, um *five o clock* das Teixeira impreterivelmente ás quatro e meia!

Que bom! E o cretino a pensar que a humilhava, que a incommodava! A rua do Ouvidor devia estar esplendida. Si ao menos ella, Laurinda Belfort, não estivesse muito mal! Sempre que vinha áquella horrivel casa vinha tão sem gosto... O seu vestido era de rendas brancas, sobre um fundo de liberty verde gaio. Abriu o estojo do coupé, tirou um espelho, um pompon de pó de arroz, viu-se, achou-se bella com o seu chapéo que era uma rosa debruada de uma enorme pluma verde pallido. E, de fronte do espelho, a idéa de fugir á humilhação apuou-lhe de novo o cerebro. Não havia duvida. Nada de scenas que demonstrem amor. Apenas, ao encontrar o mariola— uma phrase triste :

— Ah! meu amigo, foi-me impossivel ir hoje!

Gosar a cara delle, negar a sua ida lá, e mesmo que elle dissesse não ter ido tambem mostrar um ar indifferente... Ah! tortural-o com uma indifferença calma, ignorante, com alguns bocejos, até tel-o uma ultima vez e deixal-o, abandonal-o, não ir mais — ella, ella, ella a vencedora! desprezar as suas unhas, o prazer morbido de tocal-as, as unhas... ah! canalha!

Então, sob essa impressão, Laurinda Belfort inclinou-se vivamente :

— José, para a cidade, depressa!

O carro tornou a rodar, emquanto, reclinada na almofada de seda, Laurinda torcendo os dedos, sentia, por mais que não quizesse sentir, a falta daquella hora infame, daquellas phrases tolas, a falta daquellas unhas que lhe davam a renovação

de uma sensação toda cerebral, para ao menos quebral-as mais uma vez mordel-as, desprezal-as. Instinctivamente, na immensa confusão dos seus desejos, olhava os transeuntes com ancia, a ver se o via, a ver se o encontrava, para parar o carro, ou tocar a toda, ou cumprimental-o, ou fingir que não o via... Sabia lá! Mas para vel-o um momento ao menos, o pobre diabo, com os seus bigodes e aquellas unhas da côr do nacar rosa... E nos seus olhos brotavam, de desespero e de desejo, lagrimas a fio, — por não ter tido, apenas naquelle dia, o brinquedo de um pobre ente para torturar e espesinhar, o brinquedo aborrecido uma hora antes...

A PÉSTE

A João Antonio Brandão.

A PÉSTE

E de subito, um indizivel pavor prega-me ao banco. E' um dia brumosamente invernal. O azul do céu parece tecido de filamentos de brumas. O sól como que desabrocha dentre as brumas. O ar, um pouco humido e um pouco cortante, congela as mãos, tonifica a vegetação, e o mar, que se vê a distancia num recanto de lodo, tem reflexos espelhentos de grandes escaras de chagas, de oleo escorrido de feridas á superficie quasi inmovel. O cheiro de desinfecção e acido phenico, o movimento sinistro das carrocinhas e dos automoveis galopando e correndo pela rua de máu pizo, aquella sujeira requeimada e manchada das calçadas, o ar sem pinga de sangue ou supremamente indiferente dos empregados da higiene, a sinistra galeria de caras de choro que os meus olhos vão vendo, põe-me no peito um apressado bater de coração e na garganta como um laço de medo. A bexiga! a bexiga! E' verdade que ha uma epidemia... E eu vou para lá, eu vou para o isolamento, eu!

Um mez antes ria dessa epidemia. Para que pen-

sar em males cruéis, nesses males que deformam o fisico, roem para todo sempre ou afogam a vida em sangue podre? Para que pensar? E Francisco, o meu querido Francisco a que eu amava como a melhor coisa do mundo, pensava todo o dia, lia os jornaes, tomava informações. A média de casos fataes é de trinta por dia. Ella vem ahi, a vermelha, dizia. E já organisára um regimen, tomara quinino, tinha o quarto cheio de antisepticos, os bolsos com pedras das farmacias para afastar o virus. Coitado! Era impressionante. Eu bem lhe dizia :

— Mas creatura, não tenhas medo. Andamos todo o dia pelas ruas, vamos aos theatros. Qual variola! Vê como toda gente ri e goza. Deixa de preocupações.

De manhã, porém, nós liamos juntos, ao almoço, os jornaes. Para que mentir? Havia, havia sim! A sinistra rebentava em purulencias toda a cidade. Um dia em que passava por uma igreja, Francisco ouviu os sinos a badalar sinistramente. Teve a curiosidade de saber por quem tão tristes badalavam e perguntou a um velho.

— E' promessa, meu senhor, é para que Santo Antonio não mate a todos nós de bexiga.

Francisco ficou como desvairado. Ao jantar encontrou-se commigo.

— Ah! filho, falta-me o apetite. Estamos perdidos. E' impossivel lutar. Ella está ahi.

— Acabas doido.

— Antes! fez no orgulho da sua belleza.

Ha uma semana, indo por uma rua de suburbio encontrou com gritos e imprecações um bando de gente que arrastava ao sól um caixão. Era uma pobre familia levando á igreja o cadaver de uma creança em holocausto, para que Deus tivesse piedade e misericordia. A impressão prostrou-o. Chegou á casa ainda mais assustado.

— Sabes! Estamos perdidos. A policia já deixa arrastarem os variolosos pela rua. Dentro em pouco só lepra, a lepra de dentro encherá as ruas. Cada dia augmenta mais, cada dia augmenta. Quando chegará a nossa vez?

— Mas vae embora, homem, sobe á montanha, afasta-te...

E comecei eu tambem a indagar, a querer saber. Então, continuava? Como era? Como se morria de bexigas? As pessoas ficavam muito coradas, sentiam febre. Havia varias especies. A peior é a que matava sem rebentar, matava dentro, dentro da gente, apodrecendo em horas! Palavra, não era para brincadeiras. O Francisco abalara para o Corcovado, uma noite, sem me falar, sem me dar um abraço, e de repente naquella manhã, hoje, sabia por uma nota que elle estava no S. Sebastião, com bexiga tambem, talvez morto! Deu-me um grande impeto! Covarde! Fôra o medo. E agora? Era preciso vel-o, não era possivel deixal-o morrer sem um amigo ao lado. Nunca tive medo de molestias, morre quem tem de morrer. Depois a cidade estava tão alegre, tão movimentada, tão descuidosa. Tomei o tramway quasi tranquillo. Mas ali, tudo

indica a morte, a angustia, o horror, ali é impossivel, e eu sentia um frio, um frio...

— Estamos no ponto terminal; não salta? diz-me o conductor, virando os bancos. Faço um esforço, salto. E vou. Vou de vagar, vou não querendo ir. A impressão de fim, de extincção violenta! Aquelle recanto, aquelle hospital com ar de cottage inglez aviltado por usinas de porcelana, é bem o grande forno da peste sangrenta. Como deve morrer gente ali, como devem estar morrendo naquelle instante. Desço a rua atordoado, com um zumbido nos ouvidos. O mar é um vasto coalho de putrefações, de lodo que se bronzeia e se esverdinha em gosmas reluzentes na praia morta. O chão está todo sujo, e passam carroças da Assistencia, carroças que vêm de lá, que para lá vão. Quasi não ha rumor. E' como se os transeuntes trouxessem rama de algodão nos pés. Só as carroças fazem barulho. E quando param — como ellas param! — é o pavor de ver descer um monstro varioloso, desfeito em pús, seguindo para a cóva... Espero que não haja nenhuma carroça á porta, precipito-me pela alameda que sóbe ao hospital. Vou quasi a correr, paro á porta de uma sala que parece escriptorio.

— O director?

— E' alguma coisa de urgente? indaga um jovem.

— E'. E' e não é.

— Vou prevenil-o. Sente-se. O senhor está palido.

Caio numa cadeira. Sinto as mãos frias. As per-

nas tremem. Eu tenho medo, oh! muito medo... E aquelle trecho de secretaria não é para acalmar o destrambalhamento dos meus nervos. Tudo é branco, limpo, asseiado, com o ar indiferente nas paredes, nos moveis sem uma poeira. Os empregados porém movem-se com a precipitação triste a que a morte obriga os que ficam. Retintins de telephone repicam seguidamente nos quatro cantos. Os dialogos cruzam-se, dialogos em que as vozes falam para dôres inviziveis.

— Mais um doente?

— Ah! sim, sciente.

— Qual? Não ha mais logar. O de nome José Bernardino? Vou ver.

E mais adiante:

— Olhe, 425? Morreu hontem á noite. Se já seguiu? Já.

Emquanto essas noticias são dadas á boca dos phones, ha mulheres palidas e desgrenhadas que esperam novas dos seus doentes, ha velhos, ha homens de face desfeita, uma serie de caras em que o misterio da morte, lá fóra, entre as arvores, incute um apavorado respeito e uma sinistra revolta. Quantas mães sem filhos! Quantos páes a espera da certeza da morte dos filhos! Quantos filhos ali, apenas para tratar do enterro dos que lhe deram o ser. Ella não respeita idade, passa a foice purulenta em tudo, está lá reinando, fóra, no jardim, entre as arvores, morro acima. Os funcionarios têm uma delicadeza fria.

— Que deseja, minha senhora?

— Saber do meu filho. E' 390.

— Ha quantos dias?

— Ha quatro. Ainda ellas não tinham sahido. Foi o medico que disse. Ai! o meu pequeno!

— Está de certo no pavilhão de observação. Vou mandar ver.

— Meu senhor, a minha mulherinha, diga-me por Deus, diga-me.

— Espere, homem. Nada de barulho.

Os retintins telephonicos continuam. Algumas faces não dizem nada. Estão lá sentadas, esperando, esperando, esperando. E ha marcados, marcados do terrivel mal, que vão sahir, não morreram, estarão dentro em pouco na rua com a fisionomia torcida, roida, desfeita para todo o sempre. E elle? E Francisco? Ficará assim? Assim, horrivel, horrivel... E' preciso vêl-o! E' preciso!

O rapaz volta, faz-me um gesto, sigo-o, dou no gabinete do director, muito loiro, com a sua face intelligente vincada de tristeza.

— Então por cá? não teve medo? Está com a mão fria. Ah! meu amigo, a apostar que não acreditava na devastação do mal? Pois é horrivel, é inaudito. Tenho presentemente no hospital setecentos e vinte doentes desde a variola hemorragica, que mata em horas, até a bexiga branca que nem sempre mata. Já não ha logares. Nunca S. Sebastião esteve assim. Mandei construir á pressa mais dois pavilhões. Estou arrazado de trabalho e desolado. Afinal, por mais que se esteja habituado, sempre se tem coração para sentir a dolorosa

atmosphera de desgraça... Mas que deseja? diga.

— Eu desejava tomar uma informação. Está aqui no hospital um rapaz do Norte, Francisco Nogueira, estudante...

— Francisco? Ha tanta gente que entra e tão pouca que sáe... Em que dia entrou?

— Creio que ante-hontem.

— Vou mandar vêr.

Tocou um timpano. Apareceu um funcionario. Falaram ambos. O funcionario saiu, e desde que saiu, um tremor apoderou-se do meu corpo. Estaria morto? Estaria vivo? Aquella carne feita de oiro e de rosas já se teria transformado numa chaga purulenta? E se estivesse morto? Uma creança tão cheia de esperanças, tão enthusiastica, tão pura, sem os páes aqui, sem ninguem a não ser eu que tremia. Nossa Senhora! Que me viriam dizer? E ao mesmo tempo, o desejo de encobrir tamanha emoção forçava-me a fingir um sorriso, a dizer mundanamente coisas frivolas ao homem bom cujos olhos tinham tanta piedade.

— E' o diabo. A epidemia tem impedido varios prazeres da *season*. As grandes estrellas mundiaes, os theatros...

— Pouca gen e.

— Menos do que se devia esperar. Não frequenta?

— Não tenho tempo.

— Ninguem dirá entretanto que a variola...

— Nas grandes cidades as pestes dão uma im-

pressão muito menos dolorosa do que outr'ora...

— Na idade-media, não, doutor.

Mas um nó subitaneo estrangula-me a frase. O funcionario voltara, dava informações baixo ao director. O medico poz-se de pé e deante de mim :

— Está cá. Entrou ante-hontem. Está vivo. O medico da enfermaria diz que ha esperanças.

— Quero vel-o, doutor.

Houve uma pausa grave.

— E' vacinado ?

— Sou.

— Já viu um varioloso?

— Não.

— Gosta desse rapaz?

— E' meu amigo.

O director pensou. Depois :

— E' melhor não vel-o. Aceite o meu conselho. A elle nada falta. O senhor parece tão comovido. Tenha esperança, vá descançar. As emoções fazem mal neste periodo...

— Quero vel-o, doutor, quero. E' um grande obsequio que lhe fico a dever.

O director ainda hesitou um instante, mas deante da minha resolução que se fazia suplica, fez um gesto e eu acompanhei o funcionario, passei a secretaria, entrei no jardim, comecei a subir para o morro, onde entre as arvores erguiam-se os grandes pavilhões, com as redes das janellas pintadas de vermelho. Era ali, naquelles enormes galpões, com janellas forradas de tela rubra que a variola punha

putrefações e gangrenas em corpos dias antes bons. O homem ia depréssa, e eu arquejava atrás, sem forças, com as temporas batendo. Meu Deus! Que iria ver? Que se daria? De repente parou, subiu uma escada. Subi tambem. Abriu uma porta de téla, entrou. Entrei com elle. Abriu outra, passou. Passei com elle. Encaminhou-se para um compartimento. Segui-o. Onde estava eu? Sei lá! Não sabia! Não sabia! Vi-me deante de um leito, onde um cobertor tapava, por completo, um pequeno volume. Para deante havia outros leitos cobertos de vermelhos, outros muitos, cobrindo a negregada. Certo cavalheiro indagava :

— Quer ver então?

— Sim, senhor.

— Não é grave. Esta escapa. Mas tenha coragem!

Depois, com infinito cuidado, pegou das pontas do cobertor e foi levantando aos poucos. Fechei os olhos, abri-os, tornei a fechal-os.

— Não ha engano?

— A papeleta não erra. E' elle mesmo.

Eu tinha deante de mim um monstro. As faces inchadas, vermelhas e em pús, os labios lividos, como para rebentar em sanie. Os olhos desapareciam meio afundados em lama amarella, já sem pestanas e com as sobrancelhas comidas, as orelhas enormes. Era como si aquella face fosse queimada por dentro e estalasse em empolas e em aposthemas a epiderme. Quiz recuar, quiz aproximarme. Só consegui dizer para o horror :

— Francisco, Francisco, então como vaes?

Os labios moveram-se, e uma voz, outra voz, uma voz que era outra, passou vagarosa :

— Ah! és tú?

Emquanto o corpo não fazia um gesto. Era elle, elle, sim, porque sobre a travesseira, só uma cousa não desaparecera delle e da podridão parecia tomar um redobro de brilho : a sua enorme cabelleira negra, com reflexos d'ouro azultinta...

Então veiu-me um louco desejo de chorar, um desejo desvairado. Fiz um vago gesto. O funcionario abriu-me a porta e eu sahi tropeçando, desci o morro a correr quasi, entre os empregados num vaivem constante e as macas que subiam com as podridões. Um delirio tomava-me. As plantas, as flôres dos canteiros, o barro da encosta, as grades de ferro do portão, os homens, as roupas, a rua suja, o recanto do mar escamoso, as arvores, pareciam atacados daquelle horror de sangue maculado e de grangena. Parei. Encarei o sol, e o proprio sol, na apotheose de luz, pareceu-me gangrenado e putrido. Deus do céu! Eu tinha febre. Corri mais, corri daquella casa, daquelle laboratorio de horror em que o africano deus selvagem da Bexiga, Obaluaié, escancarava a fauce deglutindo pús. E atirei-me ao bonde, tremendo, tremendo, tremendo...

Ha epidemia, oh! sim, ha epidemia! E eu tenho medo, meu amigo, um grande, um desastrado pavor...

E Luciano Torres, após a narrativa, cahiu-me nos braços a soluçar. Era de noite e foi ha dois dias. Hontem vieram dizer-me que Luciano Torres, meu amigo e collega, fôra conduzido em automovel da Assistencia do seu elegante apartamento das Laranjeiras para o posto de observação. Está com variola.

ULTIMA NOITE

ULTIMA NOITE

— Perdeste?

— Não, ganhei por treze. Veja você a cabula!

E Armando recebia do parceiro mil réis pela partida de bilhar. Para fazer semelhante aposta fôra preciso a boa vontade do Jeremias, o principal caixeiro, que emprestara os dez tostões e durante toda a partida levara a peruar, grasnando. « Anda com isso, homem. Pois ainda não ganhaste? Olha que se perdes... » Armando suspirou, bateu com o taco no soalho.

— Vamos outra, parceiro? silvou o contendor, um sujeito livido, d'olhar desconfiado.

— Não posso. Tenho onde estar ás sete.

— Quem? você? Qual! o que você tem é medo. Um pichote com uma sorte maluca.

— Ah! filho, quem dá a sorte é Deus.

Mas o Jeremias vinha arrastando as chinellas, em mangas de camisa. E, apanhando as bolas no panno sujo de giz, a apagar um dos bicos de gaz, resmungou tirannico:

— Deixa-o lá. Não lhe dês conversas. O dianho perde e ainda se põe com luxos!

Mesmo ali, entregou-lhe a nota do emprestimo, piscou o olho para outro caixeiro, um camaradão esse, foi até á cigarreria receber fiado um masso dos de carteirinha e uma caixa de phosphoros. Acendeu um, vagou um pouco pela atmosphera deleteria do botequim, repleto de cambistas, de vendedores de senhas, de gente que não tinha o que fazer ao lado de uns tipos de torrinha, que trabalhavam o dia para fazer da clac á noite, olhou-se um instante no espelho. Estava pallido, com olheiras, a barba por fazer e o seu collarinho, emprestado, havia oito dias que lhe apertava o pescoço. Sentiu uma tonteira. Fome, de certo. Não comera desde a vespera, e o dia anterior passara-o com uma media e meio pão com manteiga, repartido affectuosamente com o Clodomiro. Iria comer um beef no frége.

Saiu de vagar, desceu a rua do Senado, entrou numa casa de pasto da rua do Espirito Santo, e foi bem para o fundo, com medo dos camaradas necessitados, que talvez quizessem repartir. O caixeiro, um gordo, com o ventre muito grande e o nariz rubicundo, assentou as duas mãos na toalha suja, e desfiou deante d'elle a lista cantada das iguarias.

— Um beef e um caldo verde.

— O beef depois?

— Está visto.

— Salta um caldo verde! ladrou para dentro o homem.

Armando pediu tambem vinho. Logo que o

caldo lhe caiu no estomago, um calorsinho agradavel percorreu-lhe o corpo, e o estomago pareceu-lhe que acordava — o seu bom estomago, amigo ás direitas, sem exigencias, sem queixumes, um estomago que perdera a noção do jantar e do almoço e parecia dormir-lhe nas suas entranhas. Devorou o caldo com grossos pedaços de pão, devorou o beef, sorveu a meia garrafa de vinho, mastigou duas bananas. Oh! Tinha fome para muito mais! O proprietario porém não fiava, e já era muito aquelle jantar. Apanhou os nickeis do troco, saiu, com as mãos no bolso, e verificou no meio da rua que não tinha nada a fazer. Era um homem, completara vinte annos, conservára rijos os musculos e cheia de ambições a alma. Entretanto estava alli, na calçada, como um trapo, ao deus-dará da vaga humana, sem trabalho, sem morada. Para onde iria elle, coitado? Era onde calhasse que havia de dormir. Talvez ceiasse. E talvez no dia seguinte encontrasse um emprego. Oh! o emprego! Quantas desillusões e a quanta coisa descera para arranjal-o! Lembrou-se de que uma grande influencia politica, um senador, olhando-o muito intimamente, dissera-lhe:

— Veremos, ainda se póde arranjar...

Ainda se póde! Armando sorriu. Ora se ainda! Os seus orgulhos, e sua altivez, a noção de honra, de hombridade, de vergonha tinham naquelles quatro mezes de miseria se adelgaçado assáz. Tudo é tão relativo neste mundo! Quando está a roupa no fio e o estomago vazio está, tira-se partido

mesmo do que nos repugna ao menos para jantar. E elle, perdendo a côr da face, impondo ainda o seu tipo sensual de adolescente, entrava em intimidades perigosas, arranjava pequenas ladroeiras mais perigosas que grandes roubos, metia-se em historias inconfessaveis, e lentamente, cada dia, descia mais.

Aquillo acontecera a tantos! Elle viera da terra remetido a um tio padre que vivia em mancebia com uma cabrocha gorda para os lados da Penha. Era forte, airoso e com essa sensualidade á flôr da pélle que só têm os homens de Portugal. Por causa da cabrocha o tio despachara-o para uma taberna na cidade. Elle ia indo bem e assim passou dois annos. Mas um dia uns camaradas lembraram ir ao theatro, a uma grande revista de certa companhia portugueza. Foi, de terno novo, com um ramo de violetas á lapella. Nunca vira um theatro. Apaixonou-se por todas as mulheres, começou logo a considerar os comicos grandes homens. Nessa noite esperou a saida dos artistas. No dia seguinte, apezar de tomar conta da taberna, ás onze horas saiu pé ante pé para não acordar os outros, bateu a porta e voltou ao theatro. Como não tivessem percebido a sua fugida, todas as noites deu para fazer o mesmo. Estava de dia a cair de somno, mas já conhecia os coristas, já dizia a sua piada ás coristas, já o porteiro da caixa lhe pedira dinheiro para o deixar passar, e uma artista, a Etelvina Soares, uma de pernas grossas, já lhe passara duas cadeiras de beneficio.

O theatro, a caixa, os artistas exerciam a sua fatal tentação e para a folia da noite Armando cortava na gaveta do patrão uma féria permanente. Mas, ao voltar uma noite á taberna, encontrou de pé, á porta, o patrão a bufar de coléra, que o espancou furiosamente, insultando-o a berrar :

— Pensavas, patife, que eu não viria a saber !

Elle foi digno. Que importavam empregos? Exigiu as suas contas, recebeu economias de dois annos que o patrão com a ameaça da policia dera immediatamente, e caiu no oceano d'aquella vida sedutora, despreocupado e feliz. Passava os dias nos ensaios, nas bodegas de artistas meio esfomeados, passava bilhetes de beneficio. As mulheres não o amavam, mas elle conhecia todas; os grandes comicos não lhe sabiam o nome, mas elle, Armando, conhecia-lhes todos os papeis, tinha opiniões, criticava, sabia de cór uma porção de coplas. O ar pezado d'aldeia, desfizera-o a vida da cidade; o tom grosso de caixeiro, aquelle roçar com comicos transformara. Acabou por desprezar os seus antigos collegas, e na noite de despedida da companhia, no embarque da mesma, fez loucuras de enthusiasmo. Ah ! aquillo é que era ! Mas já não lhe restava mais nada das economias e era preciso empregar-se. Empregos ! Todas as portas se lhe fechavam nas casas de commercio, sabendo do tempo em que estivera desempregado. Alguns sabiam mesmo a historia, e o proprio Armando sentia não poder mais voltar áquelle trabalho, emquanto os dias iam se passando pelos theatros, pelos botequins, á

cata de dinheiro, amoldando-se ainda mais á infamia, aos desejos misteriosos, ás pandegas das noites. Por ultimo era aquillo : sujo, com fome, sem ter onde dormir, e entretanto julgando-se mais do que fora antes, julgando-se mais, reagindo contra uma resolução que o fizesse mandar buscar pelos páes ou de novo o pozesse a trabalhar. Que vida!

Armando parou á porta de um botequim numa roda de actores principiantes, de contra-regras, de figurantes. Ha sujeitinhos lavados, bem como os coristas, ha tipos em mangas de camisa, ha tambem estomagos vasios. São conhecimentos das noites passadas em claro nos cafés-bilhares, nas baiucas fetidas de jogo. Armando olha um sujeito de grosso bengalão : é o chefe da claque. Cumprimenta-o, falla-lhe.

— Não tem disso, não! Fomente-se!

Mas é bom, dá-lhe uma senha. De posse da entrada, o rapaz põe-se logo a andar, embarafusta pelo theatro, atravessa o jardim sem ver ninguem, entra na caixa, sóbe uma estreita escada de quatro ou cinco degráos, atravessa um monte de scenarios velhos, que de vez em quando saem da poeira lethargica para um espectaculo de arromba.

Vira á esquerda, passa pelo panno do fundo para a carreira de camarins das notabilidades, sóbe outra escada, dá em meia duzia de bricoetes. Armando abre um. É o do actor Espinola. Quem é o Espinola?

Ninguem sabe. O Espinola foi commerciante,

apaixonou-se pelo theatro, passou miserias atrozes, e vive agora de fazer pontas com cento e cincoenta mil réis por mez. E' timido, é assustadiço, e tem piedade pelos outros.

— Então que ha?

— Parece que a companhia dissolve.

— E' o diabo. Vamos para o interior? Com quem?

— Um pequeno grupo...

Espinola pinta-se mal e dá informações. Com os olhos queimados, a face oleosa pela falta de repouso, Armando ouve-o. Lá em baixo tocam um grande sino. Vai começar. Espinola sai. Armando diminue a luz do gaz, tira o casaco e deita-se na mala. Dormir, não pensar, dormir apenas... E dorme, dorme um somno máo, fatigante, interrompido pelas entradas do Espinola, cortado de toques de sino, de inferneiras de mulheres, de gritos, de musicas. Faz no camarim uma temperatura de caldeira. Afinal, á meia noite, Espinola acorda-o. Terminou o espectaculo. Armando lava a cara, penteia o cabello, prepara-se, saem os dous de vagar. Espinola não tem amantes, e por uma evidente infelicidade, Armando não arranjou nenhuma. Tomam café no largo do Rocio. O bom Espinola, que habita um commodo com mais cinco pessoas, despede-se. Armando, só, sem coragem, volta de novo ao botequim onde ganhou dez tostões. Ha como elle outros rapazes, ha coristas, ha tipos réles. A's vezes fazem-se pandegas. Mas naquella noite ir amanhecer no Leme ou no Mercado? Não, não é possivel.

Os botequins vão fechando, rareia o transito. Passa de vez em quando um bonde. Aparecem os varredores da Limpeza Publica, numa nuvem suffocante de poeira. Armando está ainda á esquina, mastigando a ponta do cigarro. E vê então que ha luar. A lua cheia, muito languida e muito pallida, estende pela casaria a poesia misteriosa da sua luz. Oh! a velha lua! Como consola os tristes e os desgraçados! Armando vai indo a pé, olhando o céo, olhando a lua. Desce as ruelas escuras, dá no gradil do campo de Sant'Anna, rescendente de aromas silvestres. Tudo é calmo, tudo é docemente quieto. A brisa leve embala os ramos das arvores num suave perpassar, e do alto, amplo, como uma amphora de consolo e bemaventurança, o astro derrama a delicia tranquilla do seu esplendor. Não poder saltar aquelle gradil, entender-se na relva, offertar-se á lua numa longa hora de choro e de lagrimas... Dóe-lhe tanto o estomago! Vai até a Central, já com os fócos apagados. Ha uma negra vendendo mingáo para uma roda de noctambulos: marinheiros e soldados ebrios, fufias de galhinho de arruda e chinellas, sujeitos ambiguos de calça balão. Palavrões choviam. A negra lavava a louça, e ao seu lado um canzarrão cinzento, com vestigios de lepra, roncava. Um momento hesitou. Tomaria o mingáo? Mas a viagem? Não! Era melhor dormir, dormir tranquillo. Entrou, caminhou até ao saguão, foi até ao embarcadouro. No saguão havia o vigia a dormir. Na *gare*, um cavalheiro passeava de vagar com uma

formosa senhora. Elle parecia radiante, e ella tinha esse olhar amortecido que as mulheres teem quando querem saber mais alguma cousa na vida. Um perfume delicado errava á sua passagem, e quando ella ria, o seu riso animava a tristeza sombria da estação.

Armando não olhou sequer. Preocupava-o a bilheteira. Quando a viu aberta, comprou um bilhete de ida e volta para o suburbio, correu a um vagon de segunda classe, estendeu-se refesteladamente. Estava só. Ia dormir!

Pouco depois soaram campainhas. O chefe do trem accenou para o machinista com um lanternim de vidros vermelhos e verdes, um silvo partiu, houve um ranger de ferros. O trem moveu-se, a principio de vagar, depois vertiginosamente, deixando na corrida louca o renque do casario, as duas fitas dos combustores.

— Praia Formosa! grita o conductor, saltando para a platafórma.

Entram alguns individuos, talvez cocheiros. Fallam de burros, de atrasos, de parelhas.

— Faz obsequio do seu bilhete.

Armando abre os olhos. No vagon, o diminuto numero de passageiros tem um ar de somno e de fadiga. Havia gente vinda dos bailes, das typographias, do trabalho, e muitos, tambem como Armando, lá se achavam apenas para passar algumas horas fóra do relento. Uns vinham estirados sobre os bancos; outros apenas cochilando. Armando reconhecia-os, sem pena, indifferente.

Tinha que ser. Talvez alguns tivessem ainda a pensão do jantar. Elle sim, elle é que longe da familia, longe da sua terra, sem auxilios, descia a rampa da vida certo de encontrar o abismo, mas incapaz de soltar um grito — por falta de coragem, por falta de energia, porque tinha de ser... Um soluço sacudiu-lhe o peito. Para occultar as lagrimas, puxou as abas do chapéo, virou o rosto. O trem continuava a galopar, sacolejando os corpos. Os campos inundados de luar passavam numa visão branca. E, de repente, Armando sentiu um bem estar. Ia caminho da casa, tinha menos quatro annos. Era tarde, o pai ralharia, mas a mãisinha lá estava á espera, com o fogareiro de espirito, para aquentar o café.

— Boa noite, mãi.

— Meu filho, baixo. Olha teu pai. Por que veíu assim tão tarde? E suado, com este frio da noite !... Não vás apanhar uma constipação.

Oh ! a sua mãisinha. Então sentava-se, contava-lhe tudo, o sonho que tivera, o seu abandono, as dormidas ao relento, as infamias, os engates no jogo, tudo por má cabeça...

— Má cabeça tua, meu filho. Mas tu tens tua mãi. Vai dormir, anda, vai descansar. Descansa que eu te arranjo tudo. Não ha pedido de mãi que Deus não ouça.

Então elle sentia-se ainda mais pequeno, cheio de vontades. Queria uma roupa nova, um par de botas, chocolate. Gostava tanto de chocolate ! Elle pedia, ella promettia chorando. E assim os dous,

a velha é que o deitava, que o cobria com a colcha limpa.

— Dorme, meu filho, dorme.

E elle dormia, dormia tão bem na sua cama, ao lado de sua mãi, na sua casa! dormia bem mesmo, muito, sentindo o prazer indizivel de estar dormindo.

De repente, porém, sentiu um estalo no ouvido. Acordou. O vagon estava cheio. Era de madrugada. O trem voltava cheio de operarios. A manhã nascia lavada e cor de perola. Os artifices bulhentos tinham resolvido acordal-o, e um da roda, todo a gingar, com ar de desafio e de troça, batia-lhe palmas junto ao ouvido.

Armando ergueu-se, encarou-o.

— Estou incommodando, cidadão? chalaceou o outro.

O pobre rapaz recalcou a colera, sorriu.

— Não, até me fez bem... Tirou-me um sonho!

E foi para a platafórma do vagon olhar os ultimos vestigios de uma das suas noites. Que havia de fazer agora? O mesmo que fizera antes, a mesma miseria, a mesma infamia, o mesmo horror. Nossa Senhora! Mas não haveria meio de ganhar a vida, de comer, de dormir, de viver? Não haveria quem tivesse piedade da sua atroz agonia?...

Sentou-se na escadinha, acabado. O trem continuava a galopar pelos campos dourados do sol nascente. A natureza abria em flor, ao beijo da madrugada. Uma corrente pendia entre o vagon em que estava e o outro vagon. Inconscientemente

estendeu a mão. Seria tão interessante pegal-a. Mas custava. Tudo no mundo custa. Estendeu mais o corpo, quasi deitado, estendeu mais. O corpo falseou, pendeu. Quiz salvar-se, numa subita e desesperada angustia. Com os pés enlaçados na grade, ainda conseguiu prender as mãos nos parachoques. Mas um solavanco desprendeu-o. O corpo caiu. As rodas do outro vagon esmigalharam qualquer cousa. O trem continuou na luminosidade da manhã. E ninguem do trem reparou naquelle fim de vida tão desconsolada, sob o calor do sol que começava...

UMA MULHER EXCEPCIONAL

A Forjaz de Sampaio.

UMA MULHER EXCEPCIONAL

— Está a brincar!

— Serio. E' irrevogavel. Preciso um pouco d'ar, um pouco de descanço, de repouso, de socego. A vida desta cidade ataca-me muito os nervos...

Era no salão de Irène de Souza, o salão em que a esplendida actriz fundira o confortavel inglez com o luxo do antigo, espalhando entre os divans fartos da casa Mapple, bergères mais ou menos authenticas do seculo XVIII, contadores do tempo de Carlos V, e por cima das mesas, por cima dos moveis, nos porta-bugigangas de luxo, marfins orientaes, esmaltes arabes, estatuetas raras, photographias com dedicatorias notaveis. Irène de pé, deante da secretária, sorria, estendendo-me as duas mãos finas, nervosas, emquanto os seus dois grandes olhos ardiam mais loucos e mais passionaes.

Irène de Souza! Que legenda e que belleza! Os seus inimigos asseguravam-na apanhada como creada de servir perto de um quartel para os lados de S. Christovão: outros diziam-na filha de uma familia muito distincta do Sul. Ao certo porém nin-

guem sabia senão aquella aparição brusca no theatro, bella como a Venus de Medicis, a arrastar nos decadentes tablados cariocas vestidos de muitos bilhetes de mil, creados pelo Paquin e pelo Ruff. Não era uma pequena qualquer. Era a bella Irène de Souza que queria ser a boa, a humilde, a simpathica, a talentosa Irène. A critica fôra jantar a sua « villa » de Copacabana, onde Irène, ao nascer do sól, num regimem essencialmente sportivo, fazia duas horas de bicycleta e sessenta minutos de natação. E a critica suportara o seu companheiro Agostinho Azambuja, empreiteiro, rico, casado; a critica elogiara Irène, e de chofre todas as actrizes, todos os cabotinos sentiram-se diminuidos lendo no cartaz, em grossas letras, o nome de Irène *en vedette*, de Irène repentinamente *footlight*. Ella continuava tão boa porém, tão amiga, tão simples, tão séria... Tão séria? Deram-lhe todos os amantes imaginaveis em vão, e por vingança afirmaram que os seus dentes como os seus sapatos eram feitos em Pariz, emprestaram-lhe instinctos perversos, e foi celebre a frase de um jornalistinha desprezado : De pé é a Venus de Medicis, deitada é a Venus Androgina. Mas Irène mostrava o claro fio da dentadura com uma despreocupação tal, tratava tão camarariamente os homens que a calumnia tombou.

De resto Agostinho Azambuja tinha uma confiança muito elegante. A lenda era que esse homem vulgar, possuido de uma paixão devoradora, agarra uma pobre rapariga no mais réles alcouce e fizera-a

uma obra sua para dominar a cidade, uma mulher perfeita, falando quatro ou cinco linguas, conhecendo musica, vibrante d'arte e de elegancia que é a arte de ser sempre a tentação. Mas a paixão, o ciume, esses paroxismos fataes de quem quer muito bem, Azambuja encobria-os numa serenidade de bom tom, talvez mesmo para Irène, deixando-a sair só, não lhe perguntando nunca d'onde viéra, recebendo na propria casa os apaixonados que a ella poderiam ser uteis para o reclamo, colocando-a numa posição verdadeiramente superior, sem esquecer o lado pratico, porque lhe assegurava e futuro, comprava-lhe casas, joias. No dia em que correu ter o Azambuja presenteado Irène com uma baixella d'oiro lavrado, herdada do avô, um vago judeu argentario, as mulheres tiveram a certeza da superioridade da rival, e foi notada a resposta do Azambuja a Etelvina, primeira ingenua casada e adultera da companhia :

— Minha filha, já não estou na idade de satisfazer os caprichos de uma mulher. A Irène quem a fez tal qual é fui eu. Vivo do orgulho que ella me dá. E' o meu chic.

— E se o trair?

— Tem bastante espirito para o não fazer, e lucrarias mais se fosses sua amiga.

Mas isso é que ninguem concebia : a Irène sem enganar o Azambuja. Afinal era uma rapariga de vinte e cinco annos, um verão ardentisimo, uma belleza que chamava paixões ! Muita vez no seu

camarim, forrado de seda côr de rosa, faziam-se commentarios.

— Mas não ama o velho Agostinho?

— Está claro que não o posso amar como Julieta a Romeu. Ha uma grande diferença de idades. Mas respeito-o e sou-lhe grata. E' quanto basta. Eis a razão por que resisti a principio e hoje sou invulneravel.

— Francamente?

— Deve comprehender que seria muito parva se fosse perturbar a minha vida e a belleza que vocés proclamam com uma paixão. Ora só a paixão poderia influir. Essa não vem, não vem, e não virá nunca. Conheço os homens.

De facto, tinha razão. Como o seu sorriso tornava-se cortante, as narinas palpitavam e com o seu ar de Diana á caça, ella permetia-se abraços e beijos com as companheiras, mais falsas que a onda, logo se formou irrevogavel a legenda.

— Irène? Amantes não... A Irène procura alguem de quem o Azambuja não tenha ciumes. Lembrar-te da frase do Gomide?

A legenda foi mesmo tão espalhada que subitas ternuras appareceram, e alguns camarotes eram insistentemente ocupados pelas mesmas damas nas noites das suas representações, e varios convites surgiram para tel-a na companhia de senhoras bem cotadas.

— E's uma creatura imperfeita, disse-lhe eu um dia.

— Por que?

— Porque não amas o amor. Lembra-te dos versos do Poeta :

> Que os vossos corações aprendam a viver,
> Amando o amor, amando a perfeição,
> A perfeição da alma que nos traz o prazer
> Supremo e a suprema Illusão !

Ella suspirou, tristemente.

— Se é assim? Que hei de eu fazer? Mas que romantico, Deus!

E todos nós, jantando nas suas pratas, escrevendo a respeito do seu talento, tinhamos aceitado o caso como definitivo. Até Irène mesmo, mostrando predileções excessivas, parecia socegar com a exquisita calumnia e mostrava uma alegria, uma immensa satisfação na vida. De modo que aquella partida brusca, após o seu ultimo successo agradavel numa comedia ingleza, era de desnortear. Ao saber a resolução pelo velho Azambuja na rua, eu tomara um tilbury, interessado como deante da saida de um ministro, e estava ali, interrogando-a, no meio da desordem do salão, onde havia malas, chapéus, plumas, e um intenso cheiro de heliotropo.

— Mas por que partir Irène?

— Porque é preciso.

— Uma briga com o Azambuja? Não? Aquelle ataque da Suzanna Serny? Tambem não? Então? Querem ver que afinal tem uma paixão?

Irène sorriu, no seu kimono rosa, guarnecido de uma leve renda antiga.

— Paixão? Sabe o que estava a fazer, quando entrou? Estava a limpar a secretária, a rasgar declarações amorosas e a atiral-as para este cesto. Tudo quanto está vendo nesta secretária, tudo quanto vê neste cesto — é paixão!

Recuei assombrado. Nunca tinha visto tanta paixão reunida e um sorriso tão destruidor nos labios de Irène.

— Oh! não se assuste! Essa paixão é uma das faces do meu amor ao theatro. O Azambuja sabe e, ás vezes, lê as cartas commigo. Guardo os artigos de jornal num album e a chamma amorosa na secretária. Algumas ainda não li, mas foi por falta de tempo...

— Cruel!

— Oh! E' lá possivel ler tudo quanto a tolice humana escreve? Recebo as cartas de bom humor porque é impossivel zangar, e acabo considerando-as a homenagem anonima, uma especie de palmas num theatro cheio. Quer lel-as?

Uma anciedade invadiu-me.

— Irène, nunca amou? Francamente? Posso ler todas, todas?

— Todas, fez ella. Sem receio. Divirta-se! Eu vou mandar fazer um pouco de chá, feito da flor, enviado directamente da China para um inglez rico que me adorou em vão.

Ergueu-se. Houve um deslocamento de perfumes. A meus pés o cesto abria a fauce abarrotada; diante das minhas mãos a secretária escancarava-se. Hesitei, olheia-a, não resisti.

Ah! o estranho capitulo de psichologia, a descraziante pagina de analise! Daquella papelada subia como uma furia de paixão, de doença, de loucura. Havia mais de quinhentas cartas, havia mais de mil postaes e nesses quadrilateros de papel ardia um arco-iris passional desde a chamma roxa da melancolia á chamma rosa do amor precoce. A primeira carta que abri tinha ao canto um passarinho voando, e começava assim: « D. Irène, queira desculpar, ao receber estas mal traçadas linhas que lhe envio do Internato. Tenho quinze annos e vi-a hontem. Como é bonita! »

— Conheceu?

— Nunca o vi. Pobre pequeno! Do seu primeiro amor não guardará ao menos más recordações.

— Cá tenho outro: « Senhora. As horas fogem e a esperança fica. Quem a chamou de feia e a senhora não sabe quem é. »

— Quantos nestas condições! Vá vendo...

Eu ía com effeito vendo. Peguei de outro: « Adeus, flor da minha vida! E que nas outras cidades deixe os mesmos corações despedaçados. — Maniaco. »

— Este confessa-se maluco!

— O que não fazem os outros...

Mas as tolices, os gritos de paixão, que são sempre ridiculos, não acabavam mais. Eu lia versos, lia pensamentos patetas, via toda a palpitação ingenua do coração dos homens; ameaças de suicidio, offertas de dinheiro, descripções de vida

futura, pedidos de uma humildade de rafeiro, agonias com erros de portuguez, maximas idiotas e generosas ; « A amizade da mulher tem um encanto mais suave do que a do homem : é activa, vigilante, terna e duravel ! », graças nevralgicas de palhaço amoroso. Deus ! O amor, que dolorosa molestia... eu não sei porque um nervosismo incomprehensivel fazia-me tremulos os dedos, eu procurava com ancia, humilhado, espezinhado, como se fosse responsavel por todas as sandices do meu fraco sexo.

— A carta anonima é as vezes melhor que a carta de amor !

— Sabe que teve um pensamento?

— Como os que acabou de ler?

— Não, um pensamento diamantino.

— Pois venha tomar chá.

A criada servia, com effeito, o chá num lindo « tête-à-tête » de porcelana com guarnições *en vermeille*. A encantadora Irène parára ; os seus olhos pareciam levemente inquietos. Eu continuava a remexer a secretária. Uma das missivas era enorme. Abri-a. « Peço a V. Ex. que me perdõe a ousadia, e, genuflexo, reclamo o seu carinho para os queixumes de um coração soffredor. Não sei fazer poesia, sou immensamente avesso ás flores de rethorica e supponho que não me igualarei ao gorgeio dos rouxinóes ou ás azas das borboletas inquietas... »

— Basta ! Basta ! fez Irène, tapando os ouvidos.

— E' a paixão

— Venha antes tomar chá. Olhe a frase de Ibsen, na *Comedia do Amor :* O amor é como o chá. Bebamol-o !

— Ah ! minha querida ! Como os homens são diotas ! Essa mania de escrever cartas d'amor é bem o simptoma de inferioridade. Se elles soubessem o fim das suas letras e o pouco caso que d'ellas fazem as mulheres. Ainda não tive amante que com ella não rasgasse as cartas dos que me tinham precedido.

— Era uma afirmação de que pelo menos no momento não o enganavam.

— Quem sabe?

Ella sorria com a chavena na mão. Era realmente bella. Toda de rosa, naquelle kimono de seda, lembrava uma flor maravilhosa, uma flor de lenda, inaccessivel aos mortaes. Eu comprehendia a futilidade, a tolice, a miseria lamentavel dos homens, diante da seducção de Venus Vingadora, da Venus que não se entregara nunca, e era honesta sem amantes, sem crimes, sem calumnias...

Mas porque ia ella para a Europa? Porque me humilhava com aquella intimidade de correspondencia aberta? Por que? Os meus dedos encontraram uma gaveta. Abri-a. Nunca a linda Irène de Souza amára um homem ! Era honesta, era o Polo do desejo ! Ah ! não... varias cartas. Apanho uma ao acaso. Um sello italiano. Tirei-a do involucro : « Cruel. Hei de matar-te se alguma vez te encontrar a geito. Não me quizeste e eu peno, peno ha cinco annos. Conto que ainda hei de ver o teu

sorriso indifferente, ó 8, ó 8, oitavo do seculo, no mesmo lugar. Preciso muito... »

Não continuei.

— E olhe que tem tambem um doido.

— Palavra?

— Um sujeito que está na Italia, ao que parece. Fala do numero 8, chama-a cruel.

— E eu que ainda não tinha lido! Com effeito. E' curioso. E assigna-se Cezar! Não faz collecção de sellos? A philathelia está em moda.

— Como todas as parvoices inoffensivas. Ainda lá não cheguei.

Depois, parei. Ella estava preccupada, séria, um tanto fria talvez. Decididamente aborrecia a bella Iréne de Souza. E era de comprehender. Irène preparava a sua partida, desejava estar só. Curvei-me.

— Adeus, então. Seja mais humana lá fóra.

— Eu? Com os espias e as agencias de informação pagas pelo Azambuja? Da ultima vez que estive em Paris, Azambuja mostrou-me um *dossier* tão copiozo que eu pensei no *Affaire Dreyffus*. Qual, meu amigo, sou invulneravel. E rindo alegremente: já se vê que *pour cause*...

Sahi varado, porque afinal não ha nada mais impertinente do que encontrar realmente honesta uma mulher que não tem o direito de o ser, e indo pela Avenida Beira Mar a matutar naquella creatura excepcional encontrei o velho Justino Pereira, a passear tambem.

— Poesia?

— Não, idéas. Venho da casa da Irène.

— Boa pega!

— Oh! não, um espirito pratico, incapaz de amar. Mostrou-me verdadeiras cascatas de cartas d'amor.

— As mulheres nunca mostram todas as cartas. E' o seu grande trunfo.

— Velho sceptico!

— Mesmo porque ha cartas que os maridos e os amantes podem ler, cartas desvairadas, sem sentido... Que cara a tua! Pareces creança. Pois meu tolo basta uma combinação prévia, basta uma chave do sentido oculto. Por exemplo: Hei de matar-te. Tradução: não deixes de vir. Peno ha cinco annos. Tradução: preciso de dinheiro.

— Ora o fantasista! Não me vae dizer que a Irène tem amantes.

— E se disser que tem mesmo uma especie de gigolo, a quem sustenta?

Indignado, como se fosse uma questão de honra pessoal, estaquei.

— Sr. Justino Pereira, nada de calumnias. Irène está acima de maledicencia. O senhor calumnía e é pelo menos incapaz de nomear o tal gigolo.

— Oh! filho, fez Justino a sorrir. Soube-o por um acaso, não tenho que guardar. E' até um lindo rapaz, corpo de esgrimista, olhos devoradores. Nasceu em S. Paulo, chama-se Victorino Maesa e partiu ha dois mezes para a Italia.

Como me visse pallido, aturdido, sem saber o mo-

tivo d'aquella emoção, sem saber que como um imbecil eu tivera a carta na mão :

— Estás apaixonado? Contrariei-te? Todas as mulheres são excepcionaes quando se lhes quer prestar atenção. Mas no mundo não ha uma que não tenha um segredo simples, que lhe mostra um reverso inteiramente diverso da aparencia...

E desatou a rir emquanto eu esforçava-me por fazer o mesmo.

A MAIS ESTRANHA MOLESTIA

A Afranio Peixoto.

A MAIS ESTRANHA MOLESTIA

Era o momento verde, o momento do aperitivo outr'ora absintho, hoje uma serie de envenenamentos de cores variadas e de nomes inglezes, a que a leve esthetica sem inventiva dos cafés e das confeitarias continuava de chamar sempre o momento da agua glauca. Por habito, sentara-me a uma das mesas do terraço de confeitaria, os olhos perdidos na contemplação de Avenida, áquella hora vaga tão cheia de movimento e de ruido. No asphalto da rua era a corrida dos carros, apitos, trilos, largo bater de patas de cavallos, chicotadas estalando no pello das magras pilecas dos tilburys, carroções em disparada, cornetas de automovel buzinando arredas, gente a correr, ou parada nos refugios, á espera de um claro para poder passar, o estrepito natural do instante, á hora da noite nas cidades. Nas calçadas uma dupla fila de transeuntes sempre a renovar-se, o cinema collossal d'homens das classes mais diversas, operarios e dandies, funcionarios publicos e commerciantes, ociosos e bolsistas, de vagar ou apressados ao lado

de uma multicôr galeria de mulheres, a theoria infinita do feminino para todos os generos : pequenas operarias, cocottes notaveis, senhoras de distinção, meninas casadeiras, simples apanhadoras d'amor. As sombras, a principio de um azul furfureaceo, depois de um cinza espesso, iam preguiçosamente espalhando o velludo da noite na silhueta em perspectiva das grandes fachadas. A' beira das calçadas, a pouco e pouco os pingos de gaz dos combustores formavam uma triplice candelaria de pequenos focos, longos rosarios de contas ardentes, e era aqui o estralejamento surdo das lampadas electricas de um estabelecimento; mais adiante, o incendio das montras faiscantes, de espaço a espaço as rosetas como talhadas em vestes d'Arlequins dos cinematographos, brazonando de pedrarias irradiantes as fachadas. Ah! os contos de fadas que são as cidades! Os meus olhos se fixavam na confusão mirionima das cores, vendo em cada roseta um kaleidoscopio, sentindo em cada taboleta o sonho postiço de um thesouro de Golconda, a escorrer para a semi-opacidade da noite cascatas de rubis, lagrimas de esmeraldas, reflexos cegadores de saphiras, espelhamentos ¡ aldes de topazios, e eu recordava outras cidades, outras casas, o eterno boulevard, suprema orchestração do bom gosto urbano. Que fazer? Os meus olhos descançaram na multidão.

Algum teempo depois, reconheci, como tendo perdido alguma coisa, os olhos á procura, o nariz ao vento, o delicado Oscar Flores, um ente muito

fino, muito sensivel, do qual diziam horrores e que de resto parecia ter nalma um fatigante segredo. Os segredos fizeram-se para ser contados. Tudo vae de occasião. Que estaria Oscar Flores, com a sua palidez e as suas lindas mãos, a procurar assim? Esperei alguns minutos olhando a ver se via a causa d'aquella aflicção e por fim, quando o jovem se resolvia a continuar, chamei-o ruidosamente. Elle voltou-se, como se fosse apanhado em flagrante. Estava visivelmente contrariado.

— Vem d'ahi tomar um aperitivo.

— Não, obrigado. Tenho que fazer.

— Pois se já perdeste a pessoa a quem acompanhavas?...

— Viste? fez ainda mais palido.

— Vi, isto é — socega — vi que procuravas alguem.

Elle teve um suspiro, deixou-se cair na cadeira. Já agora tomava um cock-tail. O seu caso porém era outro. E fechou-se num silencio nervoso, cortado de sobresaltos, alheiado de mim — o seu habitual silencio em todas as rodas, como sempre á espera de um signal misterioso para partir e desaparecer. Olhei-o então com vagar. Era encantadomente lindo com o seu ar de adolescente de Veroneso, a pelle morena, o negro cabello annelado. Como devia ser feliz assim rico e bello, com a sua bengala de castão de turqueza, a gravata presa de um raro esmalte, a attitude inquieta de um principe assassino e radiante, o Oscar Flores! E fala-

vam tanto mal d'elle! Disse-lhe, intimo e confidencial:

— Então, Oscar, onde estás? E' por isso que te calumniam...

— Ah! tornou sorrindo, ainda falam de mim?

— Cada vez mais. E's o *leit-motiv* da falta de assumpto. De resto ha sempre na vóz do povo um pouco de razão. Estou a acreditar que realmente tens um segredo. Ora os segredos deixam-se para as mulheres e para os homens sem interesse, os homens vulgares...

— Mas não tenho segredos, protestou cansado. Tenho apenas a mais estranha molestia nervosa — que ninguem sabe. Curioso, ein? Deante de mim toda a gente sente a anormalidade, outra esphera, outra vibração. Que será? Os mais espessos — e dessa espessura intelectual se faz a opinião da massa — pensam logo nas degenerações normaes, no centro das loucuras que é a cidade. E não é nada disso, é outra coisa — é a minha molestia. A existencia concentro-a nella, no desejo de domal-a e na irresistivel vontade de satisfazel-a. Tenho estudado, tenho lido, tenho feito observações a ver se encontro outro tipo igual. Absolutamente impossivel...

Tomou um golo de *cock-tail* com evidente prazer, sorriu mais acalmado.

— Todos pensam que é um segredo porque ninguem imagina. E eu soffro desde creança. A principio, na mais tenra idade, apareceu como escan-

dalosa precocidade; até a adolescencia tive-o como um crime horrivel, castigo e prazer do pecado. Com a razão — porque eu sou um sujeito muito razoavel e muito reflectido — vim a descobrir que era um desequilibrio dos sentidos, a exaltação lyrica, o desenvolvimento assustador de um dos sentidos, capaz de dominar os outros, submetel-os e virar aos poucos em fonte de todos os prazeres, em unico foco das sensações agradaveis, em tirano da impalpavel luxuria.

Já de certo conversaste com os artistas jovens, os que falam na realisação da arte, no idéal que jamais se corporifica e é na nossa alma como o perpetuo sonho irrealisavel. A minha molestia, o meu desequilibrio, o imperio de um unico sentido no meu organismo e nesta sensibilidade caldeado numa ascendencia de requintados, deu-me da vida intima uma prévia noção incorporea, deslocou-me para um mundo de fantasia exasperante, fez-me o lascivo da atmosphera, o gozador das essencias esparsas, o detalhador do imponderavel, o empolgado da miragem da vida.

Emborquei tranquilamente o veneno que me tirava o apetite, e murmurei :

— Meu caro Oscar, tenho uma profunda simpathia por ti, em primeiro logar porque és bello, em segundo porque tens espirito, em terceiro porque nem a belleza nem o espirito conseguiram reduzir-te á atroz banalidade de ser totalmente feliz. D'ahi o poder ouvir sem comentario todas as narrativas lindas com que me queres honrar.

Esse teu desequilibrio é de facto de uma psichologia muito subtil, muito trabalhada.

Oscar teve um gesto de impaciencia.

— Quando digo! E' tão inverosimel que ninguem acreditaria. Entretanto tens deante de ti o homem que analysa o seu tormento e não lhe resiste. Sabes que é o sentido soberano? O olphato, apenas o olphato. Sou como o escravo, o ergastulado do cheiro. Tudo é cheiro. E' o cheiro que guia, repele, attrae, repugna, o cheiro é o conductor das almas. As nossas impressões são filhas do cheiro que actua como a luz e muito mais porque ha cégos e não ha ser vivo que não respire e não sinta o cheiro. O cheiro plasma, porque está no ambiente. Os caracteres dos homens são feitos de essencias, as profissões dão aos entes certos e determinados cheiros. Vive oito dias numa casa de perfumes ou no *boudoir* de uma mulher galante, e as tuas ideas tomam o aspecto de idéas com pó d'arroz, de idéas efeminadas, *made expressely* para uma certa roda pueril. Sente o cheiro dos marinheiros, com o cheiro do mar e tres ou quatro escalas de cheiros de oleos refrescados pela viração larga. Um homem sensivel não póde viver muito tempo nesses logares porque o cheiro permanente dá-lhe como uma continuidade da visão oceanica e um estado trepidante que lembra a vagabundagem de grandes navios por mares ignotos. A alma dos entes revela-se pelo cheiro. A das coisas tambem, só pelo cheiro. Conheço os interiores das casas, o genero, a classe das pessoas que as habitam pelo

cheiro, como de olhos fechados dir-te-ei a casa vazia apenas aspirando-a. Posso mesmo dizer-te que cada cidade tem um cheiro proprio, e que eu os sinto ao aproximar-me, ao saltar no desembarcadouro, cheiros que conseguem dar a impressão geral dos habitantes, cheiros honestos, cheiros voluptuosos, cheiros de seio...

— Mas, realmente, é delicioso.

— E' atróz.

— A hiperacuidade de um sentido dirigida com esthetica. E's o homem dos perfumes.

— Não me fales de perfumes, do perfume com a significação normal de extracto fabricado para o mercado. E' outra coisa. Sou a victima do cheiro. Para mim não ha cheiros repugnantes, ha cheiros desagradaveis. Tenho a sensualidade dos cheiros os mais diversos, do cheiro da terra, do cheiro da herva, do cheiro dos estabulos e do cheiro das rosas. Como comecei a soffrer desse desenvolvimento paroxismado do sentido olfativo? Sei lá! Não foi o perfume, foi a extensão vasta dos cheiros que não são perfumes. Em creança, antes de levar qualquer gulodice á boca, instinctivamente cheirava-a d'olhos cerrados, para sentir bem e prelibar deliciosamente o prazer de degustal-a. Depois, quando me tomavam ao cólo, ao beijar-me, achava sempre meio de cheirar, de aspirar as pessoas agradaveis. Cada pessoa tem um cheiro diverso. Na minha infancia a perversão — sel-o-á de facto? — surgiu ensi-

nando-me todo o pecado. Gostei da carne porque cada nuca é um pouco do olor da natureza, e ha bocas que são como orchestrações de odores. Ah! esse tempo ainda ingenuo, esse tempo instinctivo... Eu me envolvia nas roupas brancas que as raparigas já tinham usado, pendia para as cabelleiras com tal ancia aspiradora, tinha uns modos tão pouco normaes que a familia se assustava e as raparigas achavam uma infinita graça. Ah! que pequeno vicioso! Ellas diziam convencidas de que eu gostava apenas do cheiro das suas roupas. Não era, porém. A minha nerviose olfativa se accentuava cada vez mais, cada dia mais com caracter desabridamente sensual, e já rapazola, não distinguia o que me poderia conceder o prazer: a herva molhada, o cheiro dos estabulos, um cheiro de nuca, um cheiro de corpo, e já começava a sentir as cruciantes necessidades de certos cheiros, que eram tão violentas quanto a fome ou o amor. Então era preciso alheiar-me, deixar a roda dos conhecidos, sair por ahi, a ver se descobria o cheiro que eu precisava, o cheiro que não sabia qual era, mas devia tranquilisar-me.

— Tinhas a obcessão de um cheiro nunca sentido?

— Exactamente. Ainda era romantico e até aos dezoito annos tentei com um pouco de literatura e alguns conhecimentos chimicos, o prazer dos perfumes, dos cheiros artificiaes. Arranjei catalogos, estudei longamente, tive baterias de perfumes em frascos de christal, fiz como todo sujeito lido em

livros francezes, a simphonia dos perfumes, a allegoria dos perfumes, a pintura suggestiva dos perfumes, combinando essencias, renovando as camadas d'ar do aposento com pulverisadores cheios de misturas sabias ao lado de incensarios a queimar olencias exoticas. Era perturbador e era irritante. O meu olfato desejava, tal as marafonas que a sorte eleva ao grande luxo, excessos de natureza, virilidades d'ambiente. Esses perfumes que as mulheres usam, esses perfumes com que vocês se civilisam e se friccionam são ignobeis. Na composição chimica da enorme quantidade por mim aspirada senti apenas que poderia fazer um catalogo, dividindo em classes d'almas a diversa temperatura : perfumes quentes, semi-oleosos, perfumes tepidos, perfumes frios. Os perfumes de Haubigant dão sempre a impressão de calidez, de calor opressivo. Os inglezes e os americanos fazem-nos frios, desses que a gente ao aspirar pensa em aguas geladas e madrugadas hibernaes. Meia duzia de refinados francezes conseguem a meia temperatura, evolando-se lentamente. E ha tambem os mediocres, os réles, os que lembram montras de boulevards em bluffs de luxo e de conforto, elegancias por todo o preço de armazens duvidosos.

Quer uns quer outros, entretanto, acabaram por me fazer mal, dores de cabeça, apertões nas temporas, uma impressão angustiosa de acachapamento. Mas era muito artista. Um amigo, de volta do Oriente, trouxe-me então uma coleção de perfumes. Eram maravilhosos. Andei doente e

morno, com uma alma de serralho e de mel por aspirar um frasco de essencia de rosas. Esses perfumes entravam-me no craneo como estofos bordados de pedraria, como broqueis encrustados de gemmas coruscantes. Deixavam-me sonambulico, com frases de antifonario e sonhos de rosas de Chraz, de Kernar, de Kashmir. Vi então que a minha doença não amava as concentrações mais ou menos industriaes.

— Principe Encantador, havia as flores...

— Sim, as flores, amei as flores, tateando na sombra do mal. As flores são as caçoulas dos perfumes naturaes. A natureza condensa nellas o olor das suas paixões, a alma dos seus desejos, as recordações de tonturas, de frenesis ou de grandes repousos celestes. Não sorrias. O que eu sinto não o dizem palavras. E' preciso descobrir frases prismaticas como certos christaes e vel-as á luz do sentimento, que percebe para além das coisas viziveis. Os deuses gostavam de perfumes; o perfume exhorta e exalta. Porque lisongear os deuses com perfumes, se não tivessemos a idéa do sacrificio, do grande pecado da natureza, que elle representa? Ha flores cujo perfume é cinico, outras cujo cheiro é banal, outras cujo olor se celestisa, outras ainda que nos dão desesperos de carne. E' possivel ter á lapella uma gardenia sem sentir cephalalgias horas depois? E' possivel cheirar certas rosas sem odial-as?

— Mas, meu querido, procuras apenas pretexto para dizer coisas infantilmente interessantes. Olha

que antes de ti outros esthetas falaram... Odiar as rosas!

— Sim! odial-as. Ha flores carnudas, as rosas rosas, as rubro negro como sangue coagulado, que a gente aspira, absorve o odor, cheira, cheira, e depois estraçalha com odio porque prometem mais do que dão, porque deixam em meio o gozo, não nos completam o prazer annunciado pelo cheiro. Ah! essa aflição que dá aos sentidos o cheiro de algumas flores, as violetas, cujas emanações são como sons de violino em noites de luar, as tuberosas, crispantes de scio, as rosas chá que cheiram como carnes morenas, o resedá, a flôr do resedá que o Fezensac cantou idiota mente num trocadilho e que entretanto guardam um frio e exasperante odor de germen fecundante, cheiro de marfim raspado... E, para notares a correspondencia de cheiros identicos nas coisas mais diversas, a flôr que cheira a marfim, é tambem, cheiro resumo do cheiro inicial da vida, irmão odor do odor da semente creadora, estranhamente perdido entre as hervas... Oscar cahira num abatimento. Eu começava a temer o delirio.

— Então, se não amas os perfumes que te fazem mal, se odeias as flores que te exasperam, em que consiste o desproporcional dominio do olfato sobre os teus sentidos? E' de certo um estado d'anemia, uma grande fraqueza que te adoece e te faz sensivel aos odores. Não amas os cheiros, temes todos os cheiros desde que elles se especialisam, se individualisam.

— Ao contrario, fez, de novo animado, ao contrario. Tenho entre mim e a vida comum um como véo de talagarça espessa. E tudo quanto na vida se faz, eu sinto pelo cheiro, pelos cheiros, como um « seter » humano, amarrado á corrente da conveniencia. E' a existencia de miragem olfativa, uma existencia em que os cheiros visionam ambientes, descrevem as almas dos tipos que me rodeiam, dão-me sensações de côr, porque ha odores de todas as cores; de sons, de musicas, porque cada cheiro é como um som diverso e o cheiro da baunilha é bem uma nota abemolada diversa do cheiro do cravo vermelho, esse sustenido de clarim; de gosto, porque os cheiros têm gosto ; de excitação, porque todos os sentidos calcados por tamanha acuidade vibram a arcada furiosa de um desejo incomprehensivel, perpetuo, demoniaco, no meu pobre corpo. Oh! não estejas a olhar para mim assim ironico. Ha uma intima correlação entre as sensações do homem normal, que o faz amar a harmonia das coisas e o faz pensar na Belleza esplendente. Quando elle ama e sente assim, na floração da Arte, que é o arrimo da vida, minhando o seu pensamento subtil e vaga essa mysteriosa affinidade entrelaça os sentidos, para que o homem sinta numa curva de anca a musica das linhas, na carne de uma espadua o perfume da rosa, no entreabrir de um labio o sabor dos fructos, na creatura que se desnuda o bruto. Desejo cégo, cáos das sensações... Quando é como eu, porém victima de um só sentido, morbidamente

absorve os outros e leva louco, no delirio perpetuo, a tentar rehaver a harmonia.

— D'ahi...

— D'ahi, fez Oscar afastando nervosamente o *cock-tail* em meio, d'ahi para a minha sensibilidade comprehender que a natureza é inconsciente, que todos esses perfumes ellas os espalhou brutalmente, desvairadamente, e que só um instante a razão lhe voltou, quando fazia a carne, quando criava a criatura, onde todos os cheiros da terra se encontram em suaves nuanças. O que eu amo é o olor da carne, sempre uma orchestração, uma symphonia de recordações d'outros cheiros, o cheiro das bocas, o cheiro dos cabellos, o cheiro das nucas o estonteante cheiro das axillas... Ha cabellos, sabes? que relembram o aconchego arminoso dos ninhos dos passaros, cabellos em que a gente se perde como num immenso oceano de olencias reparadoras, cabellos musicaes que fazem pensar em manacás e em magnolias, cabellos que são o tecido de todos os cheiros reconfortantes. Ha carnes doiradas, carnes feitas de leite e de sangue de cerejas que ao aspiral-as pensa um pobre no descanso dos bosques, em ragaes, em fraudas rusticas, em grandes abraços pagãos sobre as liras. E as bocas? Já reparaste nas bocas? Ha bocas quentes e frias, bocas sem cheiro algum, e bocas que quando falam junto a ti têm um cheiro intimo de rosa murcha, quando te beijam parecem feitas de petalas de rosas, e quando as sugas transfundem a alma como uma essencia especial que parece o mel feito de

todos os perfumes dos campos. As creaturas são as amphoras da harmonia dos cheiros. Cada carne tem o seu corpo odico que é o cheiro, cada ser faz-me sentir a alma pela veste incorporea do cheiro, desse cheiro que cada um tem proprio e jamais igual ao do outro, do cheiro que se procura para aquietar e amar...

— Realmente, com um pouco de « toilette », cada qual faz o seu cheiro.

— Não! não é isso. Talvez pela toillete e a perfumaria sejam-me indifferentes as formosas mulheres que deixam rastilleos de perfumes industriaes e parecem feitas para os retractos de Helleu ou do Amoedo. Não as amo, porque, maceradas de essencias, com os vestidos pulverisados de perfumes, a boca lavada por aguas e pós brilhantes, os labios carminados, a face empoada, são como os manequins da Moda. O cheiro é a alma dos seres. Ellas afogam a alma no artificial para encantar os simples, os brutaes. Os meus instinctos gelam-se, morrem em frente dessas bayadeiras mascaradas com a mascara transparente de outros cheiros. Houve um silencio pezado.

— Ah! disse eu vendo a expirar a confissão, é grave...

Oscar olhou para mim, candido como Adonis, e cançado como se sustentasse nos hombros o mundo.

— Por isso, murmurou, procuro — é horrivel! — procuro as creaturas simples, as que não se perfumam, as que ignoram o postiço ignobil da

civilisação, e guardam o proprio cheiro : as creanças, as adolescencias rusticas, as creaturas que saem do banho brilhando mais e cheirando mais, os que não sabem se cheiram bem porque pensam que o cheiro é a falsificação dos perfumistas. Um lindo corpo, um corpo branco, côr de leite, que tem todos os suspiros campinos das boninas, dos malmequeres, das margaridas, o sonho casto das violetas brancas e o anceio tranquillo, o cheiro animal de qualquer coisa que se não sabe! Um corpo moreno, feito de um raio de sól, guardando a carnação das rosas e o cheiro da lascivia!... Beijar corpos assim, aspiral-os, aspiral-os... E' quando ha a simpathia do cheiro, que é o irmanamento das almas. Tudo quanto toca a pessoa fica com o seu cheiro, o lenço esquecido, um pedaço de movel. Parta ella, desapareça, cheira aquelle pedaço. O poeta sensual já escreveu :

> Ella andou por aqui, andou. Primeiro
> Porque ha vestigios das suas mãos; segundo
> Porque ninguem como ella tem no mundo
> Este exquisito, este suave cheiro.

E é. De chofre, á calentura do cheiro d'ella, uma onda de gozo nos transmuda, faz-nos reviver delicias e nevroses da gama que se acordava com o teu desejo. E' a musica mortal. Que digo eu? A roupa? Os trastes? Não! Basta o labio cançado de roçar, basta o contacto das mãos pelo seu corpo. Nós não conhecemos a propria alma porque não sentimos o nosso cheiro, enigmas para nós mesmos indeci-

fraveis. O cheiro dos outros fica, impera. De volta de um cheiro amado, é cheirar as mãos e sentir o olor do amor como um velador nos proprios dedos. Ah! não! E dizer-te que eu uma vez, ha quatro annos senti esse cheiro, o cheiro do meu amor, numa creatura miseravel, dizer que não me lembro das suas feições pelo muito que me lembro da completa satisfação do meu desejo, dizer que nunca mais a vi, que a procuro, que a procuro e jamais a encontro... Como queres tu que eu ouça as conversas idiotas, como queres tu que pense noutra coisa? Vou em busca do meu perfume, do perfume que amo, da urna desse sonho, do corpo dessa alma. E degringolo a razão, a moral, o respeito da sociedade, rolo o abismo dos logares pouco distinctos, dou-me a relações pouco brilhantes, aspiro todos os corpos a espera de um dia encontrar o perfume incomparavel, a essencia doce dessa carne d'oiro.

— Curioso.

— A mais rara molestia que ninguem sabe.

De repente, porém, os seus olhos chisparam. Ergueu-se. Sorriu.

— Espera um instante.

Sumiu-se apressado. Eu tambem sorri então. Não voltaria. Alguem passara que se parecera com o seu cheiro. Pobre rapaz! Talvez fosse na desvairada luxuria o grande sensual do ideal. E talvez não, talvez fosse um louco. Somos todos loucos mais ou menos. Foi então que vi serem oito horas. Como o personagem do poema, Oscar procurava

novos perfumes no seu cheiro ideal e os prazeres não sentidos, sempre mais amargos e menos consoladores. Ergui-me. Já em toda a Avenida, centenas de lampadas electricas acendiam a sua grande extensão no clarão da luz, — « a mensageira da verdade visivel »...

O CARRO DA SEMANA SANTA

A Elisio de Carvalho.

O CARRO DA SEMANA SANTA

Para nós, vindos de peregrinar pelas igrejas, a luz Auer que illuminava o café era talvez desagradavel. Ficaramos todos lividos, com uma face d'orgia. Sob o tecto baixo, entre as mesas de marmore lustroso, os creados arrastavam os passos já meio exhaustos, e como a sala fosse forrada de espelhos, velhos espelhos que reproduziam apagadamente os perfis, estavamos como num aquarium, exquisitos, espectadores de uma scena em que tomavamos parte, em que nos viamos a representar noutro mundo — um mundo sem data, sem tempo, sem fim. Algumas vezes davamos com um gesto nosso a desaparecer de subito esburado pela falta d'aço num pedaço de espelho, e era desinteressante, desoladoramente desinteressante. De resto, a noite fôra curiosa. Eramos um pequeno grupo : dois homens que riam de tudo e pagavam a despeza, um menino com ares de Antino viçoso, cujos principios todos ignoravam, um poeta obrigado a ser espirituoso, dois jornalistas, eu. Havia tambem um homem chamado Honorio. Tomavamos uma mistura repu-

gnante de alcooes variados e tinhamos vindo cançados de dar encontrões na ultima igreja. A quinta-feira santa dissolvera na cidade a impalpavel essencia da luxuria e dos máus instinctos. Quanta coisa de profano, de sacrilego, d'horrivel haviamos visto no redemoinhar da turba pela nave dos templos? Fufias dos bairros sordidos esmolando com a opa das irmandades para o Senhor Morto, bandos de rapazes estabelecendo o arroxo junto do altar-mór para beliscar as nadegas das raparigas, adolescentes do commercio com os olhos injectados roçando-se silenciosamente entre as mulheres, e mulheres, muitas mulheres, raparigas vestidas de branco de azul, de cores vivas, matronas de luto fechado, pretas quasi apagadas em pannos negros, mestiças cheirando a ether floral, com gargalhadinhas agudas, o olhar ardente, todas como que picadas pela tarantula do desejo. A dolorosa cerimonia tinha qualquer coisa da orgiaco, como em geral as cerimonias religiosas deste fim de raça, em que os instinctos inconfessaveis se escancaram ao atrito dos corpos, nos grandes agrupamentos. Na Candelaria, junto a uma das columnas, o rapaz que lembrava Antino tivera a lembrança de se colocar entre uma cabrocha e um alentado sujeito « para verificar o escandalo » dizia elle. Em S. Francisco, o cidadão Honorio batera no hombro de uma hespanhola de mantilha, apontando-lhe a porta, para dizer-nos quando já ella se sumia : « Uma nevrosada : gatuna de carteiras pela semana santa. » E nós estavamos afinal, naquelle café do

Carceller, perto de duas igrejas a commentar a extravagancia sensual da multidão.

— Fazer horrores junto ao corpo do Senhor Morto! Mas deve ser uma delicia! paradoxou o jovem ambiguo.

— Pois está visto! gaguejou um dos desconhecidos que pagára.

Nós sorriamos, fartos de igrejas e de sacrilegios, e iamos sair, quando o cidadão Honorio, que até aquelle momento não falara, murmurou :

— Tudo na vida é luxuria. Sentir é gozar, gozar é sentir até ao espasmo. Nós todos vivemos na alucinação de gozar, de fundir desejos, na raiva de possuir. E' uma doença? Talvez. Mas é tambem verdade. Basta que vejamos o povo para ver o scio que ruge, um scio vago, impalpavel, exasperante. Um deus morto é a convulsão, é como um signal de porneia. As turbas estrebucham. Todas as vesanias anonimas, todas as hiperesthesias ignoradas, as obcessões ocultas, as degenerações escondidas, as loucuras mascaradas, inversões e vicios, taras e podridões desafivelam-se, escancaram, rebolam, sobem na maré desse oceano. Ha histericas batendo nos peitos ao lado de carnações ardentes ao beliscão dos machos; ha nevropathas misticas junto a invertidos em que os cirios, os altares, os pannos negros dos templos acendem o brazeeiro, o incendio, o vulcão das paixões perversas. A semana santa! Tenho medo desta quinta-feira. Para quem conhece bem uma grande cidade, esse dia especial sem rumores, sem campainhas, é

um tremendo dia em que os sucubos e os incubos voltam a viver. Até as ruas cheias de sombra parecem incitar ao crime, até o céo cheio de estrellas e de luar põe no corpo dos homens a ancia vaga e sensual d um prazer que se espera.

A's palavras do cidadão Honorio fizera-se em torno um espectante silencio. O homem era palido, de uma palidez bistrada. Estava vestido de preto e a sua mão exangue tinha no dedo minimo como a quebral-o um negro morcego d'aço prendendo entre as garras o turvo brilho de uma opala. Só então reparámos que não ria e talvez assustasse almas menos scepticas. Elle, de resto, após uma pausa, continuou sem que lh'o pedissem.

— Oh! sim! Tenho medo desta quinta-feira porque vocês vêm o vicio aparente, o vicio ás claras, o vicio que os jornaes não noticiam apenas em atenção ao arcebispado. Eu vi o vicio que se não vê e dá o calefrio do supremo horror, o vicio misterioso e devorador rodando em torno das igrejas. Ha tres annos acompanho-o. Ainda agora, ao sairmos da Candelaria, lá estava elle na praça, fatal, definitivo, cruel, esperando...

Aquella confissão era a de um doente. O pequeno Antino abriu a polpa carnuda do labio num sorriso de flôr que desabrocha

— Honorio, que vicio é esse? Fale. Morremos de curiosidade.

— O vicio que ninguem vê? Conta lá.

— E' o carro da semana santa.

— O carro? regougou um dos cavalheiros, é boa, é muito boa!

— Quem sabe? fez Honorio pensativo. Depois, num repente: Ha tres annos, quinta-feira de endoenças, resolvi sahir á noite. Não deveria ter saido. Neste dia a cidade visita igrejas. Além das igrejas só a impressionam as confeitarias com os seus balcões de bonbons e os botequins. Sahi, entretanto, assim de preto, com um frack identico. Estive numa confeitaria, hesitei alguns minutos, e afinal, como estivesse no largo da Carioca, comecei a subir para a igreja da Ordem 3ª.

Ia inconscientemente quasi. Ao deixar a confeitaria, tinha o vago desejo de ver se encontrava qualquer coisa de interesssante, e estava ali, de repente, com vontade de uma perversão qualquer, com o instincto de qualquer coisa de bem baixo, de bem vil, de bem indigno, em que refocillar o meu temperamento á solta. Talvez as luzes tremulas, aquella gente que subia de vagar e descia de pressa, o cheiro de suor, de perfume barato, de cosmeticos e de cera, o roçar da canalha, o contacto do meu corpo com outros corpos, pélles de mãos asperas umas, algumas macias, sugestionassem os nervos do meu pobre ser; talvez apenas fosse o fundo de lama com que fomos todos feitos... O facto é que ao voltar a rua da Carioca, eu era um homem que deseja, cuja percepção da luxuria é mais aguda, cujos nervos vibram mais. Uma saia repuxada, o relevo forte de uma anca, os eucoutrões brutaes dos marçanos em traje de ver a Deus,

dois olhos mais acesos, faziam-me parar, retroceder, pensar em frases, morder o bigode, andar de vagar em torno dos vendedores de doces e de refrescos, excitado pela frescura das pélles, pelos trechos de carne ocultos, com as temporas a suar frio e um calor nas faces, uma palpitação... A vontade do acanalhamento devorava-me, e eu ao mesmo tempo que queria satisfazel-a, queria ocultal-a.

Ninguem, todavia, déra ainda por aquella nevrose, quando senti perfeitamente dois olhos pregados nos meus movimentos. Onde esses dois olhos? Eu os sentia, eu os sentia bem. Onde? Voltei-me, observei, desconfiado. A turba rumorejava na semipenumbra. Não havia ali cara que me olhasse. Só, perto do chafariz, dando áquelle canto uma nota anormal, uma velha berlinda com os stores arriados, parecia esperar alguem. Que berlinda, filhos! Lembrava um velho carro da Assistencia. Era suja, era grande, era vasta, quasi um leito. Na boléa o cocheiro parecia de pedra, e os stores de panno vermelho estavam immoveis. Estaria vazia? Esperava mesmo alguem? Dei uma volta indagadora em torno, e tive, oh! sim! tive a certeza de que ali dentro havia uma creatura, que ali vibrava estranhamente alguem, porque assim como sentira o calor, o fluido ardente de dois olhos fixos sobre mim, a descobrir-me a alma, sentia agora que a minha observação perturbava esses olhos. Quem estaria naquelle carro? Quem? Um homem? Uma mulher? Quiz falar ao cocheiro, mas, de repente, a

berlinda poz-se em movimento, desaparecendo pezadamente na rua do Uruguayana.

Fiquei um instante trepidante, nervoso. Mas é um facto que quando as crises de porneia da multidão agem sobre os nervos dos fracos, esses começam por desejar seguir alguem, seja quem fôr, com o desejo fluctuante, o scio indeciso e como que tocado tambem de uma curiosidade malsã pelo vicio dos outros. O carro desaparecendo causou-me uma vaga tristeza. Como seria agradavel o que se fazia dentro, nas suas velhas almofadas! Larguei-me para a Candelaria, que me pareceu um theatro tanta era a gente e tanta a luz electrica, e estava lá roçando-me á turba, quando vi um conhecido. Sai então, á pressa, sem lhe dar tempo aos cumprimentos e ás fataes perguntas; sai, mergulhei de novo nas ruas mal illuminadas, em que o luar punha uma suave pulverisação de sonho. Iria a S. Bento, que tem um morro, arvores, mais sombras, mais recantos sugestivos, o Arsenal pegado e a vista do mar — o pai de todos os grandes vicios incomensuraveis...

Quando, porém, ia chegando ao Arsenal, lá dei com o carro outra vez, vasto como um quarto, com o cocheiro impassivel e os stores vermelhos. A sombra cobria a calçada; no céo andava a lua num estendal d'oiro pallido. Que exquisito peregrinar! que estranha peregrinação! Abriguei-me no desvão de uma porta. Passaram-se dez minutos assim, e era impossivel apagar a anciedade dos meus nervos para descobrir o enigma. A berlinda parecia tre-

mer a capota empoeirada sob o sudario do luar. Depois, rodou de vagar, como se tivesse uma alma e estivesse a disfarçar uma acção feia. Ao chegar ao escuro beco de Bragança parou, a portinhola abriu-se, uma sombra golphou, a então ahi a berlinda precipitou a marcha. Deus! que seria aquillo? Um crime? uma extravagancia? A passeiata de algum crente agonisando, que tivesse feito a promessa de arrastar a sua agonia aos pés de todos os corpos de Jesus expostos? Mas a sombra? Eu amo o horror das coisas inacreditaveis. Meti-me quasi a correr pelo beco. No meu cerebro havia um escachoar de idéas...

Não encontrei a sombra, o vulto que eu vira sair do carro. E a procural-a, de rua em rua, com a face a queimar, fui até a igreja do Rosario. Como? Não sei. O sangue latejava-me nas temporas, um suor viscoso molhava-me a palma das mãos. Quando dei por mim, tinha deante de mim a velha igreja, e ao canto esquerdo do templo, exactamente igual, tal qual, a velha berlinda. Coincidencia... Ha desses encontros de gente que nunca se falará, em reuniões dominadas pelo vicio. Não philosophei, porém. Fui ao cocheiro, querendo saber. — « Olá, camarada, desocupado? » — « Não », respondeu elle seco. — « Pago bem. » — « Não posso, já disse. » — « Tem alguem ahi então? » O cocheiro cuspiu para o lado. « O' seu, va se pondo fóra, se não quer que lhe aconteça alguma. » Fiquei sem palavra e elle tocou.

Mas o desejo de conhecer a razão d'aquellas para-

das á beira das igrejas era muito. Segui por onde vira perder-se a berlinda. « Ainda a vejo hoje! » pensava. E de facto, fui encontral-a quasi ao fim da noite, em frente á cathedral, do lado do largo do Paço. Não me aproximei. Era melhor esperar de longe. O trecho da rua ardia em luzes, tal qual como hoje. Vendedores ambulantes serviam com estrepito refrescos e doces. Gente de preto ia, vinha, passava, desdobrando pelas calçadas negras serpentes interminas. Fuzileiros navaes ebrios, malandros de calça bombacha, marinheiros, formavam grupos perigosos, fóra da calçada. Criaturas ambiguas chispavam olhares desvairados de esguelha, no borborinho da populaça. De repente, o carro começou a mover-se, foi até a rua Sete, depois embicou para a esquerda, para o lado dos jardins. Precipitei-me. A berlinda misteriosa acompanhava um marinheiro, forte homenzarrão herculeo e joven. Não havia duvida. Era. Oh! se era! Ia de vagar, de vagar... O marinheiro, a principio hesitava. Em seguida pareceu comprehender a inutilidade de fugir, relanceou os olhos a ver se o espreitavam, e seguiu bamboleando o passo, — um passo que espera o chamado. Em frente ao Telegrapho parou, cortou pelo jardim, como se fosse para o ex-Mercado. A berlinda rodou mais de pressa pela primeira quebra dos jardins, e foi encontral-o, já atravessando a rua para a rampa. Ahi o rapagão estacou. O carro tambem. De dentro falaram, deviam ter falado, porque o marinheiro aproximou-se da portinhola que se abriu, tra-

gando-o. Fiquei estarrecido, com taes palpitações que sentia no pescoço a arteria bater. Já a berlinda descia lentamente, como quem dá uma volta á espera de freguez. Perto de mim, meia duzia de catraeiros olhavam com esse ar de mordente complacencia que a canalha tem para receber as fraquezas da gente da alta. Compuz a fisionomia, indaguei.

— E' boa aquella do carro, ein?

— E' damnada! respondeu um dos tipos.

— O que admira é a resistencia d'ella! exclamou outro.

— Como resistencia?

— Pois V. S. não sabe? E' a mulher do carro da semana santa. Já está muito conhecida. Vem sempre naquelle carro e chama os que lhe agradam...

— E vocês vão?

— Rapaziada não respeita... ella paga bem.

— E são muitos?

— Ella só aparece na semana santa. Mas é até pela manhãsinha.

Recuei. Ali, naquelle velho carro, rodando á beira das igrejas, uma Gorgona de vicio abria a fauce tragando as flôres da ralé, gente que lhe servia de pasto a troco de dinheiro; naquelle carro silencioso estorcia-se uma nevrose desesperada; naquella berlinda, misteriosamente, a furia de um sucubo, a ancia de uma diabolica fundia nos braços um bando d'homens com o desespero sensual despedaçador! Oh! o vicio que se não vê! Essa crea-

tura, essa creatura! E, ha tres annos, todas as quintas-feiras santas, acompanho a berlinda procurando vêl-a, procurando encarar o polvo de luxuria, que lá dentro distende os tentaculos. Quem será? Uma senhora de sociedade? Uma perdida? Sei lá! Uma louca, uma desvairada, uma desgraçada, de que ninguem sabe o nome, de que ninguem talvez possa reconhecer o semblante, na rua, quando passa... »

— Delicioso caso! fez o efebo literato erguendo o corpo airoso, que recordava os pagens dos Valois.

Honorio poz-se de pé. Todos nós fizemos o mesmo em silencio. A historia impressionara, e principalmente a elle, ao Honorio, ao proprio narrador. Talvez quizesse ainda rever a berlinda. O facto é que chegou á porta, consultou o relogio, e ia despedir-se, quando de subito esticou a mão exangue, onde a opala lembrava o perturbado brilho de sua alma.

— Olhem, lá está ella, lá está... Era fatal... Ninguem sabe o que encerra. E' o segredo das victimas. Não. E' o segredo d'ella apenas... Espera de certo alguem. Estão vendo? Naquelle pedaço de sombra, junto á igreja... Ao lado ha um beco. A victima sahirá do beco... Espantoso. Já ouvi dizer que é uma mulher com bexigas, outr'ora bella. Um dos convidados conseguiu, disse-me, ver-lhe a cara atravéz do veu. Conta que é queimada. Mas não. Outros asseguram que tem pustulas. E' a lenda. A opinião geral é mesmo a de ser uma formosa senhora de alta posição. Não! não é nada d'isso.

E' apenas o horrivel vicio que se não vê, a luxuria exasperada...

Nós olhavamos a sombra, nervosos, como á espera. Honorio falava intercortado, estava quasi de cêra, e parou subitamente de falar. Uma camisa branca surgira á portinhola da berlinda, parára. Era um adolescente. Vimos um gesto de negativa, vimos, apezar do gesto, a portinhola abrir-se, vimos o rapaz pôr o pé no estribo, ser como que puxado, e logo o ruido seco da portinhola.

— Mas é um crime! ganiu um dos senhores que pagavam as despezas.

— Quem sabe? fez frio o cidadão Honorio.

Nesse momento as luminarias da igreja apagaram. Acabara a visitação ao Senhor Morto. Havia a confusão natural nos fins de taes solemnidades: gente apressada, senhoras nervosas por apanhar conduções, homens parados a ver se lhe agradavam as mulheres, gritos mais fortes de vendedores ambulantes, estalar de chicotes, carros, chamados, pragas. E, como a rua tivesse cahido na sombra, já se sentia o luar da noite esplendida illuminar os jardins interminos, lá, mais longe.

O cidadão Honorio despediu-se. O carro rodava de vagar no meio da turba compacta. Era o mesmo carro de que ouviramos a historia, velho, sujo, vasto, lembrando a Assistencia, o mesmo a levar o horror desesperado, a furia da volupia voraz, o pavoroso misterio do vicio delirante...

INDICE

Dentro da noite .....
Emoções 13
Historia de gente alegre 25
O Fim de Arsenio Godard 41
Duas Creaturas 59
Coração 75
A noiva do som 101
Sensação do passado 113
Aventura do Hotel 127
O Monstro 141
O Bébé de Tarlatana Rosa 153
A Parada da Illusão 165
Laurinda Belfort 179
A Peste 193
Ultima noite 207
Uma mulher excepcional 221
A mais extranha molestia 235
O carro da semana santa 255

Paris. — Typ. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères. 368.10.1910.

OBRAS DO AUTOR

As Religiões no Rio, 8.ª edição.

Alma Encantadora das Ruas, 3.ª edição revista.

O Momento literario.

Cinematographo (chronicas cariocas).

Frivola City.

Era uma vez... (contos para creanças em collaboração com Viriato Correia).

Jornal de Verão (chronica de Petropolis).

TRADUCÇÕES

Salomé, poema dramatico de Oscar Wilde.

O Retrato de Dorian Gray, romance de Oscar Wilde.

Intenções, de Oscar Wilde.

O Leque de Lady Windermare de Oscar Wilde.

Oscar Wilde, por Harlgorough Sherard.

THEATRO

Ultima noite, episodio dramatico em 1 acto, representado no Theatro Recreio Dramatico em a noite de 8 de março de 1907.

E.M. 22.3.68

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY